

NO III N. 151
6
ABRIL
1944
PREÇO AVULSO
ESC. 1\$50



Leia neste número uma entrevista sensacional

Um reporter à procura de Amália Rodrigues



**VIDA
MUNDIAL**

ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

A técnica do guarda-chuva

DAQUI se pede, clamorosamente, a ingente instalação duma escola para ensino da técnica do guarda-chuva!

Porque, senhores, numa terra onde o espírito de providência deve pairar sempre no cimo de oitocentas mil pessoas, não faz sentido que qualquer peão transite pelas ruas guiando um daqueles aparelhos de varetas que podem, por negligência ou precipitação, tirar os olhos aos incautos, provocar arranhaduras, esfarrapar fatos, impedir o trânsito, além de outros inconvenientes desastres que havemos de enumerar. Não basta dizer, pela manhã, mal se põe a nargueta fora da janela, olhando as nuvens com ares de superior entendimento: «Vamos ter chuva! Dá cá daí o chapéu!».

E depois, pronto! Não tem responsabilidade nenhuma; pode ser nervoso, dispéptico, neurálgico, o que é certo é que de chapéu na mão atravessa a cidade, atropelando todos, rompendo, esfarrapando, riscando, sem que, de luva branca e capacete, o sinalheiro lhe peça a «carta» — e o multe por transgressão. Conduzir um chapéu de chuva não é tarefa fácil! Obedece a um determinado número de requisitos que só o roteiro da cidade, as grandes caminhadas podem, com a experiência, facilitar.

Devia ser punido quem, incautamente, mete um chapéu de chuva na mão duma criança, sujeita, coitada, a molhar-se toda, a revirar as varetas — uma das grandes técnicas do chapéu — e a atropelar os outros. Assim, devia formar-se uma escola para ensino da técnica do guarda-chuva. Bons instrutores dariam as aulas. Far-se-ia mesmo — como se faz, aliás, para o guarda-livros e para a costureira — um curso por correspondência para alunos da província e do ultramar português. Aulas práticas, sobretudo. Pôr o aluno, por exemplo, em dia de vendaval, no Alto de Santa Catarina de chapéu aberto, virado ao Norte. Teria que caminhar assim, dez passos sem entortar as varetas. As provas de exame poderiam ser feitas no Arco Marquês de Alegrete, à saída das lojas, pelas sete horas, no meio daquele impetuoso trânsito. O examinado deveria atravessar aquela artéria, de chapéu aberto, bem resguardado da chuva, sem tocar nos outros, guiando com correcção, sem sair fora dos passeios. Nas aulas técnicas explicar-se-ia que é uma utopia a tese que diz que o guarda-chuva resguarda da chuva. Nada disso, é tudo uma ilusão. Pela rosa dos ventos, o professor mostraria que a chuva sofre sempre a influência de qualquer brisa. E, por consequência, as dobras das calças, a perna até às canelas, o resto do corpo que apanha as gotéiras ficam sempre, implicitamente, molhados. Só depois do aluno ter prestado boas provas é que lhe seria atribuído o «brevet» de «piloto-chuveiros». Os ventos, as chuvas inclinadas, marcha-atrás e paragens forçadas, atravessar ruas e entrar de espuelha nas escadas, enfiar nas plataformas apinhadas dos eléctricos, cruzar no meio do trânsito, com as duas mãos ocupadas — uma com embrulho e outra no guiador — cumprimentar uma senhora, descobrindo a cabeça, tudo isso seriam os temas das aulas.

(Isto, aqui para nós, era uma rasteira de exame: porque, na verdade, não há vantagem em cumprimentar, cerimoniosamente, uma senhora tirando o chapéu da cabeça quando, afinal, o tóuço fica coberto pela abóboda negra do guarda-chuva). Editar-se-iam três livros: «A arte de bem andar a toda a pressa», «O manual do aspirante a «piloto» de guarda-chuva» e «As cem maneiras de utilizar a sombrinha», para as senhoras. Evitar-se-iam, assim, cenas como esta presenciada em pleno Chiado. Um sujeito gordo, uma avalanche de noventa e tal quitos, de chapéu aberto, mas um enorme chapéu. Debaixo da abóboda iam, além dele, a mulher — disseram-me que era a mulher! — delgada e esguia, três filhos e a criada com uma maleta. Pois aquilo tudo a passo de procição. Era um chapéu inesgotável. Claro que atropelavam, riscavam, partiam tudo quanto apanhavam à frente. Que eu visse, mais de dez chapéus de cabeça rolarem na lama atropelados pelas varetas. Pois senhores, se houvesse a escola, se este homem tivesse a responsabilidade da sua carta de «piloto», já sabia que era autoado.

E era, sobretudo, por excesso de lotação...

MANUEL MARTINHO



HOJE FALA-SE DE OIRO!...

PENSA-SE que a primeira grande obra da ourivesaria portuguesa data do tempo de D. Sancho I e costura duma imponentíssima cruz processional adornada com pedras preciosas. Essa cruz foi oferecida ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra e cre-se que a sua conclusão teve lugar em 1214.

Há quanto tempo já! Então, anunciavam-se por todo o mundo os inegáveis tesouros guardados na Hispânia e uma frase tomava-se célebre entre aventureiros e ambiciosos: «aurum quod Tagus volvit».

Mais tarde, os reis portugueses, duma grande prodigalidade para a Igreja, incrementaram o desenvolvimento das obras primas trabalhadas pelas mãos mágicas dos ourives de Portugal.

Os monarcas desejavam demonstrar a Deus toda a sua gratidão e todo o seu reconhecimento. Para isso ofertavam aos templos dádivas magníficas e raras.

O ouro e a prata andavam de mãos dadas. E um dia conseguiu apresentar-se esse máximo de perfeição, de beleza, de arte que se chama a Custódia de Belém ou dos Jerónimos, famosa de geração em geração. Mandada executar por D. Manuel, com o primeiro ouro vindo de Quiloa — essa custódia que, no parecer do eminente João de Barros, era tão rica na obra como no peso, arrancou aos próprios estrangeiros um olhar de deslumbramento. William Beckford afirmou peremptoriamente: «Não há coisa mais bela como espécime de bem trabalhado labor gótico do que esta complicada peça esmaltada».

Ligavam-se então, ao ouro, não só pedras preciosas como também esmaltes delicadíssimos e purísimos.

Quantas e quantas obras primas não ficaram a atestar o mérito exemplar da nossa ourivesaria! Basta invocar duas, ao acaso... O cálice de ouro do Mosteiro de Alcobaça... A Cruz de ouro, existente na Catedral de Évora...

É certo; depois de uma época faustosa e triunfante, sobreveio, como é de calcular, a decadência. Decadência que foi pena e mágoa e tristeza.

Contudo, atrás do tempo corre o

tempo. E, assim, esforço a esforço, a arte da ourivesaria portuguesa tem reconquistado o seu lugar de relevo.

Olhemos esse magnífico centro de mesa, todo em prata cinzelada, estilo D. João V, que encima estas colunas.

Trabalho prodigioso, duma finura extraordinária — é ele grande, em qualquer parte do mundo.

Mãos anónimas ajudaram a trabalhá-lo. Mãos anónimas, por Portugal inteiro, colaboram na obra de ressurgimento da nossa ourivesaria.

Por isso — se falamos de ouro — devemos falar também das mãos anónimas que sabem fazer maravilhas com a prata, com o oiro e com tanta coisa mais...



ENCONTRAMO-LO, estava ele no jardim de Santa Catarina, encostado ao gradeamento, quieto, olhos fitos no Tejo, a que uma bonita — uma lua cheia, muito redonda — dava cintilações.

Alto, magro, tal como a figura clássica do jornalista, Erwin Thomann deitava-se mirando o nosso Tejo, os perfis de barcos, o casario que se estendia a tábua à largura de seus olhos, como se fossem casas de cartão, empoleiradas umas nas outras, e pertencentes a um mundo de bonecas.

Tocámos, ao de leve, no seu ombro. Erwin Thomann, porém, não despera, apegado àquela seu doce sonho de embalar. É tão lindo o Tejo!

— Alló! — quasi lhe gritámos. Então, ele desperta, olha-nos, sorri e fica um nadinha envergonhado de ter sido apanhado naquela atitude romântica contemplativa.

— Estava a ver o mar — diz-nos, assado à lala de desculpa, num francês quase puro. — Tenho a impressão de que os lisboetas ainda não deram por ele... — Porquê?

Ele aponta-nos o Jardim deserto:

ESTÁ DE ACORDO COM ISTO?

Escrevem-nos das Companhias Reunidas Gás e Electricidade a informarmos que o caso aqui exposto pelo Sr. Sebastião Forte, Rua Açores, 9, 3.º, já foi devidamente investigado e tratado por pessoal daquela Companhia.

Congratulamo-nos com o facto, pois é só prova que esta secção — tribuna aberta ao leitor — alcança plenamente o objetivo a que se destina.

E satisfaz-nos ainda a gratidão e a correcção com que as Companhias Reunidas Gás e Electricidade tratam de todos os casos que lhes dizem respeito, sobretudo no que se refere a racionamento de luz.

Se uma dúzia de laranjas custa a nós público, cinco escudos, custará, naturalmente, muito menos, a um comerciante.

Mas admitimos mesmo, por comodidade, que o comerciante paga por elas cinco escudos. Usando a aritmética elementar, chega-se à conclusão de que o preço de cada laranja é, em números redondos, de quarenta centavos. Agora juntamos a estes quarenta centavos o custo de três colheres de chá de açúcar, a água, o gasto do copo e da colher, e ficamos com, o máximo, sessenta centavos.

Feita toda esta conta, ousa perguntar: estão de acordo, alguém pode estar

de acordo que uma laranjada feita apenas com uma laranja e açucarada com três colheres, custe dois escudos? Que margem de lucros é esta? Cem por cento não será muito? Providências, meus senhores, se não ainda ficamos sem camisa!

J. R. SANTOS

Há coisas que não percebo nem poderei perceber por mais voltas que dê à cabeça. O meu telefone tem malheiro. Pois para pedir o 81 ou o 58, isto é, para pedir à telefonista de uma dessas estações o número desejado, sou obrigado a carregar no botão e, por consequente, a perder os meus ricos cinco tostões. Digo perder, porque acontece às vezes o número pedido estar ocupado e, nesse caso, torno-se necessário gastar mais cinco tostões e voltar a pedir 58 ou 81.

Se por azar o número ainda não está acessível, são mais cinco tostões, naturalmente, e por aí fora até o pobre do assinante jiar depenado ou mandar ao diabo o telefone.

RUY SEABRA

A Companhia das Águas não aceita fiador em dinheiro corrente. Sou comerciante e tenho que pedir favor a outro comerciante para me afiançar, o que não preciso, ou ser afiançado à força pagando 45\$00 mensais. Pergunto a quem de direito se o dinheiro serve para afiançar criminosos porque não há-de servir para me afiançar a mim do meu consumo de água de 6 a 8 escudos?

ANTÓNIO AVELAR
R. Antónia Andrade 7 r/c E.

CINCO MINUTOS DE ENTREVISTA

«LISBOA É UMA CIDADE ESTRANHA!...»

— Como se compreende que isto não esteja chelo de gente? Passo aqui grandes bocados das minhas noites. As duas, três horas da manhã, o espectáculo é sumptuoso. Ainda não vi nada igual!

Encostámo-nos, também, ao gradeamento. Lá no fundo, via-se uma negazinha da Avenida 24 de Julho. O combóio para o Estoril passou numa corrida rápida e barulhenta.

Pusemo-nos a falar. Erwin Thomann está há pouco entre nós como enviado especial da Agência Telegráfica Suíça, além de correspondente de vários jornais de Zurique.

Fala de Lisboa com entusiasmo: — Não conheço cidade nenhuma que se lhe possa comparar. Todos os locais são pitorescos, de uma beleza impressionante para um estrangeiro.

— Nada o surpreendeu? Oferece-nos um cigarro. — Oh, tanta coisa me surpreendeu! As varinas, por exemplo, com os seus trajos e a canastra à cabeça, as mulheres da hortaliça, os «ardinas», os cauteleiros... — e ri-se. — Aqui nem é preciso uma pessoa sair de casa. Tudo lhe vem bater à porta.

A Avenida da Liberdade merece-lhe palavras de admiração. O Rossio... — Ah, o Rossio! Não imagina! A primeira vez que entrei no Rossio e vi tanta gente parada nos passeios, tive a impressão de que se tinha passado qualquer coisa de especial. Agora já estou habituado... e já sei que é para ali que se marcam os encontros...

Como não podia deixar de ser, fala-se da guerra.

— Portugal, a Suíça e a Suécia são, na

Europa, os três países verdadeiramente neutros. Formam, por assim dizer, uma espécie de entente... A Suíça interessa-se imenso por tudo o que diz respeito a Portugal, tanto assim que me mandou para cá.

— Pensa regressar breve? Sacode a cabeça: — Não! Penso ficar — e para sempre! Outra pergunta: — E o que lhe parece o jornalismo em Portugal?

— Diferente do que se faz na Suíça. Os nossos jornais não publicam telegramas sobre a guerra. Todos têm os seus correspondentes, que lhe enviam artigos e crónicas. A nossa paginação também é diferente. Mais «clássica», chame-mo-la assim. Admiro imenso a «Vida Mundial Ilustrada». Tem um aspecto de grande revista internacional.

Agradecemos, encantados. — Sabe? — diz-nos Erwin Thomann — não se vendem jornais portugueses na Suíça. Pelo menos, nunca vi lá nenhum. Não percebo porquê. O futebol português também interessa muito aos suíços. O Peyroteo, o Azevedo, o Espírito Santo são nomes lá imensamente conhecidos...

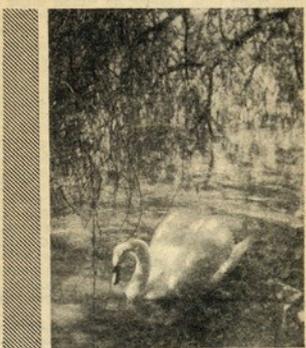
Passa um barco, todo iluminado, a caminho da Outra Banda. Erwin Thomann pega-nos nos braços para exclamar: — Não é belo?

— Está, então, encantado com Lisboa? Sem desfilar o Tejo, é responde-nos: — Sim... muito... Lisboa é uma cidade estranha...

E a sua voz, baixa, sussurrada, trazia as modulações do mar...

REPORTER UM

Um sonho... ou talvez não!

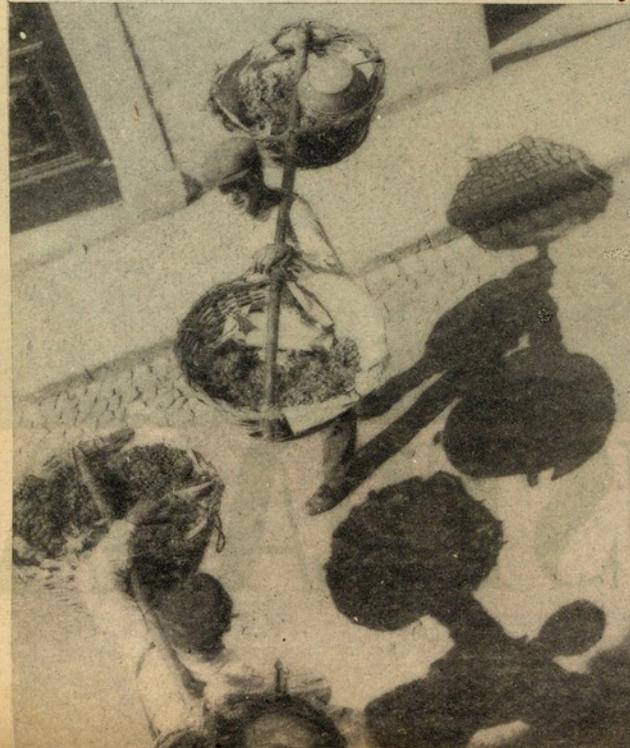


Lisboa não tem muitos jardins nem muitos lagos, com peixinhos a brincar nas águas de esmeralda. E também não tem muitos lagos com cisnes silenciosos e altivos, deslizando no espelho das águas. No entanto, as crianças gostam até ao delírio da plumagem dos cisnes, dos seus movimentos lentos e galantes, porque eles são sociáveis e amorosos. Se Lisboa tivesse muitos parques com muitos lagos e muitos cisnes a vogar como um sonho gentil — ftearia mais bonita e espiritual, como se vê nestas imagens do Campo Grande.

Ah! que se a Câmara quisesse — Lisboa bem podia!...

(Fotos João Martins)

Deite cá abaixo o cabaz!



Na hora das interrogações

PRECISAMENTE há três semanas abria-se a crónica habitual desta página com uma interrogação: «Que se passa?». E, dentro do mundo de incógnitas que podem caber dentro destas três palavras, punham-se concretamente os indícios de uma certa «malaise» política que o espectador desavisado pode não apreender, mas que o observador atento, mesmo sem ser especialmente informado do que vai na vaga de fundo, não pode deixar de perceber, só pelos sinais exteriores. Londres, Washington, Moscovo, as três sedes da coligação anti-alemã, embora evidentemente empenhadas a fundo na guerra ao inimigo comum — não vão precisamente ao ritmo de atrás corações e compassos. Para além da guerra, cujo desfecho, nas três capitais, se tem já por certo, fica um infinito de objectivos individualizados que tomam corpo, e mais se diferenciam à medida que o tempo corre. O discurso feito, há semanas, por Churchill, perante a Casa dos Comuns, deixou bem perceber que seria de esperar uma quadra de dificuldades no acerto com os Estados Unidos, que vão entrar em período de propaganda para a eleição presidencial de Novembro — e é certo e sabido de expressão e de crítica — na ordem interna americana — que se reflectirão, inevitavelmente, na política de condução da guerra. Na mesma ocasião, Churchill, abordando o problema polaco, cautionava a sua tese de Moscovo, assim como, no caso jugoslavo, tomava posição aberta a favor de Tito, contra o governo de Pouritch e o próprio rei Pedro. De tudo isto foi possível haver quem concluisse que, para efeitos futuros, a Inglaterra se aproximava mais da Rússia que dos Estados Unidos, o que, de certo modo, podia interpretar-se como o primeiro passo do «reajustamento» inter-continental para depois da guerra.

Entretanto, pode anotar-se uma série de factos denunciadores de que cada um procura desde já tomar posição e acutular a sua influência futura. A notícia de que parte da esquadra italiana seria cedida à Rússia provocou um compreensível movimento de surpresa. A revelação foi dada de Washington. Em Londres não faltou quem sentisse qualquer coisa como uma espécie de ninho atrás da orelha. Na Itália, a impressão foi naturalmente profunda — e a propaganda desencadeada pelo que resta do fascismo organizado explorou a fundo a situação. Badoglio, que vibrou o golpe no fascismo e negociou com os Aliados até ao ponto de obter o estatuto de co-deliberante, sentiu-se ferido no seu prestígio e ameaçou demitir-se. Mas não tardou a sobrevir outro lance inesperado: a Rússia, rompendo com as regras de uso, reconheceu de direito o regime de Badoglio e decidiu enviar-lhe um embaixador — talvez na recordação de que tinha sido a Itália fascista a primeira potência a reconhecer oficialmente a Rússia comunista... Londres e Washington experimentaram outro momento de surpresa, pois que, nas duas capitais, a situação jurídica da Itália é ainda a de um país que depois das armas mas com o qual se não assinou a paz, vigorando ainda o regime do armistício assinado a 3 de Setembro em Siracusa. Isto é: Londres e Washington mantêm a Itália numa posição, digamos, de quarentena, do mesmo modo que não reconheceram até agora o «Comité» de Argel como Governo francês. Moscovo, para si atitude diferente, fazendo o reconhecimento total das cláusulas de Badoglio e de De Gaulle, junto dos quais acredita embaixadores. A permanência do vice-comissário Vjinski no Mediterrâneo é um sinal de interesse pelo que se passa nessa zona — e um comentador naval alemão, interpretando os boatos de cedência de navios à Rússia, aventou que tal cedência implicaria, naturalmente, a de uma base, que seria Argel ou — até mesmo! — a ilha de Malta. Claro que é perigoso aventurar-se o observador, justamente preso a preocupações de neutralidade estrita, em deduções muito prolongadas. Mas todos estes factos surgem com feição de um encadeamento. Não vimos Argel fazer orelhas moucas, no julgamento de Pucheu, aos conselhos anglo-americanos para que se não executasse a sentença de morte?

Finalmente, a 25 de Março, anunciou-se que Churchill faria um novo discurso pela rádio. «É o último discurso antes da invasão» — aventou-se. O Primeiro Ministro falou precisamente 46 minutos e serviu-se de um tom desprezencioso, no género que Roosevelt costuma imprimir às suas clássicas «palestras à lareira». O balanço foi positivo, evidentemente, porque a marcha da guerra tem sido favorável ao bloco das Nações Unidas — mas anotaram-se muitas omissões. A imprensa inglesa registou-as — e sentiu como que a falta de uma declaração sobre os objectivos da guerra — já que os que foram fixados na «Carta do Atlântico» se têm de considerar prejudicados. Que se passou? Na primeira oportunidade — por uma coisa de nada, sem ligação com a condução da guerra ou o esforço a ela necessário — o gabinete foi pôsto em cheque no Parlamento. Churchill, que é um verdadeiro temperamento de lutador — pôs o seu ponto de vista de «sou tudo ou nada», e não lhe foi difícil ao declarar a questão de confiança, «refazer a quinquanquididade. Mas as próprias eleições suplementares, na Inglaterra, têm servido de termómetro para registar a temperatura de muitas inquietudes latentes. A tréguia de partidos, que tornou possível a «équipe» Churchill e o gigantesco esforço inglês, a partir de 1940, quebrar-se-á pela convicção de estar ganha a guerra e, portanto, não ser já necessária? Quebrar-se-á pelo desejo de cada um saber, afinal, o que que os Aliados pensam fazer da sua vitória? Churchill tem envergadura bastante para fazer frente à situação e retomá-la em pulsos com firmeza. Mas esse é o caso inglês. Pelo mundo fora, ao mesmo tempo, ninguém se furta a pôr perante si mesmo e perante os acontecimentos interrogações do mesmo teor. — J. R. S.

INGLATERRA

Um casamento de reis

CASOU-SE o rei Pedro da Jugoslávia. Se a coroa real do jovem rei se mantiver, depois desta guerra, haverá mais uma rainha na Europa: Alexandra, que foi princesa da Grécia, filha do rei Jorge II que emigrara para Creta, depois da vitória alemã nos Balcans. Alexandra, muito jovem e muito linda, como quasi todas as gregas, casou-se há pouco em Londres. Diz-se que foi um casamento de amor, e tudo nos leva a crer que sim: o longo noivado, à espera de melhores dias para os dois países torturados e a escolha voluntária desta união que não foi imposta aos noivos por motivos políticos. De facto, antigamente os casamentos dos reis tinham uma função que hoje não têm. Não há o perigo dos tronos serem herdados pelas potências estrangeiras e os pactos fazem-se e desfazem-se segundo as conveniências do momento, sem se olhar à palavra dada.

Aqui, na foto, vêem-se os noivos, já depois do casamento, ladeados

pelos príncipes Tomislav e André — à direita — irmãos do príncipe nubente. Jorge VI e a rainha Isabel — ambos vestiam traje de passeio — serviram de padrinhos e a cerimónia, que se realizou na embaixada da Jugoslávia em Londres, foi celebrada três vezes: segundo o rito ortodoxo, o grego e o eslavo... A duquesa de Kent, formosa no seu luto de viúva, o duque de Gloucester, o rei Jorge II da Grécia, e a princesa Aspasia da Grécia, mãe da noiva, Guilhermina da Holanda e seu genro, o príncipe Bernardo, o rei da Noruega — todos estiveram presentes à cerimónia, com excepção da mãe do noivo, a rainha Mary da Jugoslávia, que está doente.

Os noivos — ela ia envolta num rico casaco de peles e em cabelo — foram passar a lua de mel numa casinha junto de Londres, onde o rei Pedro residiu quando estudou em Inglaterra e onde vivia — tinha então 11 anos — quando seu pai, o rei Alexandre, foi assassinado em Marselha.



HOLANDA

Sob a ameaça das inundações

ULTIMAMENTE têm vindo a lume algumas notícias referentes à ameaça das grandes inundações, como represália contra as sabotagens ou medida de protecção contra a invasão aliada. Vejamos, porém, até que ponto pode corresponder a acção às afirmações, se quisermos tomar ao pé da letra o que diz a Alemanha. Isto é: a maior parte da Holanda ficará submersa. Evidentemente, há aqui um bocado de fantasia. «A maior parte da Holanda» — não pode ser inundada.

Com efeito, alguns sítios das ilhas de Zelândia e alguns terrenos conquistados ao mar — os polders — nas províncias da Holanda meridional, estiveram, até há pouco, submersos, tendo os ocupantes promovido a sua evacuação. Os burgomestres foram instruídos no sentido de só deixarem sair das regiões visadas, os indivíduos do sexo masculino, maiores de 16 anos, desde que tivessem, para tanto, uma autorização escrita. Em caso algum, porém, essa autorização poderia ser concedida a camponeses, aos trabalhadores agrícolas ou, de maneira geral, a aqueles que se ocupassem do abastecimento local.

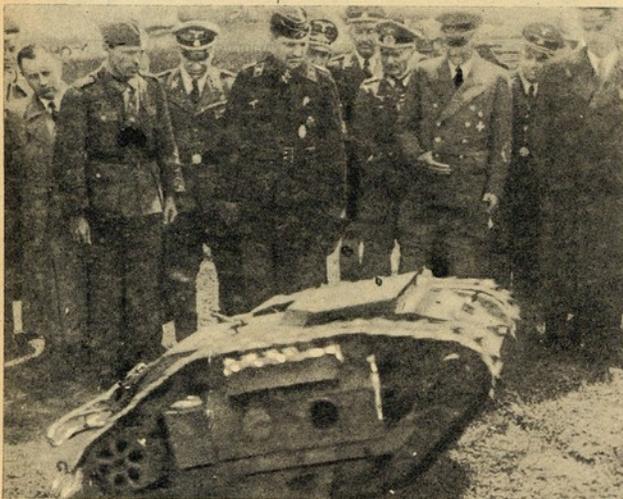
A intenção dos alemães parece clara: pela ruptura de diques e abertura de comportas pretende-se, no momento oportuno da invasão — se ela realmente se fizer por ali — criar uma zona livre, detrás da qual se possam entrincheirar. Roterdão, Amsterdão, Leyde e Haerlem ficarão isoladas, ao passo que Hala, já em parte destruída pela organização Todt que assim teve de proceder, para erguer a famosa muralha de betão, parte integrante da fortaleza europeia — ficará sem qualquer utilidade para as forças de desembarque.

Com o fim de assegurar o bom funcionamento do plano de inundações, os alemães, além de outras medidas, ordenaram aos pescadores do lago de Isel que se dirigissem

imediatamente aos portos orientais, no caso de invasão. Por outro lado, as comunicações telefónicas interurbanas foram suprimidas nos arredores de Zwolle, Hala, Amsterdão, Utrecht, Roterdão e Breda.

Não se pode, pois, negar a gravidade do momento. O plano de inundação visa toda a frente marítima — ou seja: o Mar do Norte — e isto significa a ruína das mais belas e ricas cidades da Holanda. Quando os holandeses se serviram, em 1941, das inundações contra a invasão alemã, a imersão de terras fez-se de Este para Ocidente. Ora, o plano actual, faz-se ao contrário. Isto é: enquanto que os holandeses promoviam a inundação para salvar o coração da Holanda, os alemães afogam este para se defender do ataque aliado.

Depois de tantos anos de sofrimento — faltava aos holandeses esta etapa para alcançar este calvário...



Os alemães apresentaram em Monte Cassino, uma nova arma de guerra que funciona automaticamente: é um pequeno «tank» a que chamam o «lôbo das trincheiras» e cujo poder ofensivo é espantoso.

Fregoli conta como se tornou "Camaleão"

O nome de Fregoli basta. Ele trouxe ao teatro qualquer coisa de novo. E, através das páginas do seu diário, sabemos como lhe acudiu essa idéia extraordinária que o devia tornar célebre. Encontrava-se ele então na Abissínia e corria o ano de 1889.

«...Eu estava pronto a trabalhar como um negro afim de preparar um novo grande espectáculo porque o ensaio geral fóra óptimo, quando chegaram bruscamente a Massanah notícias inquietantes de Asmara. Havia por lá qualquer coisa que ameaçava complicar-se. A tóda a pressa, foram expedidos destacamentos italianos naquela direcção. Os meus artistas partiram todos. Fiquei desesperado. E como o general Baldissua me dissesse para renunciar ao espectáculo, eu usei propor:

— Talvez tudo se possa remediar.

— Como?

— Interpretando eu sôzinho todos os papéis...

Pouco depois, percebi como a minha resposta fóra precipitada.

Mas pus-me a reflectir. Falei no caso a Stambo, que devia partir no dia seguinte para a frente de batalha. E, súbitamente, uma idéa atravessou-me o espirito:

— Conheces aquêlê famoso monólogo de Novelli intitulado «Resu-mamos»? — perguntei eu ao meu camarada.

— Certamente que conheço... Novelli é magnifico quando imita Eleonora Duse, César Rossi e Flávio Andó...

— Isto é, o eterno triângulo: marido, mulher e amante. Se eu escrevesse uma historietta, um «sketch» cómico no espirito dêsse? E se em vez de limitar a paródia à imitação dos movimentos e das diferentes inflexões da voz, eu conseguisse dar ao público uma illusão maior, transformando rapidamente o meu tipo nas entradas e nas saídas com uma «amaquillage», uma mudança de vestuário e uma voz diferente em cada interpretação dos três personagens? Que dizes da idéia?

— Digo que devias ser castigado com alguns dias de prisão só por teres pensado nisso... Queres, por acaso, ser algum camaleão?

— Bravo! Um camaleão é o termo... É isso exactamente o que eu quero.

Nessa mesma noite estabeleci todo o meu plano.

E assim foi criado o meu primeiro espectáculo transformista a que chamei «Camaleão». Poucos dias depois, recebi um acolhimento entusiástico, mas uma parte dos espectadores recusou-se a acreditar que o grande primeiro papel de mulher e de soprano, o grande primeiro papel de marido e de barítono, o grande primeiro papel de galã-tenor e os papéis secundários fossem todos interpretados pelo mesmo artista.

— Ah! se eu pudesse multiplicar as minhas tropas por êste processo — foi o comentário espirituoso do general Baldissua...»

ESTES SELOS ENsinAM HISTÓRIA!

NÃO se pode negar que a filatelia não traga larga utilidade para os seus admiradores. Estes quatro selos, por exemplo, ensinaram-nos um pouco de história. Vejamos:

O primeiro — é um selo holandês, trazendo o retrato de Gilbert Voet (ou Voetins), chefe calvinista célebre pelos seus violentos ataques a Descartes, a quem acusou publicamente de ateísmo.

O segundo — Selo do Equador, mostrando o retrato de Darwin, como homenagem grande à visita que o inclito sábio fez às ilhas Galapagos.

O terceiro — Selo oriundo dos Estados Unidos e propagando o retrato de Susan Anthony, a pioneira da luta pela concessão do direito de voto à mulher.

O quarto — É talvez o mais conhecido. Selo francês, tendo o retrato de Rouget de Lisle, o imortal autor da Marselhesa.

Como acabais de ver, leitor amigo, eis quatro selos que, num bocadinho e pitorescamente, nos ensinam a conhecer alguns importantes acontecimentos históricos...



Sabe responder?

- 1 — Em que século viveu Pasteur?
- 2 — Qual era o cognome do Marechal Massena?
- 3 — Quem foi Alexandre Pope?
- 4 — Em que data teve lugar a célebre batalha de Ourique, ganha por D. Afonso Henriques contra os mouros?
- 5 — Como se chamava o autor brasileiro que escreveu «Memórias Póstumas de Brás Cubas»?
- 6 — Em que país fica a cidade de Harlem?
- 7 — Qual era o verdadeiro nome de «O Magrão»?
- 8 — Qual foi o autor da ópera «Roberto o Diabo»?
- 9 — Quem foi o conquistador do Peru?
- 10 — A que país pertence a «Ordem do S. Salvador»?

(Veja as respostas na pág. 30)

O CEMITÉRIO DOS CASAMENTOS

AO contrário do que o título parece indicar, não se trata de qualquer frase com sentido caricatural.

Nada disso. Nos arredores de Los Angeles, existe um grande cemitério mandado construir por um escocês chamado Forest Lawn.

Forest Lawn querendo empregar uma parcela do seu muito dinheiro em qualquer coisa que fizesse recordar a velha Escócia, capitalizou a construção dum cemitério, onde se ergue, reproduzidas com absoluta perfeição, o pequeno Templo de Glaucaian e o banco de Annie Laurie, a poética heroína das baladas inglesas.

Em pouco tempo, essa igreja se tornou popular entre os habitantes de Los Angeles. E passou a ser sinal de felicidade futura o casamento realizado no banco de Annie Laurie.

Basta dizer que até hoje, o cemitério já presenciou mais de dez mil cerimónias nupciais. Por outro lado, também ali se tem realizado solenes

MODOS DE VIDA...

Um habitante de Londres declarou recentemente, perante o tribunal, que as suas receitas regulares e consideráveis lhe provinham exclusivamente dum género especial de apostas. O réu, que adquiria meios de angariar seu pão dum maneira tão pouco vulgar, fazendo um lucro de um conto de réis por semana, convidava os transeuntes, na rua a uma maneira de apostar, tipicamente inglesa, que parece um nítido jogo de azar.

Quando reparava em algum transeunte que se dispunha a acender o cachimbo ou um cigarro, propunha-lhe apostar que o isqueiro não funcionaria à primeira tentativa de o acender, e, na maioria dos casos ganhava a meia corôa inglesa apostada. O que espanta é que o apostador profissional tenha estado tão certo da falha do isqueiro, como os fabricantes de isqueiros estão certos do bom funcionamento dos produtos que têm a obrigação de conhecer... É possível que o motivo do não-funcionamento dos acendedores esteja no facto de, geralmente, ser difícil efectuar os movimentos mais banais e habituais quando a pessoa em causa pretende ostentar orgulhosamente a sua habilidade. Mas, há uma coisa que ainda é mais espantosa, para quem não conheça a mentalidade inglesa: é que o inventor desta singular maneira de ganhar a vida, encontrasse sempre parceiros suficientes, irresistíveis ao convite da aposta...

Escusamos de acrescentar que o tribunal o absolveu. E não garantimos que o próprio juiz não se tenha decidido a tentar a sua sorte nessa aposta original...

e-sumptuosas exéquias como as de Will Rogers e, mais recentemente, de Jean Harlow.

Na América, o cemitério de Glaucaian — como é denominado — representa um símbolo de ventura para os mortos... e para os vivos.

COMO ELES SE AMAM...

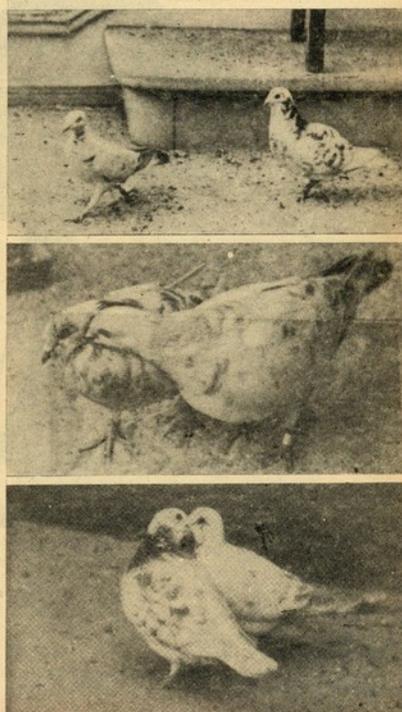
REPARAI. E dizei com franqueza se o poema de amor destes dois pombinhos não é igual aos poemas de amor da gente crescida.

Reparai melhor. Ele persegue-a, ativo e enamorado, dirigindo-lhe galanteios doces. Ela, com ares de menina ingénu, finge-se indiferente. Finge apenas...

Depois, encontram-se. Ele acerca-se e murmura-lhe, mesmo junto de-la, uns madrigais poéticos, arulhando o melhor que sabe. Enleada, a pombinha acredita nessas promessas e nessas juras.

Finalmente, o tradicional beijo de amor. Um beijo quente, forte, com ímpeto. Sentem-se felizes, supremamente felizes.

...Amanhã, será o que Deus quiser...

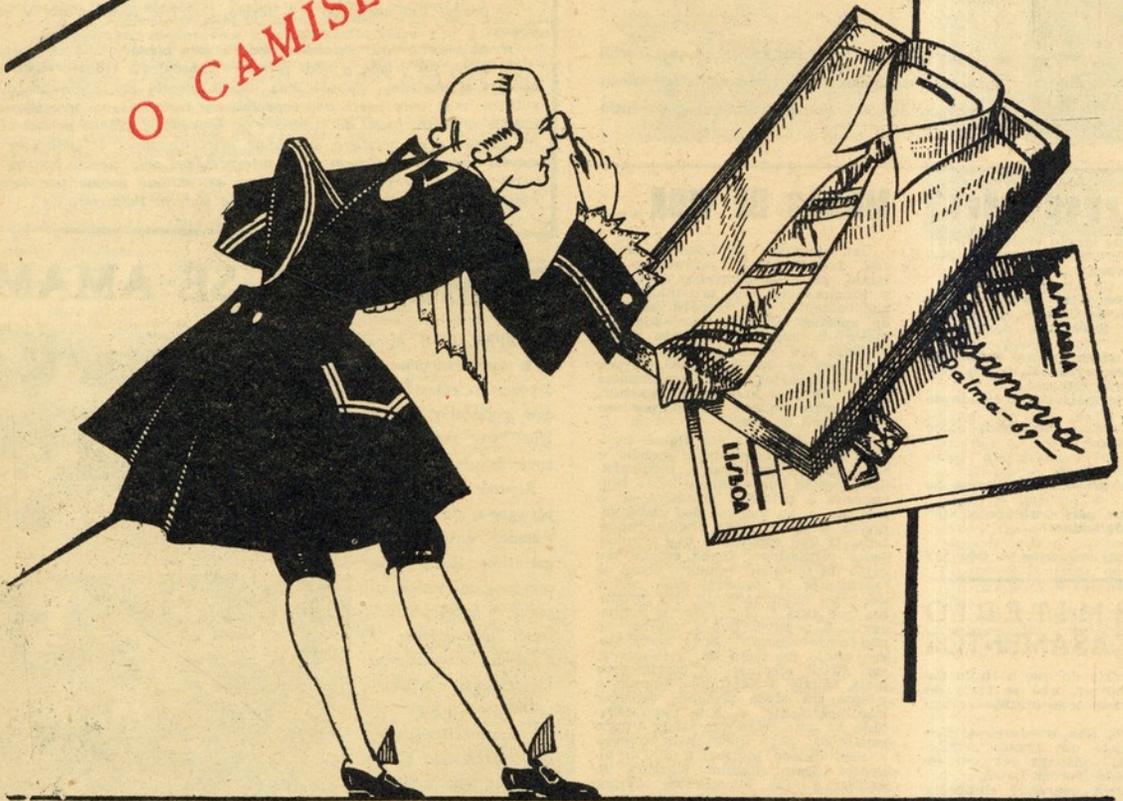


CAMISARIA

Casamona

Rua da Palma-69

O CAMISEIRO DO HOMEM DISTINTO



Telefone : 2 14 57

LISBOA

IMPÉRIO ARGENTINA

Confirma a sua intenção de fazer no Estoril a Hollywood da Europa

Império Argentina, hóspede de Portugal há alguns meses, esteve recentemente em Madrid e concedeu, a «Primer Plano», uma copiosa entrevista ao longo de três páginas ilustradas, onde o seu rosto é um caleidoscópio de luminosas e variadas expressões.

Entrevista curiosa, pelo que a vedeta diz e não diz — tem, para a «Vida Mundial Ilustrada» o especial interesse de confirmar os projectos da famosa artista, quanto à intenção de fomentar a produção luso-espanhola, intenções e projectos que revelámos numa entrevista sensacional e com larga repercussão em terras de Espanha.

Como devem estar lembrados, a vedeta de «Carmen, a de Triana» anunciou o propósito de interpretar um filme em Portugal e, o que é mais importante, de fazer uma autêntica revolução nos processos até hoje seguidos pelos nossos industriais de cinema, e que consistiria na organização de uma entidade produtora, com características internacionais, edificação de estúdios no Estoril, concurso de técnicos e artistas de renome universal. Império Argentina declarou, até, que os capitais avultados, que tal empresa exigiria, já se encontravam realizados.

Em Madrid, a vedeta de «Goyescas» confirmou tudo quanto então nos disse. A princípio declarou ao jornalista que fora ali apenas para meter saudades de Espanha e mandar fazer o vestido de noite com que deverá apresentar-se num festival de música espanhola a realizar no Teatro de São Carlos, com fins beneficentes. Mas Fernandez Barreira, que a entrevistava, não se deu por vencido e Império acabou por lhe dizer que tivera em mira «trabalhar também em projectos maravilhosos».

E a pouco e pouco, com muitas reticências e maiores hesitações, confessou «que vai fazer (interpretar e produzir?) uma película entre Espanha e Portugal, isto é: cá e lá». «Um filme de grande envergadura, de grandes vãos, dirigido possivelmente por um grande director espanhol, com os melhores actores espanhóis». A música — acrescentou — será de Ernesto Hafter e, pelo seu valor e importância, é «um autêntico poema musical», com os andamento clássicos, o desenho e a inspiração de uma grande obra sinfónica. Império declarou: «Já está escrita mais de metade da partitura. Garanto que o argumento — um belo assunto — tem a mesma dignidade da música, e que se Deus nos ajudar, entre Lisboa e Madrid, faremos uma grande película».

«...E não me pergunte mais nada», rematou a vedeta — que não quis dizer qual o título da projectada película, nem tão pouco quem escreveu o respectivo guião.

O jornalista não lhe fez a vontade. E formulou, finalmente, a interrogação que, desde o primeiro instante, ballava na sua mente:

— E quanto a esses fabulosos rumores de uns estúdios...

— Resposta pronta, calma e precisa, de Império Argentina:

— Meu querido amigo: os rumores não são fabulosos. O que será fabuloso, sim, é a colossal envergadura desses estúdios, um grande projecto em que estamos trabalhando com todo o fervor — e com marchas forçadas. Ali, em paisagem de maravilha — Sintra de um lado, o Estoril do outro — surgirá a Hollywood da Europa, um empreendimento de que Espanha e Portugal serão os mais directos beneficiários.

Império Argentina é uma artista que está no cinema há dezasseis anos. Tem a noção das proporções — e consequentemente da responsabilidade das suas palavras. Conhece as dificuldades da indústria e, portanto, dos ambiciosos projectos que vem anunciando.

Aguardemos, pois, os acontecimentos, com a certeza de que a artista procura com entusiasmo a solução de tremendos problemas, de cuja resolução depende o bom êxito da iniciativa a que há muitos meses vem dedicando a sua atenção e os seus cuidados.

FERNANDO FRAGOSO



Carole Landis, Mitzy Mayfair, Kay Francis e Martha Raye, no Norte de Africa, no meio das forças expedicionárias americanas

4 VEDETAS QUE ESTIVERAM AO MESMO TEMPO EM PORTUGAL

Vão interpretar um filme baseado na viagem que as trouxe ao nosso país

CERTA noite, em pleno verão — já lá vão alguns meses — chegaram a Lisboa, no «Clipper», quatro vedetas de Hollywood, que seguiam para Londres, com a missão de dar espectáculos para os soldados e que esperavam poder prolongar a «tourné» até ao Norte de África. Eram elas: Kay Francis, com o seu eterno ar de matrona romana; Carole Landis, loira, esbelta, verdadeiro milagre de fotogenia; Martha Raye, a maior boca do cinema americano; e a bailarina de Broadway, Mitzy Mayfair.

Passaram algumas horas entre nós, enchendo de alegria e de gargalhadas o «hall» do Aviz. Mitzy Mayfair, com uma mala de viagem a tiracolo, chegou a esboçar uns passos de dança e Martha Raye limitou-se a responder a todos «si señora», frase que lhe ficara no ouvido desde o «Feitiço dos Trópicos» e que ela proferia com espanholíssimo sotaque, convencida aliás de que estava falando a língua de Camões.

Na Horta, escala do avião, e onde este teve uma demora forçada de dois dias, todas se lembram destas quatro encantadoras vedetas da Cinelândia, que assistiram a uma festa que, então, se realizava no Clube local, e que lhes permitiu dar largas à sua mocidade e à sua fantasia. Cantaram e dançaram — como colegiais em férias.

Kay, Martha, Carole e Mitzy demoraram-se vários meses em Londres e transitaram dali para o Norte de África. Como é de calcular, foram muitas as suas aventuras de carácter sentimental e mavortico. Assim, por exemplo, Carole Landis casou-se em Londres, com um aviador das Forças Aéreas Americanas, o que não a impediu de regressar a Hollywood no momento próprio. E no capítulo de outro género de emoções, figura, entre os mais expressivos, o do ataque que sofreu o avião que as levou a Marrocos.

Os magnates da Cinelândia, sempre oportunos, resolveram aproveitar as sugestões desta viagem, esmaltada de incidentes, para fazer um filme, que será interpretado pelas quatro vedetas, que se intitulará «Four Jills in a

Carole Landis, por seu turno, publicará um volume com as suas impressões de viagem e que terá precisamente o mesmo título da fita.

Os prémios da Academia devem ter surpreendido os interessados...

Os jornais noticiaram, há dias, os resultados referentes a alguns dos prémios atribuídos pela Academia Americana de Artes e Ciências Cinematográficas, na sua reunião anual.

O prémio da melhor actriz foi conferido a Jennifer Jones, totalmente desconhecida do nosso público, o que não admira, visto ter-se estreado na «Canção de Bernadette», filme que lhe deu o prémio, e que ainda não foi exibido em Portugal. Descoberta por Alexandre Korda, Jennifer encarna, na versão cinematográfica da obra de Franz Werfeld, a figura de Bernardette, a iluminada de Lourdes. O facto de uma estreante ganhar o mais alto prémio de Hollywood é um caso inédito na história da Academia Americana, e permite-nos aguardar do seu trabalho uma maravilhosa revelação.

Paul Lukas, o veterano actor, que vimos em «Veneno Europeu», «O Jantar no Ritz» e no «Capitão Fúria», foi considerado o melhor actor do ano, graças ao seu desempenho em «A guarda do Reno».

E aqui está como as decisões do júri deverão ter surpreendido os premiados. Jennifer admirou-se, por certo, dada a sua qualidade de estreante. Paul Lukas, que trabalha no cinema há mais de vinte anos, não deve ter escondido o seu assombro por Hollywood, finalmente, ter visto nele um excelente actor.

Quanto aos artistas secundários, a Academia Americana designou, respectivamente, Charles Coburn e Katina Paxinou, pela sua actuação nos filmes «Than More, Than Merrier» e «For whom the Bell Tolls». Charles Coburn é um veterano dos estúdios e um magnífico actor de composição. Interpreta, quasi sempre, papéis de banqueiro ou de milionário e teve uma criação excepcional, ao lado de Ginger Rogers, em «Maezinha à força».

Katina Paxinou é uma artista célebre de Broadway, que o cinema agora escolheu para encarnar o papel de «Pilar» no filme «Por quem dobram os sinos», baseado na obra do mesmo nome de Hemingway.

Dois estreantes, Jennifer Jones e Katina Paxinou, e dois veteranos, Paul Lukas e Charles Coburn, alcançaram, assim, os honrosos títulos dos melhores actores cinematográficos em 1943.

MÃE E FILHO CASARAM-SE!

CONHECERAM-SE durante as filmagens da «Família Miniver». Greer Garson era já uma artista célebre, ao começar o trabalho que a havia de consagrar, perante a Academia Americana, como a melhor actriz do ano, Richard Ney — que no mesmo filme interpreta o papel de «Vin», o jovem aviador da R. A. F. — distinguira-se nos palcos de Broadway e iniciava no cinema uma carreira auspiciosa. Ante a câmara de filmar, cabia-lhes viver respectivamente os papéis de Mãe e filho, em cenas de extraordinária beleza. Mrs. Miniver revivise, com orgulho no seu filho mais velho, que a guerra atirara para os céus em temerosas batalhas, que a deixavam sempre numa ansiosa inquietude.

No cinema eram, assim, uma mãe extremosa e um filho exemplar. Mas na vida real, as coisas passavam-se de outra forma. Entre ambos nasceu um afecto, dominante e irresistível. Poucos dias depois da fita acabada, Greer Garson e Richard Ney, hoje tenente de marinha ao serviço dos Estados Unidos, casaram-se.

«Mrs. Miniver» e «Vin» são hoje, marido e mulher — e, o que é mais importante, um casal feliz!



«VOLFRAMIO»

por AQUILINO RIBEIRO

O grande tema nacional do volfrâmio tratado por Aquilino Ribeiro devia ser um dos maiores acontecimentos da literatura portuguesa contemporânea. Feito agora o balanço da obra e das suas repercussões, não pode dizer-se senão que foi uma enorme desilusão. O autor do «Malhadinhas» já habituou o seu público fiel a inúmeros desencantos e cada vez parece mais couraçado contra eles pelas suas forças que o protegem magesticamente: a sua glória indiscutível, gerada no «Jardim das Tormentas», na «Estrada de Santiago», «Terras do Demo» e mais algumas obras-primas; e a rudeza inata do seu temperamento artístico que dá bons e maus frutos como a natureza e como ela se escuda em fecunda irresponsabilidade. Com o romance «Volfrâmio», no entanto, Aquilino Ribeiro perdeu uma das suas mais extraordinárias possibilidades de transfigurador literário da vida rústica portuguesa.

O minério demoníaco varreu a sensibilidade a rotina da vida de muitos milhões de camponeses ou ambiciosos provincianos; infiltrou-se como veneno da cobra no sangue morto da grei; e para essas terrores de viver obscuro, desde o Minho às Beiras, foi um vendaval que precipitou na aventura e no delírio a existência esconsa dos seres que se consumiam na miséria e na mediocridade. Tínhamos aí a massa humana palpitando sob um drama extremo; e em Aquilino o artista de garra poderosa, dotado com as duas qualidades mestras que fizeram a genialidade de quase toda a sua obra: o fundamento rústico, transbordando de seiva popular, natural e rude, que nasce da sua própria natureza beiroa; e essa espécie de sentido épico dos homens perante o universo ou o destino que os transcende, a ultrapassagem do real pelos que vivem só nele, dando o forte cunho humano das suas obras iniciais.

No «Volfrâmio» tudo isso se dissolveu e apagou, com grande lástima dos que esperavam nele a máxima criação

literária deste escritor de génio a que falta o estófo de um crítico e de um psicólogo. São fantoches grosseiros e tóscos os que encontramos em movimento nessa desorbitada experiência do minério — e mesmo esses sem a originalidade, a pureza de carácter, a justeza de expressão humana de que o «Malhadinhas» é modelo incomparável. Em face deste livro é legítimo perguntar, sem ofensa para o escritor consagrado, como é possível a um escritor tão grosseiro ser um tão grande escritor em Portugal...

Esta perplexidade, expressa de um modo que pode parecer brutal, depara-se como estado de consciência necessário em todas as perspectivas que sirvam para o julgamento desta obra. Os personagens rústicos (não vale a pena mencionar os outros, que são profundamente falsos ou até grotescos) são cortados ao vivo nessa verdade rude do camponês português, saturado de «fome e lândias» e, em alguns casos, de coibiça recalçada e sófrega; mas o grande drama moral do volfrâmio, sacudindo as suas naturezas simples com energia extrema, aparece tóscamente desenhado à superfície das almas como qualquer outro factor da sua actuação comum. Os conflitos humanos que aí se desenham não precisavam para nada do volfrâmio. Aquilino viu através deles o que sempre vê na índole dos seus personagens rústicos; não compreendeu a grandeza do drama estranho e perturbante que o volfrâmio trouxe às camadas mais primitivas da sociedade portuguesa; e se o romance não é um fracasso, porque a sua força genial e viril de prosador de raça o preserva providencialmente, ninguém pode negar, sinceramente, que ficou muito aquém do seu tema e das suas próprias possibilidades.

Excluindo esse aspecto fundamental de todo o romance que é a construção justa e corrente dos personagens e das forças que os movem, «Volfrâmio» é ainda, como todas as outras, uma grande criação de Aquilino. Simples-



A CONDESSA DE SEGUR

E AS SUAS TRÁGICAS RECORDAÇÕES

Traduções inúmeras de breves e simples romances para meninas divulgaram em Portugal o nome e a obra desta escritora sem originalidade mas com delicadeza literária na expressão dos sentimentos comuns. Poucas pessoas saberão que este título esconde um nome muito conhecido e a que andam associadas recordações históricas notáveis. A Condessa de Ségur chamava-

se Sofia Rostopchine e era seu pai o general e aristocrata russo que em 1812 estava encarregado da defesa de Moscovo contra o ataque de Napoleão. Ainda hoje se discute se partiu d'ele a ordem para incendiar a cidade sagrada da Rússia czarista, ou se a infernal catástrofe que abateu o moral da «Grande Armée» foi obra do acaso. O que é certo é que Rostopchine lançou fogo à sua própria casa antes de abandonar Moscovo, dando o exemplo da implacável resolução de luta que levou o povo russo à vitória. Nesse ambiente viveu a futura condessa de Ségur os seus primeiros anos, marcados pelo trágico acontecimento que nunca mais esqueceu.

mente, é um Aquilino apenas prosador, muito aquém do que o seu inato génio poderia desejar. A linguagem é vigorosa, quasi sempre natural, algumas vezes fulgurante de verdade; o descritivo do ambiente material em que os homens se movem e, frequentemente, da paisagem no seu mais largo sentido é de uma intensidade admirável, confundindo os seres na mancha forte da natureza, que é mãe e túmulo de todas as ambições; e em todas as páginas, como já algures escrevi, se impõe o mesmo estilo, uno, denso, ferrado à índole do autor e dando d'ele, mais que dos personagens criados, uma inconfundível imagem. O que está em «Volfrâmio» não é uma obra de inteligência fundamental da vida, mas o Aquilino inteiro, homem da serra que se instruiu na realidade complexa da vida, mas em que refere sempre a voz terrena e grossa da sua índole.

ALVARO SALEMA

A sociabilidade Inglesa

UMA das vantagens da divulgação numerosa de romances ingleses em Portugal talvez não venha a ser o ensinamento ao nosso povo de uma forma inteligente e sã de sociabilidade que entre nós nunca se conheceu. Desde o sarau medieval de corte à reunião de estilo francês mal aprendido no século XVIII; desde o serão burguês e romântico dos nossos avós ao chá «mah-jong» da nossa época pedante, nunca em Portugal se soube conviver. Essa arte possui-a o inglês médio com a elegância e inteligência únicas — e assim a vemos representada nos romances de Brontë, de Jane Austen, de George Elliot. A convivência de estilo britânico é a mais natural e simples, a única em que se reconhece uma significação humana e sincera. Wladimir Weidlic resumia essa forma de sociabilidade em poucos traços: desejo de evitar igualmente a familiaridade excessiva e a frieza; dar espaço aos seres para que possam revelar-se livremente; «deixar viver» as pessoas e viver cada um com facilidade; não obrigar ninguém a desenvolver conversa contra seu gosto; marcar por poucas palavras e gestos o sentimento e o prazer de estar em convívio; não forçar nem abandonar a solidão real de cada alma. Tudo isto constitui um rito social difícil que entre nós muito poucos compreendem.

FAÇA DE PAPEL

Com o livro «Sou Maria» apresenta-se uma nova escritora na modesta literatura feminina portuguesa. A sua autora, Maria da Piedade, diz o poeta Alberto Bramão em breve prefácio, pertence à «nossa melhor mocidade». Sem o carácter definido de romance, este livro apresenta em forma singela e clara, algumas vezes com elegância de estilo, uma série de evocações pessoais a que o ligeiro fio de um enredo não tira o aspecto de memórias, refletidas por uma alma delicada.

— Suzanne Chantal, a autora de «Deus não dorme», recentemente publicado, está traduzindo para a língua francesa o romance «Caminhada» de Leão Penedo, uma das obras mais representativas do moderno romance português.

Como dormem os grandes trabalhadores intelectuais

O sono é uma função do sistema nervoso e das condições de vida em que ele se gasta. Se há exemplos de intelectuais que dormiam muito pouco, não são em menor número os exemplos dos que dormiam durante longas horas, avassalados por uma necessidade de repouso que o trabalho intenso dos nervos durante o dia justificava.

Richelleu deitava-se às onze horas

da noite, dormia três horas e logo depois levantava-se começando a escrever, ditando aos seus secretários ou compulsando documentos de Estado. Tornava a deitar-se das seis às oito e então acordava oficialmente segundo as regras da etiqueta da corte.

Leibniz escrevia por vezes durante três dias e três noites seguidas sem o menor repouso. Madame du Châtelet, a inteligente amiga de Voltaire, passava noites inteiras a escrever, Byron suportava largos períodos em que não podia dormir de noite, sobretudo quando passava os serões em alegre companhia; e foi esse facto que o levou a desgostar-se do convívio, refugiando-se em Veneza. O naturalista Lacépède dormia apenas quatro horas por noite. Littré costumava levantar-se às oito horas da manhã, deitando-se às três. E conhece-se o exemplo de Oliveira Martins que escreveu durante 10 horas seguidas a sua brilhante descrição da entrada triunfal de Paulo Emílio em Roma, na «História da República Romana», sustentado apenas a chávenas de café.

Neste ponto, como em muitos outros da vida intelectual, não seria muito fácil encontrar uma regra e recomendar um sistema. O melhor de todos é sempre o que cada um pode seguir de acordo com a sua natureza.

As nódoas «cavam» a sete pés...



...quando se emprega o

CASULO Limpas-Fatos

esse famoso produto que torna os fatos como novos e mais duráveis: elimina-lhes lustro, nódoas, mau cheiro, desinfecta-os e limpa-os.

Síntese maravilhosa de 6 substâncias químicas e inofensivas, actua sobre os tecidos renovando-os.

Cada pacote custa apenas 2\$00 e dá para 1 litro de solução.

Em todas as drograrias

REVENDA: Schroeter & Almeida

Rua da Madalena, 128, 2.ª — LISBOA



CUIDE DA SUA BELEZA USANDO ÁGUA DE FÉDIERME

Semiramis

Um produto que faz uma marca.

OS LIVROS DO MOMENTO



Os livros que deve ler



Os dois mais famosos romances da Argentina são: *A gloria de D. Ramiro*, de Larreta, e *Don Segundo Sombra*, de Guiraldes. A primeira dessas obras acaba de ser publicada em português

A GLORIA
DE

DON RAMIRO

por ENRIQUE LARRETA
Tradução de MANUEL NEVES
Um livro extraordinario, cuja açõo decorre na peninsula Ibérica

Tão alto é o valor deste romance, que quando ele apareceu na Argentina o proprio Remy de Gourmont, então no auge do seu prestigio, o traduziu para francês
A GLORIA de DON RAMIRO
é o novo volume de *As maiores obras do nosso tempo*

Nesta colecção publicam-se as obras-primas de todos os países. Livros seleccionados para pessoas de bom gosto literario. Em pleno êxito, na mesma colecção

A SOLTEIRA
por THEODORE DREYSER
A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO IMPERIO
EDITORIAL-SEculo Rua do Seculo, 63
— LISBOA —



ASTÓRIA
ARTES GRÁFICAS

TUDO O GÉNERO DE TRABALHO TIPOGRÁFICO
PARA O COMÉRCIO E INDÚSTRIA - IMPRESSÕES
A OURO, PRATA E RELÉVO - IMPRESSÃO SOBRE
SÊDA - ENCADERNAÇÃO E PAUTAÇÃO

TELEFONE P. B. X. 4 3258
REGUEIRÃO DOS ANJOS, 68
L I S B O A



Estes são os rapazes que formam hoje a Tuna Académica e que estão a ensinar na rua de S. Lázaro.

MOCIDADE TRIUNFANTE VAMOS OUVIR A TUNA ACADEMICA DE LISBOA

Um dia, a velha Tuna Académica parecia que não mais voltaria a levar aos palcos da cidade a voz cachoante da sua juventude. Os que formavam esse agrupamento de escol artístico tinham agora os cabelos encanecidos. As cordas da guitarra tinham ficado laças e talvez que nunca mais brilhasse o interesse da nova juventude pela Tuna de grandes tradições.

Que era do tempo áureo de Ilídio Amado e Tamagnini Barbosa, do Ramada, de Pavia de Magalhães, de Chaby, de Acácio de Paiva, Vasconcelos e Sá, Alves Coelho e David Sousa, em que a disciplina dentro das horas do trabalho, dava as mãos aos louros do êxito, para folgar por esse país fora e estrangeiro?

Tinham ficado alguns velhos — perdão, usados tunos — que o destino dispersara. Mas firmes no seu posto de Romeus enamorados ficaram ainda dois à frente dessa comissão de valores: o dr. Correia de Assis e o prof. Castro Rodrigues. Certamente — pensavam e bem — a Tuna Académica não podia ficar por aqueles simpáticos e confraternizantes jantares biennais. Era preciso que se reorganizasse com a selva estuante da mocidade de hoje. E, se bem se quis melhor se fez: convocaram-se os rapazes das academias — já são mais de 60 os inscritos — alugou-se uma casita ali para a rua de S. Lázaro e, como há 40 anos, improvisaram-se estantes de calxotes e bancos de pinho...

Hoje, tudo está a postos... Os rapazes, às vezes, ainda dão a sua filha. Mas têm uma vontade doida de mostrar aos rapazes velhos que o pontapé na bola não é incompatível com a arte de Orfeu... Retenem-se no desconfortável 2.º andar, às terças e sextas-feiras, dão cabo da cabeça dos vizinhos, ensaiam sob a orientação de Mário Pereira Simões, que é aluno da Faculdade de Letras e empunha a batuta na rua de

CARICATURAS DE JORGE CID



Chaby Pinheiro



Guilhermino Rodrigues



Ilídio Amado



Ilídio Amado

ISTO NÃO É UMA ENTREVISTA... UM REPORTER A PROCURA DE AMÁLIA RODRIGUES!

NOS dias de hoje, encontrar Amália Rodrigues e arrancar-lhe meia palavrinha para os jornais é coisa extremamente difícil e complicada — tão difícil e complicada como se vai ver. Podia contar-se esta história, dividindo-a em capítulos subordinados ao título geral de «A procura da Amália» ou ainda: «Amália Rodrigues desapareceu!».

Mas vamos por partes. Amália Rodrigues e a irmã estão a almoçar no café «Palladium». São duas horas — e isto já foi há quase três semanas. Consta que dentro de poucos dias ela partiria para o Brasil. Estava, pois, indicada uma entrevista. E o repórter largou o seu cafézinho para ir até junto dela.

— Olá!
Amália sorri, mesmo mastigando o seu salmonete à meunière.
— Preciso de uma entrevista.
— Para quando? — pergunta ela.
O repórter quis ser delicado, género tratado de etiqueta e civilidade, e foi isto que o perdeu. Achou pouco elegante fazer a entrevista mesmo ali, enquanto Amália e a irmã comiam, e com uma vénia palaciana, género idiota, perguntou-lhe se podia ser no dia seguinte.

Amália foi logo dizendo que sim. (Mal podia adivinhar o pobre do repórter que ela não tinha mesmo nenhuma ideia de conceder a entrevista...). Marcou-se um encontro.

— Para onde?
— Para a «Bijou» — alvitra Amália, besuntando o salmonete de manteiga. — As seis horas, está bem?
— Ótimo!
Mais uma vénia palaciana, dois apertos de mão, uns sorrisos, e foi tudo. Estava terminado o primeiro capítulo que se podia chamar «Encontro», talvez com reticências para dar um ar mais romântico...

2.º CAPÍTULO

São seis horas em ponto. O repórter entra na «Bijou», espregueia, torna

a espreguear, vai até ao fundo, vê mesa por mesa. Por fim, convença-se que a Amália ainda não chegou, e resolve sentar-se numa mesa vaga.

Estas pesquisas demoram cinco minutos. São, pois, seis e cinco, o que não é ainda para alarmar, visto tratar-se de uma senhora — e as senhoras, como toda a gente sabe, têm os relógios meia hora atrasados, pelo menos...

O criado aparece. Aparece e pergunta se desejamos tomar qualquer coisa, o que é muito pior.

— Um galão.
— E bolos?
— Sim, bolos.
Velo o «galão» e vieram os bolos. Seis e dez. As seis e meia o copo estava vazio e o prato limpo de bolos. A Amália, como se está a ver, ainda não chegara.

O repórter fuma cigarros atrás de cigarros, cospe distraidamente no chão, entretem-se a deltar rabinhos de olho guloso para uma bela loira que está na mesa ao fundo. Depois, muito aborrecido, e com vontade de morder em alguém, manda vir uma «sanduíche» de presunto.

Em todas as pessoas que entravam, o repórter julgava ver Amália. E entravam senhoras altas, baixas, loiras e morenas, felas e bonitas. A Amália era a única que não aparecia...

Um relógio tilinta, pouco a pouco, as sete horas. O repórter tem um suspiro cansado e convence-se de que a Amália já não vem. E foi assim que, num dos últimos números da «Vida Mundial Ilustrada», não veio publicada a página de teatro. Estava, portanto, terminado o 2.º capítulo desta entrevista que se não podia chamar «quando parte para o Brasil?».

Terminada esta quarta parte, que poderia levar como título «Noite agitada», passamos ao

3.º CAPÍTULO

Na redacção, todos exigiam, à viva força, a entrevista com Amália. Que, sim, que não, que não viesse com



desculpas. E o repórter pôs-se de novo em acção. Mas onde encontrar a Amália?

Telefonou-se para o Casablanca, telefonou-se para o Apolo. Ninguém sabia. «Desde ante-ontem, informaram eles, que ninguém sabe onde ela está».

A notícia era de sensação: «Amália Rodrigues desapareceu!». O repórter começou mesmo a fazer o artigo. Porém, o José Miguel telefonou-lhe dizendo que a Amália tinha ido para o Norte, para Coimbra ou para o Porto, não sabia bem, cantar numa festa.

— E quando volta?
— Amanhã!
— E onde se pode apanhá-la?
— Aqui mesmo, no Casablanca.

Vem cantar pela última vez antes de ir para o Brasil.

O repórter disse um «obrigado» que até fez eco, terminando o 3.º capítulo, que se chama... «Rebate falso» ou coisa parecida...

4.º CAPÍTULO

Como naquele fado muito conhecido, podia dizer-se que em vida de um repórter há sempre qualquer coisa que passa. Desta vez «passou» uma constipação, com frios e febres e tudo o mais que toda a gente sabe — e que levou o pobre do repórter à cama precisamente no dia, ou melhor, na noite em que podia apanhar a Amália e a respectiva entrevista.

E se é verdade aquilo que a criada disse, no dia seguinte, o repórter passou uma noite muito agitada, chegando, no delírio da febre, a proferir palavras soltas como estas: «Amália... entrevista... quero falar com ela... quando parte para o Brasil?».

Terminada esta quarta parte, que poderia levar como título «Noite agitada», passamos ao

5.º CAPÍTULO

Tarde de sol, tarde bonita. A Amália acabava o ensaio, no Apolo, às 6 horas. As 6 horas menos um minuto o repórter já lá estava à porta, com o papel e o lápis na mão. Agora é que era — agora é que tinha de ser.

Saem as primeiras artistas: a Hermínia Silva, o Santos Carvalho, o Morgado Maurício. Quando chega a vez de Amália, o repórter barra-lhe o caminho.

— Então! — diz — Fêz-me esperar três horas na «Bijou»!

(A mentira era para reforçar e comover a Amália).

Ela encostou-se à parede, para deixar passar o Ribeirinho, que vem assobiando uma das músicas da «Rosa cantadeira». Depois, sempre com aquele seu sorriso, olhos grandes a brilhar, explica, numa vozinha muito doce, muito romântica, que faltou ao encontro porque tivera de partir para o Norte.

— Podemos falar agora? — pergunta o repórter.

Ela sacode a cabeça, cabelos negros a saltitarem de orelha para orelha. Que não, que desculpasse, mas que não podia ser.

— Não vê que tenho de estar em casa às seis e um quarto... Além disso estou muito cansada... Porque não passa por aqui à noite? Podemos falar à vontade e com todo o vagar. Quer?

Há tanta doçura na voz de Amália que o repórter, contra sua vontade, não ousa insistir.

Ela manda parar um «táxi».

— Então a que horas? — pergunta o repórter.

— Às dez e meia!
Fecha a portinhola. O carro parte, num resmungo de latas velhas. Pelo vidro de trás, a Amália faz um sorriso. O repórter sorriu também e por ali ficou, muito murcho, sem saber o que fazer até às dez e meia...



6.º CAPÍTULO

Se o capítulo anterior se chamou «Esperanças», este pode chamar-se «Malogro» ou «Desilusões». Se não, veja-se: À hora marcada o repórter chega à «caixa» do Apolo. Pergunta ao porteiro se Amália Rodrigues já veio, e é-lhe dito que não. Então, para matar o tempo, resolve entrar. Atravessa um corredor comprido, vira à direita, sobe uns degraus e encontra-se no palco.

O Ribeirinho, no meio da cena, de chapéu na cabeça, dirige os ensaios. Apenas parte do cenário está montado. Representa, ao que parece, um pátio ou uma esplanada, com mesas, e onde se irá cantar o fado. Santos Carvalho está a um canto, sentado com Hortense Luz. Outros artistas ocupam outras mesas. Os figurantes — e são tantos — estão ao fundo.

Como a Hermínia Silva faltou ao ensaio, o Ribeirinho, em voz de farsista, faz o papel dela. Armando Machado tem um papel bastante cómico, filho do Ribeirinho, ou coisa parecida. Mas como grande malcriado que é, anda sempre às respostas tortas (isto na peça bem entendido). Ribeirinho repreende-o, grita-lhe: «Olha que eu sou o teu pai!». O outro lá obedece, mas com uma má vontade que até dá vontade de o socar!

O ensaio continua. Ribeirinho cansa-se, de um lado para o outro. «Ei quero isto muito afinadinho!», exclama, dando sócos no chapéu.

O repórter também já está cansado. Por fim, passa para a plateia deserta e, como não é necessário bilhete, senta-se numa cadeira de orquestra.

O maestro, ao plano, ataca uma música. O côro canta, tão afinadinho quanto possível. E assim se vai passando o tempo, até à meia noite. Uma vez mais, a Amália Rodrigues não aparecera!

7.º CAPÍTULO

Chegados ao último capítulo, depois de tantas esperas, ninguém estranharia que o repórter mandasse ao diabo a entrevista e nunca — nunca mais! — quisesse ver a Amália nem de longe. Talvez isto tivesse acontecido se, no outro dia, os jornais não anunciassem que em virtude de, etc. e tal, a Amália daria ainda mais um espectáculo no Casablanca.

O repórter tomou, de novo, a resolução heróica de ir no encalço de Amália. Mandou reservar uma frisa, daquelas mesmo junto ao palco, para que ela, agora, não lhe pudesse fugir, e esperou, esperou...

A Amália só cantaria no intervalo. De quando em quando, a recear o pior, o repórter perguntava ao José Miguel:

— Mas ela virá?

— Naturalmente que vem! Está contratada!

Isto era animador, diga-se lá o que se disser. E a Amália veio. Veio e cantou. A sua voz quente, bem timbrada, fez levantar o público, emocionado, arrebatado. Pediam-lhe que bixasse, que trizasse cada número. E Amália bixava e trizava. As palmas cada vez eram mais fortes, mais vibrantes, mais entusiasmadas...

Antes de findar o último número, o repórter escapuliu-se para o palco. Desta vez a Amália não escaparia! Oh, não...

INCOERÊNCIAS DO INTERCAMBIO

Um dia destes, no réclamo de um espectáculo, dizia-se a respeito da interpretação: «Infinitamente melhor daquela que a peça teve em Madrid». Este «infinitamente melhor daquelas» — já não é nada mau. E, só por si, diz tudo quanto pudésemos acrescentar. Mas é, ao que parece, velho costume. De muitas adaptações que nos vimos visto — em adaptações, os nossos autores são uns verdadeiros calbos... — se têm escrito, aparentemente com a maior paz de espírito, que o trabalho de adaptação «valorizou muito» o original.

É difícil descobrir qual seja o justo lugar onde deva arrumar-se tal opinião: ignorância, desfaçatez, vontade de fazer troça ou falta de sentido de proporções?

Não seria mau de todo que pusésemos ponto final — ou pelo menos umas delicadas reticências... — em todas as arcaísmos com que quasi permanentemente bombardeiam os nossos palcos. Onde está, ao menos, a reciprocidade de levar a palcos de Espanha alguma coisa do que vai aparecendo por cá?

Ao menos — que se traduza para castelhano alguma das preciosas adaptações portuguesas do Seca, do Arniches, dos Navarro e dos Torrados... e moldos...

TEATRO RADIOFÓNICO

De quando em vez, vemos na imprensa portuguesa uns vagos artigos sobre teatro radiofónico. Os autores falam do que se faz lá fora, lamentam que estejamos ainda tão atrasados nessa matéria e anunciam iniciativas grandes. Mas o tempo vai passando, nós ligamos o aparelho e não vemos nada. Ou eles chamarão teatro radiofónico aquelas cenas muito irritantes gritadas ao microfone por



10 FOTOS POR DIA!

O número de vezes que uma vedeta é fotografada pode dar o índice do seu valor... ou da sua beleza, coisas que tanto cá como lá se confundem.

Aline Carola é a artista francesa que mais vezes é fotografada. Nada menos do que 10 vezes ao dia, em dez posições diferentes, fotografias que, depois, são enviadas aos seus admiradores ou aos jornais da especialidade.

Aqui a vemos, de manhã, fazendo a sua primeira foto. Desde a idade de 16 anos que ela se fotografa ao levantar da cama, sem «maquillages» — para «ver se envelheceu muito»...

AOS 3 ANOS JÁ ERA BAILARINA!

Chama-se Henriqueta Vallés, é espanhola e bonita. Isto nada teria de anormal se Henriqueta Vallés não fosse uma grande bailarina. Aos 3 anos, muito pequenina, com duas tranças enroladas no alto da cabeça e atadas com um laço cor de rosa, já ela ganhava o primeiro prémio de dança num baile particular, realizado em Valência, perante as autoridades mais representativas da terra.

Este sucesso fez com que os pais de Henriqueta a matriculassem na Academia de Baile de Valência, onde, aos 15 anos, já ela ganhava um outro prémio, pela sua interpretação de «Momento Musical», de Schubert. E a sua carreira começou, grande e triunfante, êxitos atrás de êxitos. Henriqueta Vallés excede-se dançando Falla, Bizet, Schubert e Strawinsky.

Pouco antes da guerra de Espanha, ganhou, por grande maioria de votos, o concurso cinematográfico efectuado no Teatro Cómico de Barcelona. Infelizmente, a guerra roubou-lhe o seu maior sonho, que era fazer cinema.

Henriqueta Vallés está há pouco tempo em Portugal, depois de ter dançado no Casino de Espinho. Fala-se num próximo filme, onde ela entrará, dançando músicas espanholas. E diz-se mesmo que a este empreendimento está ligado o nome de Império Argentina...



AS LINHAS DEFENSIVAS ALEMÃS A LESTE DA EUROPA



Um diplomata que Lisboa conhece

«Sir» Noel Charles

e os espinhos da sua nova missão em Itália

«SIR» Noel Charles, diplomata de correira, homem de fino trato e grande conhecedor do mundo e das suas incertezas, chegou a Itália onde vai desempenhar as funções de Alto Comissário da Grã-Bretanha. O homem não é um desconhecido dos americanos. A função também não é nova. Desempenhava-a Sir Harold Mac Millan, um político sóbrio e sensato, que parece não se ter dado muito bem com as tortuosidades da diplomacia.

Em que consistem as funções do Alto Comissário britânico na Itália? Trata-se, evidentemente, dum cargo correspondente ao período da guerra exigido pelas condições anormais que ela cria. O Alto Comissário tem de ser, simultaneamente, um embaixador, um conhecedor da política interna italiana e um avisado conselheiro para as necessidades que o país que representa e o país junto do qual está acreditado sucessivamente vão conhecendo, para a realização duma guerra que estão a fazer em comum. Compreende-se que o desempenho duma tarefa tão exigente seja entregue a uma personalidade de mérito reconhecido.

A SITUAÇÃO EM ITÁLIA

«Sir» Noel Charles vai exercer o seu cargo na parte da Itália que foi já entregue à administração dos italianos, depois de ter sido ocupada pelos exércitos anglo-americanos. Nessa zona, que representa aproximadamente um terço da superfície total do país, a fermentação interna começou a fazer-se sentir logo em seguida à queda do fascismo, em julho do ano passado. As condições em que a actividade dos vários partidos ali se exerce são conhecidas. Mas há, também, a parte da Itália actualmente ocupada pelos alemães, que é a mais rica, a mais populosa e a mais progressiva do país. E o que se passa ao norte do Tibre é quasi completamente ignorado do resto do mundo.

Os pedidos formulados pela coligação dos seis agrupamentos reconhecidos em Itália, que há algum tempo efectuaram uma reunião magna em Bari, para a abdicação do rei Vítor Manuel e de seu filho, o príncipe de Piemonte, não foram atendidos. De acordo com os Aliados, o marechal Badóglgio conservou-se no poder com a confiança do soberano. Mas os compromissos assumidos por ambos significam que, no dia em que os ingleses e americanos entrarem em Roma, a situação se modificará sensivelmente.

As notícias que chegam de todos os cantos da Europa, quer sejam de países beligerantes, ocupados ou neutrais, pró ou anti-alemães, revelam-nos, embora com algumas discrepâncias, que o Alto Comando germânico pretende estabelecer, a todo o custo, uma nova muralha defensiva de mais de 3.000 quilómetros para impedir o prosseguimento do avanço russo antes dos aliados anglo-americanos iniciarem a sua anunciada ofensiva a ocidente.

As recentes medidas militares tomadas pelo Reich nos países satélites, hoje prática e definitivamente ocupados, traduzem de maneira flagrante essa intenção, tanto mais que, na opinião dos críticos militares, as linhas de defesa em que o chanceler Hitler parece depositar as suas melhores esperanças são as seguintes:

1— A linha Riga-Odesa, que os exércitos soviéticos já romperam.

2— A linha do Rio Bug polaco. Este rio, não confundir, é um dos afluentes do Vistula e nada tem que ver com Bug ucraniano.

3— A linha ao longo do Vistula, desde Dantzig, através de Varsóvia, até aos Carpatos.

Entretanto, ao mesmo tempo que continuam a aparecer comunicados sobre a continuação das negociações de paz entre a Rússia e a Finlândia, o jornal sueco *Aftonbladet* anuncia, em grandes parangonas na primeira página, que os alemães estão a reforçar as divisões do general Dietl com grandes quantidades de tropas

e aviões, que são transportadas para os portos do golfo da Finlândia através do mar Báltico.

Do mesmo modo, a Agência Telegráfica Escandinava comunicou que «a mobilização geral do sueste da Europa prosseguia com a revisão da política romena e búlgara e com a ocupação da Hungria». E acrescentava: «O estado de coisas existente nas regiões do sul da Frente Oriental tornou necessária a mobilização de todas as forças disponíveis para a defesa dos Balcans, na qual o sistema ferroviário húngaro desempenha um papel de primeira grandeza».

Na Polónia e nos Estados Bálticos, também os alemães estão a tomar, medidas bélicas de grande envergadura, que foram divulgadas pelo governo polaco de Londres, e recebidas por intermédio das organizações clandestinas que operam naquele país. Segundo se depreende destas informações, os alemães tencionam tentar deter o avanço soviético em qualquer das linhas atrás citadas.

Na segunda linha da «muralha oriental», as obras de defesa prosseguem ao longo do Bug polaco. A traço grosso, pode-se dizer que esta linha começa na Prússia oriental, atravessa Brest-Litovsk, margina o rio Bug e termina nos Carpatos.

Por detrás desta trincheira fica por último a linha do Vistula, que talvez venha a ser a mais poderosa e eficiente, em virtude de haver mais tempo para a preparar e reforçar.

A este respeito, as informações polacas a que fazemos referência anunciam como notícia sensacional que os alemães estão a construir novas casamatas de cimento armado e a

colocar rédes de arame farpado no centro de Varsóvia...

De todos estes factos se conclue que, como informou a Agência Telegráfica Escandinava, «a ocupação da Hungria e a revisão da política da Roménia e da Bulgária» fazem parte do esforço total da Alemanha para opor uma barreira aos soviéticos e alguns observadores internacionais acrescentam mesmo que algumas forças de reserva que o Alto Comando Germânico guardava para a defesa do ocidente, foram novamente conduzidas para a frente oriental, onde serão utilizadas segundo este plano geral.

Entretanto, registou-se um acontecimento militar no sector sul da frente russa que passou despercebido por não ter sido anunciado em comunicado oficial e que, por esse mesmo motivo, não se encontra ainda convenientemente esclarecido.

Quando, no dia 22 de março, fez o seu habitual comentário radiofónico, o crítico militar da Agência de Notícias Alemã, Mark von Hallensleben, declarou, como se a informação fôsse casual e já estivesse divulgada, que o marechal von Kleist estava a «comandar os movimentos de desagregação da frente sul». Tal afirmação deu, imediatamente, lugar a conclusões de carácter especulativo sobre a sorte do marechal Manstein, a quem até então se atribuía a direcção das operações naquela área.

Como se sabe, von Kleist tem o seu nome ligado a muitas manifestações bélicas do Reich nazi. Em 1937, invadiu a Áustria e, em 1940, entrou vitorioso em França e na

(Continua na pág. 22)

A ITÁLIA E OS VENCEDORES

Tudo isto depende, porém, da natureza das relações que a Itália, o que praticamente significa nesta altura o governo do marechal Badóglgio, mantiver com os vencedores. A dificuldade está em que estes não apresentam uma frente unida perante o vencido italiano. O que seria de molde a facilitar a derrota, o jogo diplomático da Itália se este país pudesse realizar, nesta hora grave da sua história, uma unidade nacional perfeita o que, como se sabe, está longe de corresponder à realidade.

Em relação à Itália a política dos vencedores mostra-se incoerente e incerta. Os ingleses, os americanos e os russos reconheceram àquela país o estatuto de co-beligerância, o que quer dizer que aceitam o seu sacrifício na luta contra os alemães. Os dois primeiros povos recusam-se, porém, a dar-lhe um reconhecimento diplomático formal, passo a que os russos já se decidiram.

DUAS COMISSÕES

Ao mesmo tempo, os destinos da Itália estão a ser moldados por duas comissões inter-alidadas, uma comissão anglo-russa-americana, a qual devem oportunamente juntar-se os delegados da França, da Iugo-Eslávia e da Grécia, e uma comissão de fiscalização anglo-americana presidida pelo general inglês, Mason Mac-Farlane, que foi governador de Gibraltar. O trabalho dessas comissões tem sido penoso e incerto. A primeira reuniu-se episódicamente, e nada se sabe das suas decisões. A segunda depara com dificuldades crescentes sempre que se trata de encaminhar os assuntos da política interna do país.

Tudo isto faz com que a missão de «Sir» Noel Charles, que esteve em Roma, em Lisboa e no Rio de Janeiro nos últimos tempos, se apresente delicada e que o seu desempenho exija qualidades de tato, de prudência e de previsão que devem ser as características dum diplomata numa emergência delicada como aquela que a Itália está vivendo.



General Ewald von Kleist

Camiseiros
especialistas
desde 1910



LISBOA—R. AUREA

Chemisier
spécialiste
depuis 1910

O mundo Industrial lubrifica com

Eagloil

FABRICA de MASSAS
LUBRIFICANTES



H. VAULTIER & C.^A

ela lava
aos Céus o produto querido do seu coração!

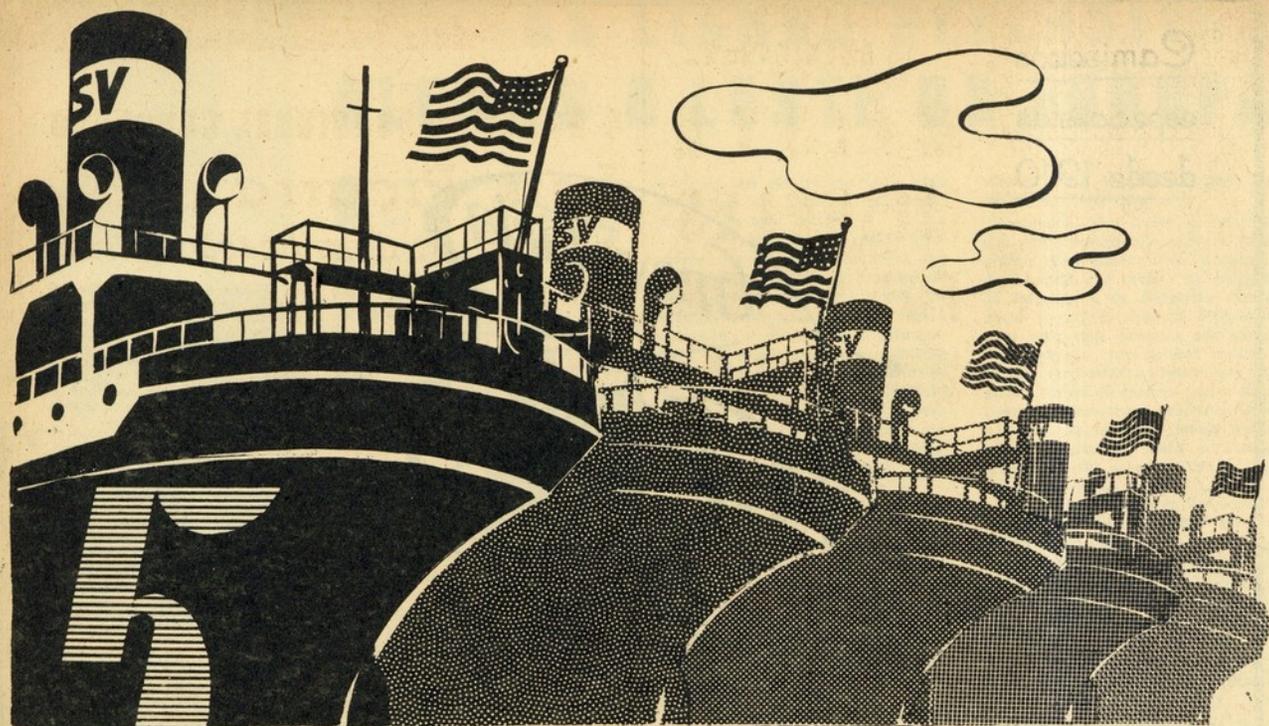
CREME

Egloil

VIREL

O unico que lhe fez voltar ao rosto a juventude perdida!

INSTITUTO VIREL
R. DA SAUDADE, 2. A • LISBOA, TEL. 20 472



5 navios cisternas — por dia —

O consumo total diário das várias refinarias da Socony-Vacuum anda por 50.000 toneladas de petróleo bruto, proveniente das numerosas concessões que a Companhia possui nas duas Américas e na Ásia.

Esta grande quantidade de matéria prima, que encheria 5 navios petroleiros, com a capacidade de carga de 10.000 toneladas cada um, é diariamente transformada em produtos que o mundo inteiro conhece e entre os quais se destaca o famoso lubrificante Gargoyle Mobiloil.

Os produtos Vacuum, que normalmente se encontram em toda a parte, escasseiam agora em Portugal, devido à guerra, mas o bom tempo há-de voltar e, então, V. Ex.^a tê-los-á à sua inteira discrição.

SOCONY-VACUUM OIL COMPANY, INC.



Esta é uma reprodução da foto «raptada»...

O telefone retiniu assustadoramente e uma voz, do outro lado do fio, anunciou sem mais preâmbulos: — A Milita Meireles foi raptada ontem à noite.

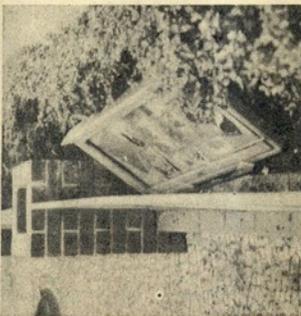
Demos um salto na cadeira e perguntámos: — Como? Quando foi isso?

Mas, a mesma voz do outro lado do fio, disse apenas:

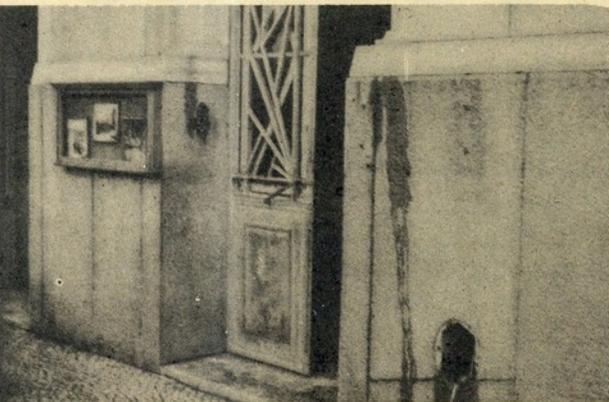
— Se quiserem saber mais pormenores, vão à Foto Aviz, ao Campo Grande, e averiguem!

Ouviu-se o «clac» do auscultador no descanso do telefone e compreendemos que a ligação fôra cortada.

O remédio, portanto, era ir ao Campo Grande. E lá fomos. E lá encontramos o dono da casa, o Moreira, que é reporter fotográfico da Emissora e nos recebeu com a melhor disposição d'êste mundo. Perguntámos-lhe se não teríamos caído numa armadilha de meninos engraçados ou se êle sabia de facto alguma coisa a respeito de «um rapto da Milita...»



E aqui appareceu a mesma vitrina abandonada...



Neste lugar estava a vitrina que foi arrancada...

COMO NOS FILMES AMERICANOS...

MILITA MEIRELES FOI ONTEM RAPTADA!

Moreira sorriu e disse que sim.

— Fui eu que telefonei. E não se trata de nenhum *alibi* à americana. A Milita, realmente foi raptada.

— E não preveniram a polícia? A Milita é menor. A família ha-de providenciar...

— Não vale a pena...

— Como, não vale a pena?! — perguntámos.

— Não vale. A Milita foi raptada... em fotografia.

Moreira tomou-nos camaradamente pelo braço e disse-nos:

— Venha ver...

Reparámos, então, que à porta da fotografia há — perdão, havia — duas vitrines, para exposição de fotos. Moreira explicou-nos rapidamente:

— Ontem à noite, alguém partiu o vidro da vitrine, arrancou esta da parede e roubou a foto de Milita que, como artista da Emissora, foi fotografada por mim.

— Quem seria o autor do rapto?

— Não se sabe. Apenas descobrimos uma coisa... Venha ver.

E, mais uma vez, Moreira conduziu-nos. À beira de um canteiro do ajardinamento do Campo 28 de Maio, lá estava ainda, entre os arbustos, a vitrine que fôra arrancada. Todas as fotos — menos a de Milita!

— É espantoso! E com que fim fizeram isto?

— Esquecia-me de dizer que, hoje, pela manhã, telefonaram para o meu estúdio, informando-me da inutilidade das investigações policiaes, porque a pessoa que raptou Milita... em fotografia... é apenas um dos seus muitos admiradores, atentos veneradores e obrigados ao desdem da sua apaixonada. Tudo se passou, como vê, nos moldes americanos.

— Pois sim! — dissemos nós — Mas perdemos a oportunidade de fazer uma reportagem sensacional: a Milita foi raptada!

O NOSSO SENSACIONAL CONCURSO

Luís Piçarra continua à frente da classificação geral!

ENTRAMOS hoje na 7.ª etapa do nosso concurso. Com seis etapas já rijamente disputadas, estamos certos de que o seu interesse vai aumentando à medida que êle se aproxima do seu resultado final. Os nossos artistas de Rádio têm um público bastante numeroso de entusiastas e admiradores, e todos êstes não-de certamente interessar-se o mais possível por que triunfe a sua vedeta favorita. As posições, embora tivessem começado a definir-se, não nos dão ainda uma idéa definitiva de qual será a classificação final. Luís Piçarra continua à frente, mas Maria Sidónio e Maria da Graça — qualquer delas tendo já obtido a cabeça da classificação geral e descendo depois para 2.ª e 3.ª lugares, em que se encontram agora, têm ainda todas as possibilidades de passar de novo à frente, desde que os seus admiradores se batam por elas, acorrendo com o seu voto.

CLASSIFICAÇÃO DA 5.ª ETAPA

A classificação da 5.ª etapa foi esta:

1.º — Luís Piçarra.....	186 votos
2.º — Maria Sidónio.....	135 »
3.º — Maria da Graça.....	119 »
4.º — Maria Gabriela.....	101 »
5.º — F. Curado Ribeiro.....	29 »
6.º — Fernando de Oliveira.....	28 »
7.º — Etelvina Maria.....	19 »
8.º — Milly.....	10 »
9.º — Tito Livio.....	9 »
10.º — Orlando Setimell.....	6 »

A maior votação, como se verifica, continua a ser para Luís Piçarra. Mas os que preferem Maria Sidónio não lhe dão tréguas nesta luta de sufrágio — e prosseguem a bater-se por ela. Não foi menor, nesta etapa, a votação por Maria da Graça. Ela teria mesmo vencido a etapa se pudessem ser contados mais de 300 votos que figuravam numa lista de assinaturas que nos foi enviada... Mas, simplesmente, êsses votos não figuravam em cupões. E os votos, sem serem em cupão, não contam... Graciete de Melo retiniu apenas 2 votos.

Várias pessoas nos escrevem a perguntar se a mesma pessoa poderá votar com mais de um cupão. Sim, senhor, pode, visto que os votos são contados pelos cupões e não pelo número de pessoas que no-los enviam.

A CLASSIFICAÇÃO GERAL

Após a 5.ª etapa, a classificação geral ficou sendo a seguinte:

1.º — Luís Piçarra.....	1.622 votos
2.º — Maria Sidónio.....	1.249 »
3.º — Maria da Graça.....	1.229 »
4.º — Maria Gabriela.....	801 »
5.º — Graciete de Melo.....	474 »

Estamos a meio do concurso. Os nossos leitores poderão ainda fazer alterar esta classificação. Está isso na sua mão. Votem, portanto, inte ressando-se pela sua artista favorita e fazendo interessar-se por ela as pessoas suas amigas, os postos emissores a que pertencem, os seus próprios clubes desportivos. Sim, realmente, porque não devem os postos emissores a que os vários artistas pertencem fazer interessar na votação os seus numerosos associados? Seria esta uma maneira de consagrar e até de estimular os artistas que lá trabalham, uma forma interessante de expressão de voto, tanto mais que o concurso pretende consagrar não a melhor artista da nossa rádio, mas simplesmente a mais popular. E não há nenhuma maneira melhor de o fazer do que votar neste concurso.

OS PRÉMIOS

Como já dissemos, para os votantes d'êste concurso haverá 5 prémios a sortear entre as pessoas que votaram nos cinco primeiros classificados. Esse sorteio será feito publicamente após o apuramento dos vencedores, sendo convidados a assistir a êle todos os concorrentes.

Na mesma altura estarão patentes todos os cupões recebidos, e todos poderão controlar, se assim o entenderem, a votação feita durante o concurso para que possa haver a certeza absoluta da forma séria e rigorosa como êste concurso está sendo realizado.

CONCURSO DE RÁDIO

«VIDA MUNDIAL ILUSTRADA»

7.ª etapa

Voto em

Pôsto em que trabalho

Nome

Morada

Guimar, Lda

Decoradores-Desenhadores.

Mobiliário • Estojos • Papeis pintados • Tapeçarias

Estímulo e viático

QUANTO mais se caminha para a morte, mais se deseja o amor. Não o amor-paixão, o amor exasperado e violento, o amor que não é «habitável», como dizia o poeta. Mas o amor-amizade, o amor-carinhoso, o amor incentivo, consôlo, estímulo, que permite aceitar a velhice com alegria e serenidade. E esqueçê-la até. Porque a velhice é, afinal, essencialmente, não ter nem encontrar quem nos ame...

Não se trata, porém, — embora dêle se julgue que eu falo apenas — não se trata só do amor que aproxima e prende no mesmo ela de aspirações e esperanças dois seres humanos, duas almas ansiosas de se juntarem e se perderem uma na outra — a do homem para melhor sentir e compreender a vida, a da mulher para mais e melhor se realizar. Trata-se ainda e também da simpatia que, muitas vezes anónima, segue e envolve a marcha de cada um de nós. Trazendo ou aquela palavra de aplauso, ou aquêllo silêncio do movimento de adesão, ou aquela atitude de fraternidade que não nos deixa esmorecer no rumo encetado.

Verdade seja que, em Portugal, não é nada freqüente acontecer assim. A regra, a norma, será mesmo o contrário, segundo creio. As boas e altas reputações, a celebridade, merecidas ou não merecidas, gastam-se entre nós espantosamente depressa. Levam-se dum dia para o outro — o que em relação às primeiras, constitui irreparável injustiça. Mas não morreram, já no nosso século, em quasi pleno deserto de afeições e de admirações — eram-lhes devidas e bem devidas — Henrique Lopes de Mendonça, Carlos Malheiro Dias, Manuel de Sousa Pinto, por exemplo e para não citar mais nomes de escritores e de artistas? Nenhum dêles usufruiu, sobretudo nos últimos tempos em que viveram e lutaram, desajôgo de fortuna bastante para não sentirem o pêso, sempre angustioso, de alguns «trabalhos forçados». E isto, não o esqueçamos, entre a indiferença glacial da imensa maioria do público chamado e considerado culto. Indiferença? Pior ainda: — ausência, precisamente ausência de amor. Do amor que nos cumpre votar a quem honra e eleva o prestígio dum país, duma sociedade e duma época.

Sou contra a idéia corrente de que a miséria é condição ótima, senão indispensável, para dar vigor, coragem e resistência ao talento e ao génio. Aconselharía antes, se fôsse possível, a riqueza como processo de selecção... Aquêlles que desprezassem e vencessem os apêllos sedutores do extremo conforto, das constantes facilidades da opulência, seriam, de facto, e são sempre os mais capazes de vencer. Deixemos todavia, êsse aspecto, mais ou menos paradoxal, do problema... O importante para nós, portugueses, é criar em tôrno das obras e dos nomes de quantos dignificaram e ergueram a fama da nação um ambiente de compensadora e fiel exaltação. Premiá-los, doutra maneira não me parece fácil. E já os contentaria, sem dúvida, respirar de vez em vez os effluvíos de suave incenso que o destino jámais recusa aos seus escolhidos e eleitos. Estímulo necessário, viático desejável.

JOÃO DE BARROS

FALA-SE ESTA SEMANA

MAJOR DR. ARMANDO LARCHER

DR. SOUSA COSTA



Acaba de ser nomeado para o cargo de director dos Serviços de Censura, o sr. major de infantaria dr. Armando das Neves Larcher. Oficial distinto, homem de grande cultura e excelente carácter, a sua nomeação não surpreendeu os meios da Imprensa, de resto, habituados ao seu contacto, pois o sr. major Larcher já prestava serviços relevantes nos Serviços de Censura. O acto de posse não foi ainda marcado.



«Arte de amar de uma cabecinha louca» — eis o título sugestivo do novo romance do Dr. Sousa Costa, um escritor que é sempre o mais novo de cada uma das gerações que passa, só porque o seu dom de observação sabe de modo actual e verdadeiro dar-nos tôdas as expressões da vida. Neste novo romance, Sousa Costa não escreveu só um compêndio da vida moderna: compôs também uma lição moralizadora e um exemplo a fixar, num estilo literário impecável, como Sousa Costa e poucos mais sabem ter...

NOTAS RÁPIDAS



Como dizemos noutra página, Eduardo Lapa inaugurou, nas Belas Artes, uma vasta colecção de quadros. O sr. Presidente da República e o sr. ministro da Educação Nacional compareceram no acto inaugural, elogiando os trabalhos expostos.



Chegaram há dias a Lisboa alguns estudantes espanhóis. Dentro do vasto programa de estreitamento de relações luso-espanholas, cube bem esta permuta de visitas da mocidade peninsular. Os rapazes espanhóis encontraram da parte dos camaradas portugueses compresão e estima.



O centro escolar n.º 37 da M. P. com sede no colégio Filipa de Vilhena, organizou uma exposição de campismo, inaugurada por um representante do sr. dr. Marcelo Caetano, Comissário Nacional da Mocidade Portuguesa.



O sr. capitão Silva Pais, por ter terminado a sua comissão de serviço, abandonou, há dias, a chefia dos serviços de fiscalização contra açambarcamentos. O médico e todos os oficiais que prestam serviço na Polícia de Santa Marta, onde o sr. Silva Pais tão inteligente acção desenvolveu, expressaram-lhe a sua estima e admiração.

as CASAS que

M
O
B
I
L
A
M



AV. ALMIRANTE REIS, 233-B, r/c. e 1.º andar
TELEFONE 4 4033 — LISBOA

uma HABITAÇÃO *ideal*



COMPANHIA ALCOBIA

Rua Ivens, 14 (esquina da Rua Capelo)
Telefone 26441



CASA JANEL APRESENTA UM DOS SEUS MODELOS

Rua da Palma, 95-107 LISBOA Telefone 2 7984



Casa Jalco, L.ª

RUA IVENS, 44

LISBOA



UMA INSTALAÇÃO

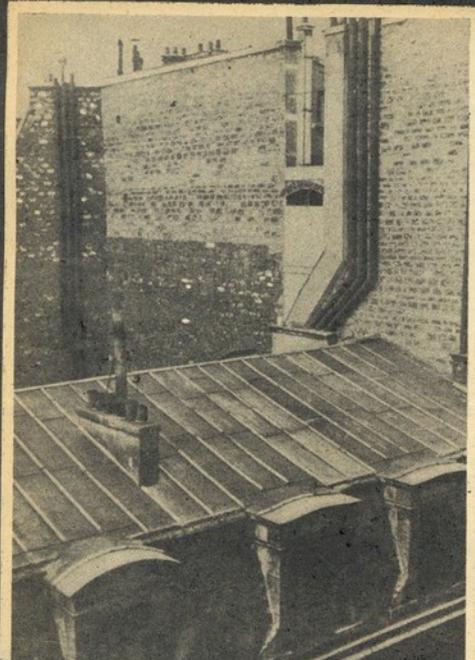
da casa MARMORES DE SOUSA BATISTA, L.ª

PRAÇA DO MUNICIPIO, 30 — LISBOA

TELEFONE 2 7643



MÓVEIS & DECORAÇÕES
AVENIDA DA LIBERDADE, 7 — LISBOA



Uma parede alta de tijolos encobria a entrada das trazeiras da casa da rua Lussembourg onde morava o médico Dr. Petiot, não podia de modo algum fazer levantar suspeitas. Entretanto, por detrás dessa parede ficavam as janelas da residência do infortunado — e pelas janelas podia darse conta do que se passava lá dentro...



Este é Dr. Petiot, o homem que ajudou de crimes, por um lado, apontado como vítima da máquina política, por outro lado...

O estranho caso do Dr. PETIOT!

A PARECEU um excelente motivo para encher as páginas dos magazines e até dos jornais mais circunspectos de todo o mundo: os crimes atribuídos ao Dr. Petiot, o médico francês que atraía vítimas a sua casa, para lhes arrancar a forçã. Se é verdade o que se diz, é mais repugnante do que Landru, o homem de taras psicológicas que agia sob impulsos de sadismo, este Dr. Petiot que veio distrair os olhos do mundo para um palco tão desolador como a guerra. Diz-se que o criminoso já se fez justiça, morrendo às suas próprias mãos, para não cair nas da polícia. Até nisso foi triste e covarde, com a agravante de lançar a mulher, o filho e o irmão nos alçapões dos seus crimes e fazê-los sofrer os rigores da justiça humana, enquanto ele se refugiou na morte — a mais cômoda punição dos seus crimes...

O homem tem sempre as suas taras mas a natureza não se compadece com a

fragilidade dos seres humanos e, então, cria às vezes o requinte das aberrações que se traduzem por crimes, por impulsos tão baixos que não têm comparação entre as outras espécies, entre as outras criações da vida.

Carremos os olhos perante a mísera condição humana tão sujeita às contingências do destino — e façamos votos por que haja cada vez menos Drs. Petiots neste mundo...

A nossa Revista publica hoje, em exclusivo, no nosso país, uma reportagem gráfica sensacional, cedida pela Secção de Turismo dos serviços de propaganda alemã. O leitor poderá assim compreender melhor o drama da natureza humana, quando o mal, como no caso do Dr. Petiot, cria instrumentos de tortura física e moral com a sua asa negra e incomensuravelmente mesquinha e mísera...

(Fotos R. D. V.)



A mulher de Dr. Petiot, a mulher de convicção nos crimes atribuídos ao marido. É ela quem suporta presentemente o peso das acusações...



A quem teriam pertencido estes sapatos? Um agente de polícia indiciou, na foto, como pertencentes às vítimas do Dr. Petiot. O tempo e a justiça dos homens esclarecerão os fatos na serenidade da paz terrestre...



Aqui, no pátio, havia uma porta. Por essa porta entravam as vítimas atribuídas a Petiot, para nunca mais saírem. Até agora, diz-se que 27 infelizes ali encontraram a morte em condições trágicas. Na foto, vê-se a porta da casa das torturas e adivinha-se o interior...



Um agente de polícia revolve restos de corpos calcinados — ossos que a cada um teve tempo de comer. As investigações foram penosas, demoradas e cheias de lances dramáticos e imprevistos, como se vai ver...

Uma reportagem gráfica exclusiva de "Vida Mundial Ilustrada"



...Por este buraco, praticado na parede de um dos compartimentos da casa em que habitava, o Dr. Petiot observava as vítimas que sofriam e morriam na cave de torturas para onde as lançava...



...pelo guindaste que se vê na foto. As vítimas eram aqui penduradas, assim ficando enterradas na cal, até serem consumidas.



Depois, na cave, havia ainda um forno onde por fim procedia à incineração dos cadáveres — ou dos restos que a cal não consumira.



Para poder agir, diz-se que o Dr. Petiot amarrava as vítimas com a corda que na foto se vê nas mãos de um agente de polícia parisiense, ministrando-lhes depois uma injeção dolorosa que dava a morte no meio do maior sofrimento.

Companhia Nacional de Navegação

CARREIRAS

para Africa, Brasil e América

Rua do Comércio, 85 — LISBOA

Uma defesa permanente contra as bactérias e um
dentos: são e holes terá V. Ex. na boca se usar:

Sulfadentina

A 1.ª Pasta Dentífrica com Sulfamida

As linhas defensivas alemãs

(Continuação da página 14)

Bélgica. Um ano depois, ocupou Belgrado e, logo a seguir, lançou o primeiro assalto contra a Rússia. Depois, em Julho de 1942, reapareceu no sector de Voronezh às ordens de von Bock; em seguida, dirigiu o avanço contra os jazigos de petróleo de Crozny no Cáucaso, e em agosto de 1943, regressava ao sul da Rússia, a comandar na frente do Kuban.

Quanto a von Manstein, a sua folha de serviços não era inferior a

de Kleist. Fôra chefe do Estado-Maior de von Rundstedt na Polónia e em França; quando a invasão da Rússia estivera em pleno desenvolvimento, dirigira a conquista de Sebastopol e rechaçara os exércitos soviéticos para as margens do Volga.

Eram, portanto, dois oficiais sobejamente conhecidos, que tinham no seu activo tantos momentos de glória como de desgraça, nada indicando por conseguinte que um era melhor do que o outro. E por esta mesma razão que não parece natural que von Manstein tenha sido substituído literalmente por von Kleist.

O que provavelmente se deu, e essa é a opinião mais verosímil, foi uma cisão no grupo de exércitos que operava no sector sul. Dêste modo, von Kleist ficaria encarregado do comando da ala direita com o fim expresso de resistir no desfiladeiro de Gallati que conduz aos poços de petróleo de Ploesti e a Bucarest; ao passo que, von Manstein se ocuparia da ala esquerda com o encargo de defender Lvov e barrar o caminho da Silésia às forças do marechal soviético Zhukov.

E, aqui terminam estas modestas conjecturas que a leitura das mais desconhecidas informações nos sugeriu e revelou.

JOSE CORREIA RIBEIRO



Garland, Laidley & C.º Limited

Estabelecidos há mais de um século

AGENTES DE NAVEGAÇÃO E TRANSITÁRIOS

REPRESENTANTES DAS SEGUINTE LINHAS:

Blue Star Line • Brocklebank Line
• Furness, Withy & C.º Ltd. • United
Fruit C.º • Booth Line • Cunard White
Star Line • Lamport & Holt Line •
Yeoward Line

Tr. do Corpo Santo, 10-2.º R. Infante D. Henrique, 13,1
LISBOA PORTO



PARA TODOS OS
USOS CULINARIOS
— E DE MESA

A VENDA NAS BOAS MERCEARIAS



Rainha DA
Hungria

3 produtos indispensáveis à
pureza e frescura da epiderme.
SÃO PRODUTOS



Mae Campos

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

AVENIDA DA LIBERDADE, 35 - LISBOA

TEL. 21866

TINTA A ÓLEO UNICOTE

Pintura Mate Lavável.

Ideal para Decorações de Interiores não con-
tendo chumbo, nem matérias acepticas.

Grande facilidade no seu emprêgo

Optimo poder de cobertura.

Fornecida em 40 tons diferentes.

Depositários Excusivos:

GME. GRAHAM JR. & CA.

Rua dos Fanqueiros, 7 — LISBOA — Telef. 20066

Rua dos Clérigos, 6 — PORTO — Telef. 880

Até aos
Cem anos



COM OS LICORES DA CENTRAL
Tr. Condessa do Rio, 31 LISBOA Telef. 26100

PASSE
A PÁSCOA



ALEGREMENTE

São Chocolates



da Favorita

elle

Uma só vez no ano

NÃO podemos dizer que a Páscoa foi este a menos generosa para com' os gulosos. N obstante as dificuldades do momento, cr das pela guerra, Lisboa — para não dizermos país inteiro — ainda pode matar a gula, porq as guloseimas enchem as montras das nossas co feitarias. As fábricas trabalharam a valer e a dogaria nacional não quebrou a tradição da qu ara festiva, adocicada por natureza... do hdbi Os portugueses passam por ser de paladar «r finé». Pois aqui lhes servimos nesta página algu dos melhores manjares — desde os vinhos pe rosos — pelo paladar e pelo bem que nos fazem até aos doces da fábrica e da indústria caseira. Tarel não desdenharia de assinar, por baixo cada uma das referências aos artigos que expon um elogio particular. Todos eles são dignos de um paladar de pr cipes — e ninguém desgosta de parecer princ uma só vez na vida, mesmo que seja só enquar trica um chocolate ou esvazia uma taça de cha panhe... Ao menos, uma só vez no ano — pela Páscoa festa da Ressurreição — experimente V. Ex. iguarias que lhe oferecemos...



PASTELARIA
E SALA DE CHÁ

"Coimbra,"

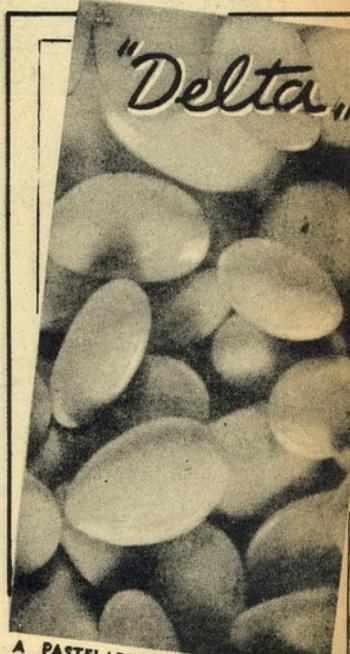
R. Alexandre Herculano, 29-B, 29-E Telef. 45666

Fumem
os deliciosos



Pâtisserie Versailles

OS LANCHES
DOS CASAMENTOS ELEGANTES



"Delta"

A PASTELARIA DA CLIENTELA CHIC
Av. Almirante Reis, 27-D, 27-E



A PASTELARIA E CONFEITARIA
"ANCORA"

A GUERRA NÃO LEVOU AS AMENDOAS...

MAS PARA O ANO—QUEM SABE!...

SEMANA Santa!... Enquanto as cerimônias litúrgicas decorrem nos templos em suave recolhimento e unção religiosa, cá fora, nas ruas, uma das obrigações mais interessantes é a visita às confeitarias, comprar as amêndoas, num ritual de gulodice já com foros de tradição.

Os jejuns e abstinências da época não previram a invenção dessa pequenina maravilha da arte de doçaria, variada e bonita, mesmo a tentar os mais indiferentes apreciadores de guloseimas.

Roliças e policromas, tôdas lisas como seixos minúsculos de algum rio dum país de fadas, ou encrespadas, fantasistas, encerrando bocadinhos de cidrão ou de canela, o seu aspecto chama a nossa simpatia e vem lembrar-nos tanta gentileza que lhes anda ligada, num elo que se não vê mas que se sente.

Quanto mimo, quantas provas de carinho representa às vezes um pacote de amêndoas levado nesta quadra do ano a um ente querido! As crianças adoram-nas. Uma avó, um primo, um padrinho ao entregar um embrulhinho de amêndoas, numa casa onde há crianças, proporciona-lhes um tal prazer que nunca mais se esquece... enquanto houver Páscoa. É o inesperado da oferta, depois distribuída pela mãe com cuidados, não vão os petizes comer muitas e poder fazer-lhes mal, o que ainda interessa mais...

São tão lindas e sabem tão bem... que as pessoas crescidas também as trincam com delícia, e uma embalagem de gosto encerrando lá dentro amêndoas apetitosas torna-se, no simples gesto de dar e aceitar, um traço de união delicado a apertar de mansinho laços de estima e amor.

Uma lenda poética diz terem as amendoeiras algarvias uma história amorosa na sua origem.

O rei mouro que as mandou plantar, para dar à sua amada a ilusão da neve da sua terra distante



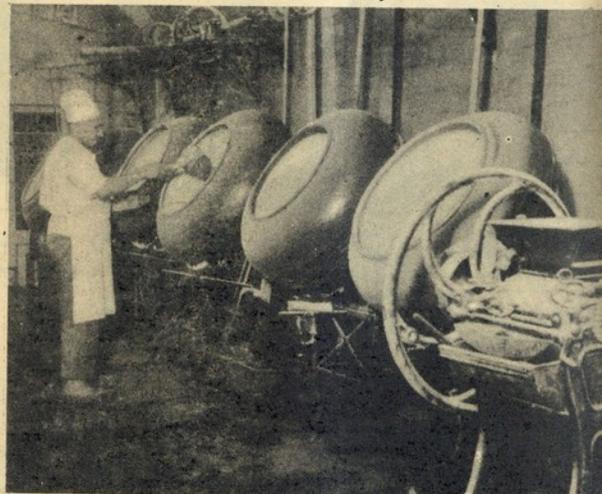
Elas, este ano, são poucas e por bom preço, mas, ainda assim, são uma tentação...



Como se fazem? O segredo é a alma da indústria. Mas, bem se vê que na fábrica vai uma barafunda para torrar as amêndoas...



É preciso passá-las pela calda do açúcar... Ele é tão pouco, por mais que os confeitores diminuem os açucareiros!...



Agora, nestes grandes caldeirões, toca a fazer rebolar as amêndoas, até ficarem lisinhas como seixos do rio!

quando as visse cobertas de flor, fêz, talvez, que lhes ficasse ligado como que um halo de ternura. Os frutos dessa árvore, tantos séculos decorridos, ainda se transformam em transmissores de intenções afectuosas.

O fabrico das amêndoas vale a pena ser visto. Quebrada a casca e tirado o miolo, vai ao torrador e quando está na devida altura passa para os secadores, enormes recipientes de cobre que se movem mecanicamente, a passár sobre um renque de gambiarras. O gás acêso aquece a chapa que gira, gira e vai girando, enquanto as amêndoas rolam lá dentro, embebidas pouco a pouco na calda de açúcar que um cozinheiro cuidadoso lhes deita devagar e de tempos a tempos, para que o revestimento se forme gradualmente e chegue à espessura desejada.

Numa oficina tôda branca de azulejo, a dupla fila dos secadores move-se compassada, enquanto o homem deita, ora num ora noutro, a calda que ferve em enormes tachos numa fornalha próxima. No recinto eleva-se como que uma poeira branca muito fina. Temos a impressão de ser doce o ar que respiramos.

Na bôca sentimos o gosto de baunilha da calda perfumada.

Permanecemos um bocado a ver o fabrico. A amêndoa embebida sofre uma pequena diferença no deitar da calda, passada, então, por uma espécie de funil, para que fique com aquêle formato encrespado e característico.

O calor torna-se sufocante. Passamos a ver outros aspectos: a amêndoa torrada, a escolha e a embalagem, em que se ocupam raparigas de batas azuis e toucas brancas, enquanto outras levam ceiras cheias de amêndoas já prontas para a confeitaria anexa, narua de S. Paulo, onde o dono da fábrica se vê a braços com a impossibilidade, em que as restrições do açúcar o colocam. Nada, este ano, não poderá inundar de amêndoas a nossa linda cidade.

Amêndoas da Páscoa, delicioso manjar de acerbo espinho — são poucas e tão caras!... — ai quem dera que a sua pre-

sença amiga nunca falte a acompanhar-nos, com o perfume do seu tradicionalismo, nesta tão bela época de festas — mesmo que sejam, como neste ano, a cinquenta escudos o quilo...

F O T O S S E R Ô D I O



Por isso as raparigas não têm mãos... a encher cartuchos. Reparem como são bonitas — as amêndoas e as raparigas, claro!...

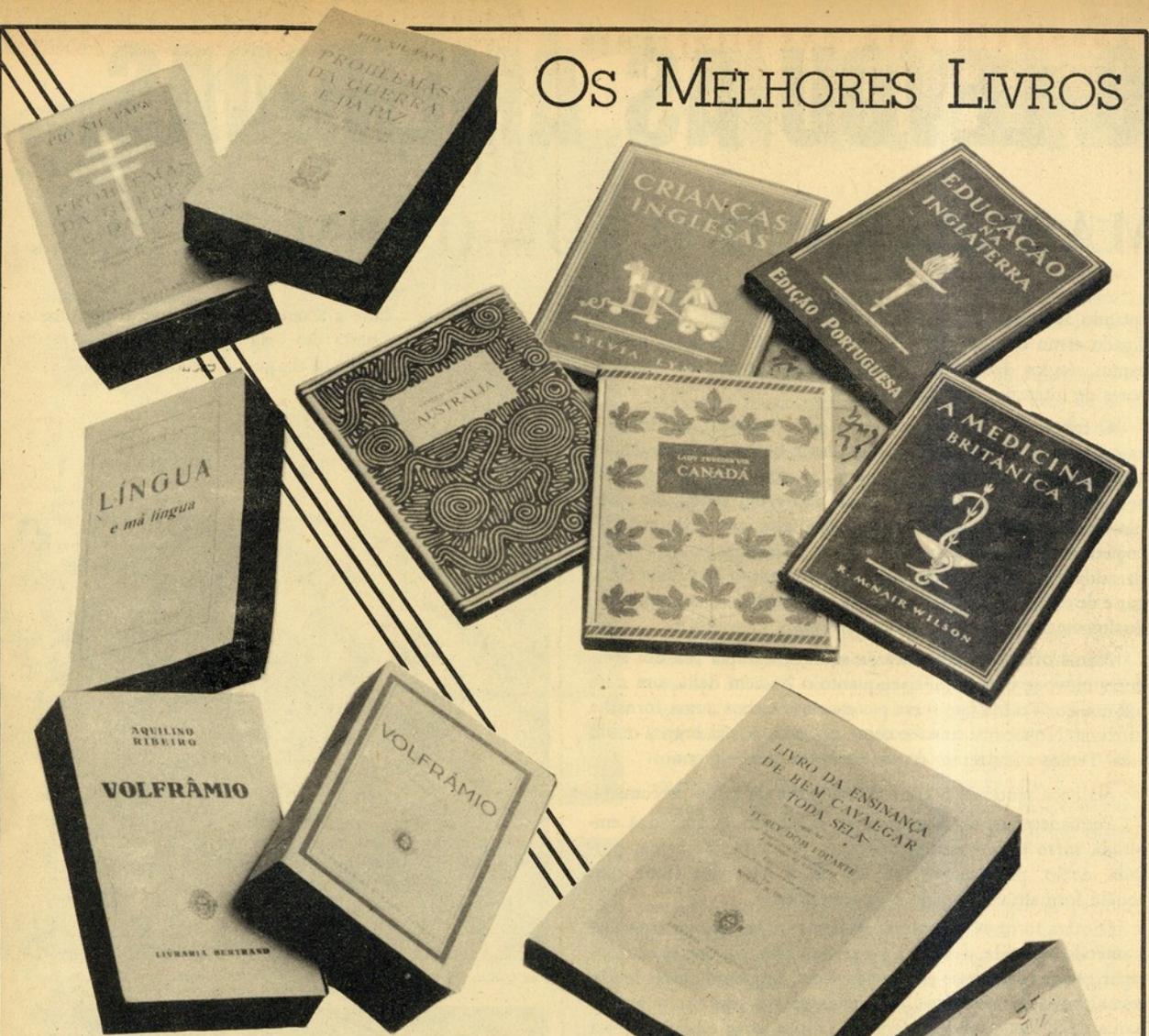


Também se compram a «stostão», porque os pobres têm como os ricos o direito das guloseimas da Páscoa!...



Na loja, a petizada e os graúdos fazem as suas encomendas. Há sempre um parente ou um amigo que já conta com as «amêndoas»... este ano, porque no que vem, quem sabe se as haverá. A guerra é que manda!

OS MELHORES LIVROS



AS MELHORES REVISTAS



LIVRARIA BERTRAND

RUA GARRETT, 75

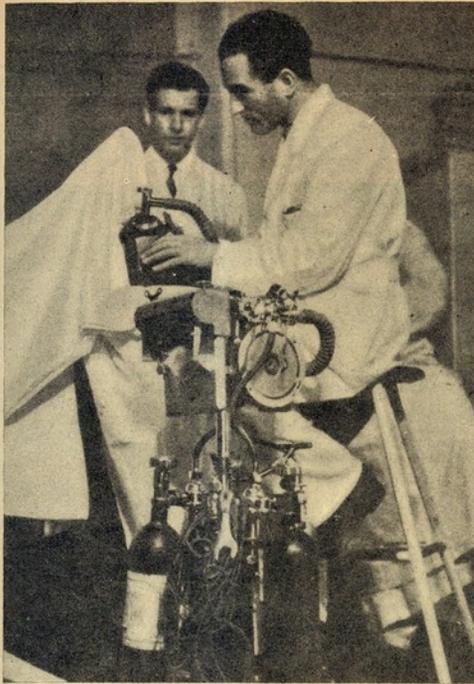
LISBOA

TELEFONE: 20535

FILIAL NO PORTO: **LIVRARIA INTERNACIONAL**

RUA DE SANTO ANTONIO, 43—TELEFONE: 7973

Anestesia pelo gás hilariante



Desde que há quasi cem anos o americano William Thomas Green Marton, em Boston, applicou o éter como anestésico, quanto caminho andado na luta contra a dor! No principio do Séc. XX, a descoberta da cocaína trouxe os fundamentos da anestesia pelo gás, da insensibilização da medula, e da anestesia local. Mais próximo de nós, fez-se a anestesia por via intravenosa. Mas a última palavra parece estar no emprego do gás hilariante, quando se quer evitar a acção irritante do éter nas vias respiratórias, e a anestesia local é impossível. A gravura representa a applicação do gás hilariante por médicos americanos e com um aparelho americano.

A B C sobre o planeta Marte

A distância de Marte ao Sol é de 227 milhões de quilómetros; a da Terra é de 149 milhões. É um planeta brilhante, de cor avermelhada. O seu diâmetro é pouco maior do que a metade do diâmetro da Terra. Tem dois planetas-satélites: Fobos e Deimos, ao passo que a Terra tem só a Lua.

Em Marte, um objecto pesa simplesmente 37 % do que pesaria à superfície da Terra. O dia deste planeta tem 24 horas, 37 minutos e 23 segundos, e um ano muito largo, visto levar 687 dias terrestres a descrever a órbita à volta do Sol.

No conjunto, Marte será uma superfície desértica, sulcada por cogrentes de água, em tórno das quais nasce, cresce e se extingue uma vegetação

semelhante à nossa, apresentando ainda nos polos uma calote branca, parecendo gelo.

Schiaparelli, em 1877, julgou ter descoberto «canais», que logo houve quem supusesse feitos por seres vivos e inteligentes. Estes canais, porém, são de existência muito discutível.

Uns astrónomos consideram Marte um planeta morto, onde poderiam ter existido seres vivos — uma imagem do que há-de suceder à nossa Terra quando se operar a fixação química de todo o oxigénio livre na atmosfera. Outros, julgam que Marte tem algum oxigénio e alguma água, que desce das regiões polares, e que é, talvez, habitável. Pelo menos — e isto é certo — existe lá vida vegetal.

A defesa do nosso corpo contra o frio e o calor

QUANDO o calor do nosso corpo sofre o mínimo afastamento dos 37 gráus de temperatura necessários à vida normal das células do organismo, dá-se uma regulação de calor que não depende da nossa vontade e se opera muitas vezes sem darmos por isso.

Se o corpo aquece demasiadamente, os vasos sanguíneos da pele dilatam-se e o nosso rosto fica vermelho. Verifica-se, assim, um maior escapamento da massa sanguínea para fora do organismo, aumentando a irradiação do calor. Os processos de combustão reduzem-se a um mínimo e as glândulas sudoríparas começam a funcionar. Com a evaporação do suor consome-se calor e o corpo arrefece. Os cães, que não têm glândulas sudoríparas, e portanto não suam, deixam pender a língua quando se sentem acalorados, e occasionam, tornando a respiração mais intensa, a evaporação refrigerante na língua.

Se o corpo refresca, o sangue dirige-se da pele para as partes mais profundas e restringe-se a irradiação do calor. Dá-se uma intensificação na actividade combustora e produz-se energia calorífera. Se isto não basta, começamos a «tremor de frio», isto é, executamos um movimento muscular instintivo apenas destinado a desenvolver o calor.

Os corvos contam até quatro...

OS resultados brilhantes duma experiência levada a efeito pelo professor Leroy vêm confirmar, até certo ponto, a inteligência dos corvos.

Assim, aquêle professor construiu uma cabana perto dum ninho de corvos e colocou uma pessoa dentro da cabana. Os corvos só se aproximaram do ninho, quando a pessoa safu da cabana.

No dia seguinte, repetiu-se a experiência com dois indivíduos — e os corvos só se aventuraram, depois de aguardarem que saísse o segundo indivíduo.

Igualmente, a experiência deu resultado satisfatório com três e com quatro pessoas. Por fim, porém, os corvos enganaram-se, ao fazer-se a experiência com cinco pessoas na cabana. Eles nunca esperavam pela saída da última. Apenas sabem contar até quatro. E já não é pouco!

CIÊNCIA ELEMENTAR

O trabalho através da História

MUITA gente imagina que a consideração social pelo trabalho foi sempre uma glorificação, mas a História mostra como o trabalho, longe de ter sido motivo de orgulho, principiou por ser, nos tempos antigos, a mais vil das actividades, e o pior dos castigos.

No tempo em que a escravatura era uma instituição social (como na antiga Grécia, há 2.000 anos) todo o trabalho estava a cargo dos escravos. A existência de escravos e senhores trouxe consigo uma psicologia e concepções próprias. Os trabalhos que os escravos executavam eram tão desconsiderados, tão grosseiros e tão impuros como os próprios escravos.

O historiador Glatz conta que, em Epidauró, a infâmia ligada aos trabalhos manuais obrigava o Estado a constituirlos num serviço administrativo, confiando a escravos públicos. Por seu lado, o filósofo grego Aristóteles considerava a vida contemplativa superior às mais altas formas da actividade prática, recusando-se, a ver, nos escravos, mais do que máquinas animadas.

Mas a evolução social, o aparecimento e utilização de certos inventos (a ferradura, o moinho de vento e de água, etc.) trouxe consigo a decadência e extincção da escravatura. Então, criou-se uma nova forma de trabalho, a servidão, em que o trabalhador gozava já de certos direitos, embora frágeis.

Durante a Idade Média, a inaudita crueldade das tiranias engendrara motins e guerras. Na Inglaterra os camponeses revoltados arrastaram como pendão a significativa legenda: «Quando Eva fiava e Adão caçava, onde estavam os nobres?».

Mudando, em proporções diversas, o condicionalismo social, económico e técnico, e ainda devido a influências ideológicas como a do cristianismo que prégava a santidade do trabalho, este deixou, pouco a pouco, de ser considerado a pior das infâmias. O eixo desta mudança do conceito social do trabalho estava, antes de mais nada, na progressiva ascensão e poderio de uma classe — a burguesia — cujo modo de existência era precisamente o comércio e a indústria.

Até à Revolução Francesa de 1789 e, sobretudo, depois dela, nos alvares e expansão do industrialismo, multiplicaram-se os ataques à ociosidade e à vida contemplativa.

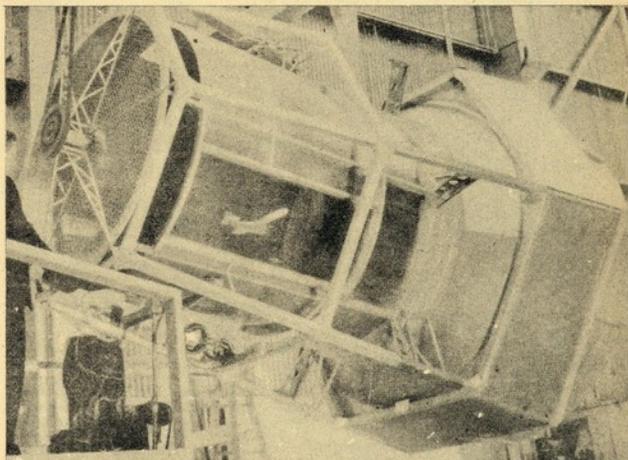
A vida da nobreza era considerada degradante, fonte de preguiça; e a vida dos sábios antigos uma maravilha de esteridade.

Voltaire lançou invectivas contra aquêles «senhores empoados que sabem exactamente a que horas o rei se levanta e se deita». D'Alembert, um dos enciclopedistas, reabilitou as profissões mecánicas, escrevendo: «É talvez entre os artifices que se deve ir procurar as mais admiráveis provas da sagacidade do espirito, da sua paciência e dos seus recursos».

Mais tarde, em 1819, Chapital dirigiu os seus elogios para a estreita união entre a ciência e a indústria, e Carlos Comte, por sua vez, colocava acima do grande Pompeu o mais pequeno dos manufactureiros. Saint-Simon seguia as mesmas águas, afirmando ser o manufactureiro um homem mais útil ao Estado do que um nobre.

Crescendo a industrialização, graças aos avanços da técnica na fição, na tecelagem, na metalurgia e em muitas outras indústrias, formou-se um proletariado numerosíssimo reunido em grandes centros urbanos. A agitação social produzida por uma época de desenfreado lucratismo, trouxe consigo reivindicações dos trabalhadores, a formação de uma «élite» intelectual de tendências trabalhistas e a criação de uma legislação (menos horas de trabalho, direito de associação, responsabilidades patronais, leis sobre accidentes de trabalho, etc.), que tendia a limitar a «exploração do homem pelo homem», denunciada por Babeuf, e implicava o reconhecimento da grandeza suprema do trabalho.

Até hoje, este reconhecimento não tem sido senão confirmado e fortalecido em todas as partes do mundo.



Vemos aqui um pequeno túnel aerodinâmico, em que um modelo de aeroplano tende a descer contra uma corrente ascendente de vento, de modo a ficar estacionário. Por meio de fios, que não são visíveis na fotografia, o operador manipula os comandos do modelo, exactamente como se tratasse dum aeroplano de amanho natural. Assim se fazem importantes experiências de aerodinâmica, essenciais para o desenvolvimento da aviação.

FLORES E FRUTOS DO SEU TRABALHO

EDUARDA Lapa expõe este ano como expõe quasi sempre. Porque ela, como as câmaras, trabalha todo o ano, acarreta, tela a tela, pastel a pastel, para o seu salão anual, as flores e os frutos do seu trabalho. E poucos artistas poderão gabar-se entre nós de viver, como ela, exclusivamente do pincel — umas vezes pintando para expor, outras vezes ensinando para ganhar.

Há três ou quatro anos, porém, Eduarda Lapa que parecia fixar-se nas flores, começou a dar-nos apontamentos alheios ao seu jardim: surgiram as primeiras marinhas, as primeiras figuras. Todos esperaram que a arte do retrato e da paisagem evoluíssem tanto em Eduarda Lapa, como as suas flores. Mas, afinal, a artista não deve ter correspondido à expectativa geral com o desabrochar da arte incipiente que se lhe afigurou. As suas marinhas permaneceram quasi sempre sem transparência líquida, e as figuras não passaram da posição estática em que as primeiras pinceladas as colocaram.

A sua última exposição, portanto, não contém nenhuma revelação. Há, sim, as flores — as camélias, principalmente, que surpreendente beleza encerram! — mas at a apurada sensibilidade de Eduarda Lapa não faz mais do que repetir-se: as brachadas de flores, os cestos tombados, as «corbeilles» cheias. Naturalmente que, depois de tantos anos de prática de pintura de flores, a artista não devem abundar motivos onde enquadrar as suas flores tão belas que quasi tocam a imaterialidade e a imponderabilidade. Mas a arte não se compadecer com a marcha do tempo — e exige fantasia, variedade de temas, de ambiente e até de composição. Eduarda Lapa preferiu, porém, fixar-se nos ambientes artificiais — brachadas de flores sobre espelhos, dentro de jarras ou de cestos — e, daí talvez, o motivo porque não está à vontade quando pinta flores ao ar livre, pegadas na terra que as gera, que é ainda, sem «decor», o seu mais natural cenário.

A última exposição de Eduarda Lapa é vasta — muito vasta, mesmo, e ainda bem, para melhor documentar o labor honesto e persistente da artista. E há lá de tudo, desde o bom — insistimos no seu jeto para nos lidar a delicadeza leitosa das camélias ou o rubro das sardinetas, como no quadro 108 — até ao desculpável que passa, principalmente, pelos aspectos da ria de Aveiro, onde só o vidro das telas consegue dar transparência às águas. Fora das marinhas — temos as casas rubras das dunas, como esses dois quadros policromos e agradáveis que têm os números 44 e 29. E há umas uvas «deliciosas», não ao paladar mas à vista — não obstante não ser o assunto digno de artista da categoria atribuída a Eduarda Lapa.

Enfim, a expositora, que expõe muito e insiste nos seus motivos predilectos — lá sabe porque: raras vezes terão sido adquiridos tantos quadros como no seu certame. E isto só reflecte uma verdade que ninguém pode desmentir: as flores de Eduarda Lapa continuam a não ter competidores na decoração de uma sala de vistas... — M. A.

PINTO DO COUTO
UM GRANDE ESCULTOR PORTUGUÊS
QUASI DESCONHECIDO EM PORTUGAL



Este «Camões», em bronze, está no Real Gabinete Português de Leitura, do Rio de Janeiro.

SEMPRE que visito o Pôrto, sinto-me mais próximo do Brasil, grande país ao qual estou ligado por laços de sangue e de impercível saúde. E atribuo essa ilusão de proximidade não só ao aspecto de algumas ruas do antigo burgo nortenho, como também ao convívio amável e amigo do escultor Pinto do Couto, professor da Escola de Belas Artes e secretário geral do Grupo de Estudos Brasileiros, daquela cidade.

Rodolfo Pinto do Couto — Pinto do Couto tout court — é uma pessoa afável e simpática, à qual uma figura me é bem plantada, como esculpida num bloco, o modo doce de falar e uma barba de azeviche, semeada de fios de prata, muito Quartier Latin, do princípio do século, emprestam um ar digno e confiante.

A vida deste estatuário, pouco conhecido dos seus compatriotas, pois é imensamente retraído e não frequenta cafés nem tertúlias, vida semeada de sonhos de beleza que ele soube realizar, sem alardes e com vagares de um contemplativo — vale a pena ser contada, mais que não seja para exemplo daqueles que pretendem fazer da arte não um passatempo ou modo de vida, mas um verdadeiro sacerdócio.

Pinto do Couto começou muito cedo. Aos 10 anos, guiado por Teixeira Lopes, seu parente e mestre, entrou para a Academia Portuense de Belas Artes, cujo curso terminou oito anos depois, alcançando assim dois «records» jamais igualados no nosso país: ser o aluno que mais novo se matriculou e se diplomou em escultura. Concorreu, em seguida, a uma bolsa de estudo em Paris, com o seu promissor trabalho «Um escravo romano condenado a morrer envenenado, contorce-se nos últimos espasmos da agonia», que ainda hoje se pode admirar no antigo convento de S. Lázaro; foi preterido, porém, por outro colega seu que, se não lhe dessem dessa vez o almejado prémio, não mais poderia concorrer, por causa da idade. O rei D. Carlos, admirador do talento do jovem escultor portuense, resolveu, num gesto magnânimo reparar a injustiça feita, e prometeu-lhe uma pensão do seu bolso particular, mantida, após a sua trágica morte, pelo rei D. Manuel.

Pinto do Couto, cheio de alegria e confiante na sua boa estrela, partiu para a Cidade Luz, nessa altura a

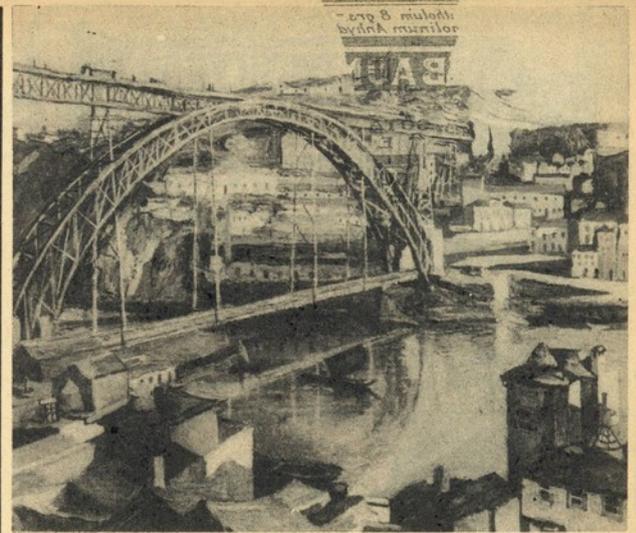
capital do espirito e da arte, onde se manteve sempre discípulo de Teixeira Lopes, frequentando com assiduidade museus e «ateliers» de mestres da época, como Mercier e Denys Puech; as lições magistrais de Richer e os cursos de arte da Sorbonne.

Proclamada a República, resolveu não regressar tão cedo à pátria, num gesto cavalheiresco de gratidão pela antiga casa reinante. Dirigiu-se, então, para o Brasil, seu velho sonho, onde trabalhou, lutou, sofreu, mas venceu, criando-se uma situação magnífica, no meio artístico e social do Rio de Janeiro.

Em 1914, visitou demoradamente a Itália, a França e a Suíça; mas a Grande Guerra fê-lo regressar à capital brasileira. A sua permanência em Itália proporcionou-lhe o precioso convívio com os clássicos, que estudou com paixão e entusiasmo. E dessa época o monumento a Eça de Queiroz, erguido numa das mais belas avenidas de Botafogo, no Rio de Janeiro, trabalho que, por patriotismo, modelou gratuitamente.

O Brasil recebeu-o de braços abertos, carinhosamente. Ali constituiu o seu lar e tornou-se um dos escultores mais em voga e uma figura prestigiosa. Privou com ilustres personalidades brasileiras, das quais conserva as mais gratas recordações. A herança artística por ele deixada, principalmente no Rio de Janeiro, e nos Estados do Rio Grande do Sul e de São Paulo, é prodigiosa: um grande número de discípulos que honram o nome do grande estatuário português e algumas das suas melhores obras, muitas das quais ornamentam praças e edifícios oficiais e particulares do Rio de Janeiro e de outras cidades brasileiras. De ante quasi 27 anos em que viveu em Terras de Vera Cruz, Pinto do Couto teve uma acção notável na arte brasileira. No governo Carlos de Campos, em S. Paulo, colaborou eficientemente para a instituição duma Escola de Belas Artes na capital daquele grande Estado. Velho amigo do dr. Pedro Ernesto, quando este foi Prefeito do Rio de Janeiro, obteve para colectividades portuguesas, como a Obra de Assistência aos Portuguezes Desamparados e Real e Benemérita Sociedade Portuguesa de Beneficência, alvarás considerando-as instituições de utilidade pública. Convidado oficialmente por sucessi-

(Continua na pág. 30)



OS NOVOS TRIUNFAM!

LUCIANO

vai expor no Pôrto...

...e JÚLIO SANTOS

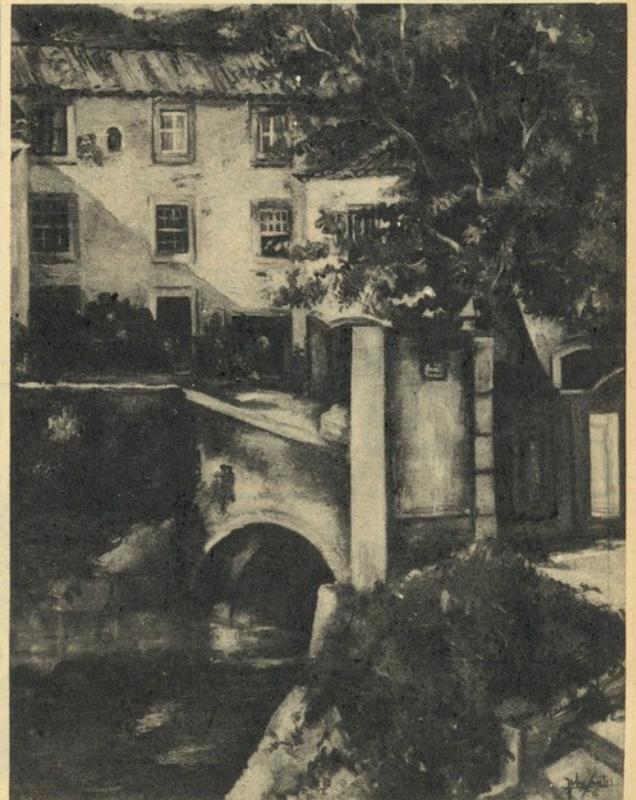
expoz em Lisboa

Luciano, pintor de grandes recursos que no ano passado conquistou o público e a crítica de Lisboa com a sua exposição de óleos, vai em breve expor no Pôrto. Aqui reproduzimos um dos trabalhos seus, executado no Pôrto, em que o pintor alia a uma forte personalidade, uma larga e profunda visão pictural.

Luciano é um dos raros pintores da actual geração que conseguiu encontrar o justo equilíbrio técnico que não é moderno, nem antigo, porque é de todos tempos.

Também Júlio Santos, que recentemente expôs no S. P. N. com êxito notável, é um artista de merecimento. Hoje Júlio Santos, dentro do largo e valioso movimento artístico dos novos, é um dos elementos mais representativos que a crítica e o público reconhecem.

A foto que damos juntamente reproduz o óleo intitulado «Entrada de Sintra», do dr. Américo Durão, e ilustra o valor do artista que o pintou.



A ARMADURA DE D. SEBASTIÃO ESTÁ NO MUSEU DE MADRID E FOI FEITA POR ALEMÃES

NINGUÉM talvez ignore que os alemães foram excelentes cinzeladores. Mas talvez nem todos saibam que foram alemães quem fez essa preciosa armadura que pertenceu a D. Sebastião, e que está hoje na Armaria Real de Madrid. De Augsburg, de Nurenberg e München saíram as mais belas peças de armadura dos séculos XV e XVI, e não podiam ter sido outros que alemães os cinzeladores de uma das mais belas peças de combate, pertencente ao rei messiânico e faustoso que quis conquistar o mundo em nome de Deus.

Foi Peffenhauser o artista que cinzelou a armadura do Imperador da Saúde que o povo queria ver voltar da triste sorte, numa manhã de nevoeiro...

Foram os armeiros alemães que fizeram as armaduras de Francisco I da França, de Henrique VIII de Inglaterra, de Filipe II de Espanha. Mas diz-se que a de D. Sebastião, talvez porque também fôsse sebastianista o artista que a cinzelou — supera em beleza todas quantas se conhecem. Foi identificada pelo prof. Böhein, de Viena, porque traz a assinatura na parte superior do pettoral e do espaldar, ao lado da pinta simbólica de Augsburg.

Nos remates da cravação, que é dourada, vêem-se, com frequência, a esfera armilar, a cruz de Aviz e o escudo de Portugal, a águia bicéfala, o leão e a granada da Casa de

Austria. O trabalho de cinzel é inimitável. O casco é formado por uma só peça, com viseira aderida e está todo recoberto de figuras relevadas a martelo. Dos lados, duas grandes cartelas ovaladas onde pelejam guerreiros antigos; à esquerda, vêem-se elefantes, sobre um dos quais um guerreiro segura o escudo de Portugal e evoca as conquistas da Índia. Na parte posterior, estão esplêndidas figuras de Diana, Hércules, Neptuno e Vénus, e na parte anterior e na viseira, lindas composições alegóricas. Nas três lâminas que resguardam o pescoço, cinzelou o artista as imagens da Força e da Justiça. Os ornamentos das restantes peças — no total, são dezasseis — impõem-se igualmente pela elegância, pelo primor da execução, pela variedade dos desenhos. Nos ombros, recortam-se laçarías de singular beleza, ostentando nas pontas a águia e o leão. Os braçais são de três peças, ligadas aos guarda-braços, e têm como adorno as quatro Virtudes. Finalmente, as manopolas abrem-se em dedos articulados — o que se considera um modelo de flexibilidade e perfeição, no género.

Para toda a vida, essa peça maravilhosa do sebastianismo português dorme no silêncio de um museu estrangeiro, tão eloquentemente ligado ao mais belo sonho de Portugal: haver o mundo e reaver um rei gentil e infeliz, quando o sonho das conquistas se desfez perante as realidades!...



«Crucifixo», mármore, existente no Palácio Arquiepiscopal do Rio de Janeiro.



Monumento a Eça de Queiroz, inaugurado em 1925, uma avenida de Botafogo, no Rio de Janeiro.

composição / Mentolum 8 grs. - Methylum Salicylicum 8 grs. Lanolinum Anhydricum 16 grs.



BAUME BENGUÉ
ANALGÉSICO
GÔTA, REUMATISMOS
E NEURALGIAS

Dr. BENGUÉ, Farmacêutico de 1ª classe
pela Faculdade de Paris

**O mais antigo Analgésico
de resultados seguros**

Um medicamento que deve existir em todas as casas.
Alívio rápido, após a primeira aplicação.

À venda em todas as farmácias do País. — Escudos: 15\$00

Pinto do Couto

(Continuação da pág. 29)

vos governos federais e estaduais, modelou os bustos dos presidentes Wenceslau Braz, Epitácio Pessoa, Washington Luis, Getúlio Vargas, Borges de Medeiros, Júlio Prestes e Carlos de Campos, contando-se ainda entre as suas melhores obras os bustos de Rul Barbosa, Visconde de Moraes, Ricardo Severo e muitos outros.

Pinto do Couto tornou-se, no Brasil, com Ricardo Severo, Correia Dias e tantos outros, muitos deles injustamente esquecidos, um embaixador da arte portuguesa e um amigo fiel e conselheiro avisado de muitos compatriotas que o procuravam.

Um dia, em 1936, as saudades venceram as conveniências e Pinto do Couto, acompanhado por numerosa família e portador de algumas dezenas de volumes com algumas de suas obras em mármore e bronze, e mais rico de experiência do que de bens materiais, regressou definitivamente à pátria, fixando-se no Porto, a terra natal, que lhe tinha acarinhado os primeiros sonhos e triunfos. O seu bilhete de visita foi uma exposição de algumas de suas obras, das quais se destacam a "negra" e o busto de Sousa Pinto — foram adquiridas pelo Município português e estão, actualmente, no Museu Nacional de Soares dos Reis. Essa exposição foi justamente considerada um dos últimos acontecimentos artísticos ocorridos na capital nortenha; mas a sua ânsia de beleza plástica não podia fazê-lo parar sobre os louros ganhos. A Câmara Municipal do Porto nomeou-o professor do Internato Municipal de Artes e Ofícios e, mais tarde, conservador do Museu da Cidade, lugar que prestigiu e que ocupou até à sua integração no Museu Nacional de Soares dos Reis. Pelo afastamento de mestre Teixeira Lopes, atingido pelo limite de idade, foi o seu discípulo Pinto do Couto substituí-lo, por indicação unânime do Conselho Escolar da Escola Portuguesa de Belas Artes, num preito de justiça ao seu talento, na regen-

A BOLSA DO LIVRO

Praça de D. João da Câmara, 44.º
LISBOA TEL. 28470

**compra, vende troca,
emprêsta e leilão
livros em todo o país.**

Informações bio-bibliográficas, etc.

**Única organização
no seu género**

Sabe responder ?

(Respostas da pág. 7)

- 1 — No século XIX.
- 2 — Filho querido da vitória.
- 3 — Um grande poeta e filósofo inglês, que exerceu profunda influência literária no seu tempo.
- 4 — A 25 de Julho de 1139.
- 5 — José Maria Machado de Assis.
- 6 — Na Holanda.
- 7 — Alvaro Gonçalves Coutinho.
- 8 — Giacomo Meyerbeer.
- 9 — Francisco Piçarro.
- 10 — À Grécia.

cia da cadeira de Escultura daquele estabelecimento de ensino, em que pontificaram Manuel da Fonseca Pinto, Soares dos Reis e António Alves Pinto — chave de ouro duma existência inteiramente dedicada à arte, ao ensino e ao culto da beleza.

ELMANO SIMÕES COELHO



Desde que uso
o petróleo
CLIPER
não me caem
um só cabelo

O PETRÓLEO CLIPER É O ÚNICO QUE CONTEM IODO
FRASCO 20000

À VENDA NAS BOAS CASAS DO PAÍS

APRENDA RADIO

Encontrará nos nossos cursos um ensino atraente, completo e fácil
Peça folhetos grátis á

ACADEMIA NACIONAL DE RADIO

AVENIDA DR. MANUEL LARANJEIRA, 12 PORTO



UMA GOTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crostas, feridas, erupções, ardências na pele, etc. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

À venda em todas as farmácias e drograrias

Preço avulso: 11\$00



BANCO ESPIRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

Capital Realizado 22.000.000\$00
Fundos de Reserva 105.500.000\$00

Rua do Comércio, 95 a 119 — LISBOA

Dependências Urbanas

ALCANTARA — POÇO DO BISPO — CONDE BARÃO —
ALMIRANTE REIS — BEMFICA

Filiais e Agências:

Porto, Coimbra, Braga, Faro, Covilhã, Tórres Vedras, S. João da Madeira, Santarém, Tórres Novas, Gouveia, Tortozendo, Mangualde, Figueiró dos Vinhos, Estoril, Abrantes, Matozinhos, Moura, Olhão.

TÓDAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

TELEF. — 2 0244
TELEG. — PAPEL CAR

SECCOES DE VALORES/FEIADO/ E TABACARIA

**Papelaria
Carlos**
de Carlos Ferreira, Lda

ESPECIALIDADE:
EM LIVROS PARA
ESCRITURACAO
COMERCIAL

GRANDE SUPLIDO
DE ARTIGOS PARA
DESENHO
E ESCRITORIO

55 RUA DO OURO, 55
LISBOA

Exija lâmpadas
PHILIPS
TERÁ LUZ PERFEITA E ECONÓMICA

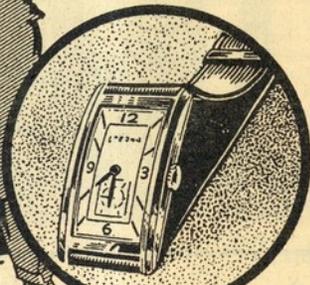


PASTA MEDICINAL
Couto
CURA estomatites
TRATA as doenças da boca

Que horas são?

pontualidade...

Com
A MARAVILHA
DA TÉCNICA
no pulso



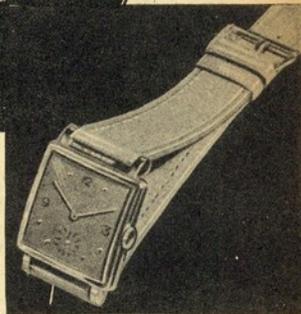
ETERNA

NAS BÔAS RELOJOARIAS
E OURIVESARIAS

Veja



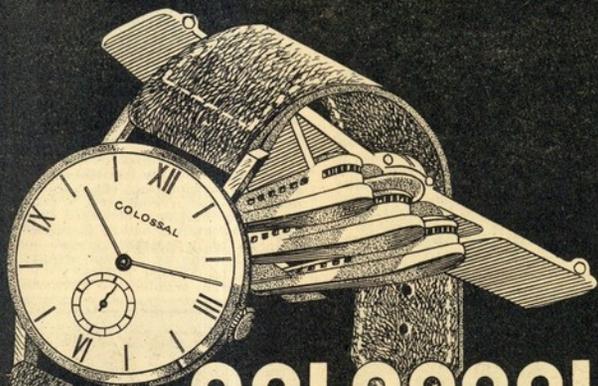
O RELÓGIO
DE REPUTAÇÃO
MUNDIAL



os relógios
das MELHORES MARCAS



Galaretti



COLOSSAL

*Qualidade
e precisão*

SUISSE

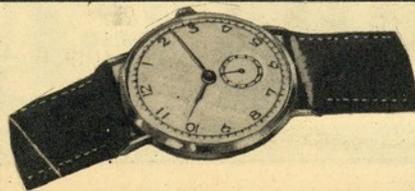
Mondia

relógio

TITAN

SUISSE

DUA MARCAS
QUE MARCAM CERTO



NA ROMÊNIA PITORESCA

Também há o «muro do derrete» Que se chama «feira das raparigas»

A FINAL, o «Muro do Derrete», ali para os lados saltois, não é moda exclusivamente nossa. Sabe-se agora que, em Galna, no planalto transilvano, se conservou até aos nossos dias um costume matrimonial que os demais romenos perderam: a «Feira das Raparigas», em tudo muito parecida com os nossos costumes saelicos, e uns e outros naturalmente legado de povos árabes.

Assim, no estio, em véspera de S. João, dirigem-se para o monte Galna milhares de carros, levando famílias com raparigas em idade casadoira. As donzelas vestem os melhores trajos e levam nos carros enxovais e haveres. Depois, improvisa-se uma grande feira, nos altos de Galna, com milhares de tendas e fogueiras. Durante o dia, as famílias que têm raparigas para casar enfeitam os carros com verduras, flores e tapetes. E diante do seu carro, junto do seu dote, a donzela espera o pretendente, rogando a Deus que êle seja moço, bonito e de longa vida...

Grupos de rapazes passam, então, diante dos carros e conversam com as raparigas, se não preferem convidá-las para dançar. Os pais ou os parentes oferecem-lhes bolos, frutas e vinho. E quando o dia cai e começa a «flora» — a folgosa dança popular romena que continua até ao cerrar

da noite — os rapazes abrem-se, então, em declarações de amor e promessas de eterna estima. E então que os noivos voltam ao carro e o rapaz toma conta do dote, para logo no dia seguinte se efectuar o casamento, assistido de vários padres e diáconos, convidados pelos pais a viver durante a feira na montanha.

Como se vê, tudo é simples e pitoresco. Mas, o certo é que não dá mau resultado. Basta dizer que chegam a unir-se, pelos santos laços do matrimónio, dez a doze casais, numa atmosfera de alegria colectiva extraordinária.

Quando a feira acaba, os recém-casados ficam mais um dia na montanha. E, então, entre os casais consorciados estabelecem-se laços indestrutíveis de amizade.

Embora os noivos e noivas venham às vezes de aldeias muito afastadas umas das outras, os casais unidos assim ficam amigos para toda a vida — e para toda a vida presos às amizades e recordações do auspicioso enlace.

A feira do Monte Galna, que é famosa em toda a Romênia, atrai espectadores e carros de noivado das províncias mais distantes do país, constituindo uma tradição transmitida de milenários tempos e conservada até hoje quasi miraculosamente.

A. B.



MOTIVOS PARALELOS

O ESTILO MANUELINO E OS TRAJOS DA HUNGRIA

AS naus do Rei Venturoso regressam das Índias com um carregamento que não é só constituído por especiarias e nardo. Vêm também chelas de coisas que não figuram nos registos de bordo mas que vivem nos olhos dos marinheiros e afloram a toda a hora nas suas conversas: a nostalgia das terras que acabam de deixar, a recordação de outros céus encantados e tórridos, o gosto do exótico. Depois de desembarcar, os marinheiros continuam a sonhar, e os seus sonhos ganham uma vida plástica, misturando-se com as formas da natureza que os cerca, mesmo daqueles cujo pendão gótico brilha uma vez mais antes de se extinguir.

No estilo manuelino, nascido deste modo, um Oriente férrico se reflecte, uma flora tropical se aclimata sob o velho céu da cristandade. A grande aventura das Descobertas penetra triunfalmente pelos pórticos da Batalha, de Santarém, de Vestiania.

Esta capela parece uma gruta a doirar a atmosfera salgada pelo mar. Na obra de Arruda, rebuscamos conchilhas, madriposas e corais. Aqui, são as palmeiras de pedra que se enlaçam, ali as amarras, cordas presas por nós, cordas torcidas, âncoras enroladas nos instrumentos náuticos e a cruz de Cristo que se sobreleva na esplêndida janela de Tomar é bem a imagem daquelas outras que seguimos nos audazes galeões, nossos conhecidos do Livro das Armadas.

Nada na Hungria pode ser comparado a êstes monumentos, tão opulentos, tão exuberantes. Os húngaros gostam, porém, do que é simples e sóbrio. De certo, os turcos vencedores não-de-ter-nos trazido métodos, matérias-primas, idéias novas, inspirados na sua Ásia. Mas, pelo contrário, os mouros, por exemplo, não tinham grandes mestres de construção. Alguns minarates esbeltos, alguns zimbórios e termos — eis tudo o que ficou do seu domínio. Quanto a empenhar-se um caminho que não fosse o indicado pelos turcos, para atingir uma síntese preciosa — não pode haver duas opiniões: o turco era o inimigo e faz-se por não cumprir, tanto quanto possível, o gosto do inimigo.

Existia, portanto, um campo em que o procedimento húngaro se baseava no mesmo princípio de defesa. Mas, osaremos nós, a propósito dos claustros e das igrejas, das flechas e das colunas manuelinas, falar de um fenómeno tão frívolo e passageiro como a moda?

Permitimo-nos fazê-lo. Na sua essência, o estilo manuelino é mais uma «féria» fantástica, uma orgia de ornatos, um fogo de artifício, do que propriamente um estilo arquitectónico. O bloco de mármore que êle assinalou é rico, rutilante como um traje da Renascença húngara. Datam ambos do mesmo século. Sômente, se um nos fala de pompas, de alegrias, de vida, a origem da

outra arte — porque a moda também é uma arte — encontra-se nos combates, no sangue e na morte.

Eram as guerras contra o Império Otomano que obrigavam à imitação da armadura e do equipamento turcos e, por consequência, dos seus próprios trajos.

A túnica de mangas de arminho a bem a um conselheiro de Sua Magestade Fidelíssima, um arnés pesado era cómodo para um general que passava revista a um exército em tempo de paz. Mas a vida dura à proa dos navios exigia trajos cómodos, facilmente utilizáveis mal soasse um sinal de alerta — e o alerta, nesses tempos heróicos, soava todos os dias!

Os fatos de corte oriental correspondiam perfeitamente às necessidades da gente que dormia abivacada.

Bem entendido, o traje oriental havia de se transformar, inevitavelmente, em traje húngaro. O génio da raça conseguiu criar, com a ajuda de elementos vindos de muito longe, uma obra muito pessoal, muito única, diremos. Novas linhas nasceram, assim, influenciadas, cada vez mais, pela moda do Oriente, que tira a sua desforra. Mas cabe aos estudiosos e especialistas seguir de perto esta evolução ulterior e descrever todas as maravilhas de dolmans e casacos. Porque os guerreiros húngaros amavam o luxo, e os seus hábitos, para serem práticos, não precisavam de excitar certo ar decorativo e sum-

tuoso. O tecido que empregavam era de listas de ouro e de flores multi-brocado persa, carregado de prata, cores — uma ou outra vez em damasco de seda italiana ou mesmo espanhol. Guardados de pequenas boteleiras em passamanaria, umas vezes bordadas de flores, outras ainda de um largo galão cobrindo todo o peito. Muitas vezes também eram guarnecidos de peles e os calções, quasi sempre justos à perna, tinham as costuras disfarçadas sob os mesmos galões de seda. Usavam botas ricamente ornadas, bonés de feltro, seda ou veludo. A pele de tigre ou pantera atirada sobre o ombro e caída para as costas dava uma nota varonil ao conjunto elegante e gracioso.

As mulheres eram, porém, mais refractárias à influência oriental, preferindo os modelos de Versailles, senão mesmo os de Queluz... A uma saia de muitas pregas, juntavam um corpete guarnecido de barbas de baleia, a apertar na frente.

Sob o corpete usavam uma camisetta cujas mangas eram curtas ou compridas, segundo a carícia do sol determinava.

Ao recordarmos hoje os tons berantes dos trajos dos homens — essas sôres de escarlate, acáfril, verde-esmeralda — compreender-se-á a razão porque o húngaro conheceu uma voga quasi eterna, não só nos países vizinhos mas, também, graças aos «chussards» que as usavam arrogantemente, na Europa inteira.

Mas, enfim, aconteceu o que acontece muitas vezes, quando os homens manejam um objecto que lhes agrada mas cujo valor moral não comprehendem: esse objecto desvaloriza-se.

Bastaram algumas oportunidades para que os trajos húngaros, que era uma farda de guerreiros, se transformasse, sob a influência estrangeira, em brinquedo de ociosos.

Divertiam-se a mascarar-se à húngaro, durante o Carnaval e, durante mesmo um século, assif foi costume vestir as crianças...

Rousseau terá ainda de lançar os seus anátemas contra esta moda, lembrando às mães os inconvenientes de apertar o corpo dos bebês. As suas palavras, porém, não tiveram eco, pois não se pode matar uma moda senão por causa de outra moda. E só a angomania conseguiu pôr fim ao húngarismo.

As crianças francesas, filhas de boas famílias, passaram a vestir-se de marujo e de grumete, ao serviço da armada britânica.

Como se vê, um trapo de brocado pode durar tanto como uma coluna de granito, mas aquêle deixa-se destronar mais facilmente!...



SANDOR BAUMGARTEN



As estrêlas dão conselhos de beleza

AS artistas de cinema possuem, decerto, um segredo que lhes permite uma coisa preciosa: resguardar a juventude dos ataques da velhice.

Quantos anos tem Irene Dunne, Katherine Hepburn, Vera Zorina, Claudette Colbert?

Ninguém sabe ao certo. Sabe-se apenas que elas são sempre jovens e sempre atraentes. Todavia, esse segredo maravilhoso, parece que se resume num pouco de paciência e... vontade de bem parecer!

Claudete Colbert diz-nos nada mais, nada menos do que isto: «Consigno a finura e rigidez da minha face, servindo-me dum azeite finíssimo para limpar os poros do rosto».

Irene Dunne, por sua vez, declara

que tóda a sua atenção especial, vai para a pele das mãos e o tratamento das unhas.

Katherine Hepburn, essa rapariga de olhos bonitos, diz que nenhuma mulher devia descurar o brilho das pupilas, a ondulação das pestanas, enfim, tóda a «maquillage» perfeita que os olhos requerem. A seu ver, são eles os verdadeiros responsáveis de grandes decisões tomadas.

E por último, apontemos a opinião de Vera Zorina: — «O meu maior cuidado está justamente na boa conservação do meu cabelo. Quero-o sempre sedoso e brilhante».

Se reunissemos todos estes preciosos conselhos, ficaríamos assim preparadas para desafiar o tempo! Talvez sim... ou talvez não!



Este gracioso e riquíssimo vestido, todo bordado a fio de prata, foi desenhado por Miss Hoffenden, exclusivamente para Margaret Lockwood no papel de «Mina», do filme a estrear «Give us the Moon»



1840



1944

Mrs. Helena Mann, milionária norte-americana, estava engordando de mais mas afirma haver perdido onze quilos apenas com este exercício: colocar no soalho e recolher uma a uma, as cartas de um baralho, na posição que se vê na gravura, tendo, porém, o cuidado de se manter sempre na ponta dos pés.



MARIALIA

LEITORA AMIGA

Várias vezes se tem procurado resumir a opinião e os sentimentos da mulher portuguesa no mundo de hoje. Bem sei que muitas raparigas cheias de sonhos, de esperanças e de ansiedades, temem às vezes revelar os seus pensamentos com recelo das críticas e dos comentários.

Por isso mesmo, «Vida Mundial Ilustrada», inicia hoje os seus inquéritos semanais à mulher portuguesa — à mulher que é mãe, que é filha, que é noiva, que é esposa, que é irmã. Este será um cantinho onde tódas poderão registar as suas opiniões, confessando com verdade e justiça o que pensam, do mundo, da vida, dos problemas que nos preocupam.

Estou certa de que esta nova e moderna secção, terá um bom acolhimento da vossa parte, porque é, sobretudo, dedicada a vós, leitoras amigas. Apenas vos peço uma coisa: que sejam concisas nas vossas respostas.

mundo através dos tempos. O que antes era apenas uma reverência galanteadora de certos trovadores românticos, passou a ser nos tempos de hoje, um hábito, por uns olhado com simpatia e por outros encarado com total desdém. Espero, pois, que vos pronunciéis sobre o «flirt». Concordais com ele ou não? Em qualquer dos casos, porquê?

Mas agora, atental bem nas condições obrigatórias para as vossas respostas:

1.º — Devem ser escritas com o menor número possível de palavras — pois que, dizer muito em pouco espaço, é uma das grandes virtudes do espírito.

2.º — Enviai a vossa resposta que poderá ser assinada com o vosso nome ou com um pseudónimo para Página Feminina, «Vida Mundial Ilustrada», Rua da Emenda, 69, 2.º — Lisboa.

3.º — As respostas para este primeiro inquérito, devem dar entrada na redacção da nossa revista, até ao dia 11 do próximo mês de Abril.

Nós publicaremos as melhores respostas a cada inquérito — melhores pela maneira concisa, pela forma literária, pela profundidade de observação.

Não vos demoreis, portanto, a participar nos nossos inquéritos.

CORRESPONDENCIA

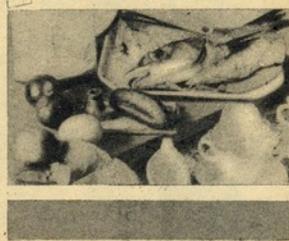
Com este título, vamos abrir uma nova secção destinada a procurar resolver, tanto quanto possível, qualquer problema de ordem moral ou da vida prática que de momento aflija as nossas leitoras.

A RECEITA DA SEMANA

Filetes de garoupa à milanesa

- 500 gr. de garoupa cortada em filetes
- 200 gr. de banha
- 100 gr. de farinha de trigo
- 100 gr. de pão ralado
- 1 chávena, das de chá, cheia de leite
- 2 ovos
- sal q. b.

Tomam-se os filetes, lavam-se, temperam-se com sal e molham-se no leite. Em seguida, passam-se na farinha de trigo, depois nos ovos batidos e por último no pão ralado. Levam-se a fritar de ambos os lados na banha bem quente ou em azeite e colocam-se sobre uma peneira forrada de papel pardo, para os desengordurar. No momento de servir dispõem-se no centro duma travessa guarnecida com folhas de alface ou montinhos de nabo, batata e cenoura, cortadas em quadradinhos.



HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XXV - A campanha africana

EM dois capítulos anteriores, intitulados «Nos areais da Líbia» e «Águias sobre o Mediterrâneo», ocupámo-nos do desenvolvimento das operações no Norte de África e na zona do Mediterrâneo durante a sua primeira fase. Como pode verificar-se pela leitura desses dois capítulos, a partir da primavera de 1941 os acontecimentos militares que estavam a desenrolar-se no continente africano passaram a estar, íntima e directamente, relacionados com o que se passava na Europa. Nos dois continentes tratava-se, para cada um dos blocos beligerantes, de realizar uma acção coerente e uniforme de forma que aquilo que se passava num deles se reflectisse, imediatamente ou a distância, no outro.

Por esta razão, o teatro de operações africano deixou de constituir, a partir daquela data, um teatro de operações com carácter local para assumir uma função, cada vez mais importante e essencial, no panorama geral do conflito que, entretanto, se alargou a todo o mundo. Essa transformação foi assinalada pelo aparecimento da aviação alemã sobre o Mediterrâneo e pelo envio dum corpo expedicionário de especializados alemães, o «Afrika Korps» para o continente africano.

O Reich, com estes dois actos, significou ostensivamente que os encargos crescentes que a condução da guerra na Europa implicava para o seu esforço não impediam os seus soldados e os seus aviadores de cooperarem activamente em operações de cujo resultado era lícito esperar uma contribuição decisiva para o desenlace da luta. A três anos de distância pode perguntar-se se esta concepção estratégica produziu todos os resultados que dela se esperavam ou se, pelo contrário, não redundou numa dispersão de forças que era tanto mais de considerar quanto é certo que se produzia nas vésperas da Wehrmacht receber ordem para lançar o ataque na frente leste.

Estava o Reich em condições de suportar essa dispersão de forças sem que, com isso, sofressem os seus objectivos imediatos a realizar na Europa? É certo que o «Afrika Korps» tinha efectivos reduzidos e era constituído por especialistas de há muito treinados para a luta em climas quentes. Mas, de qualquer maneira, tratava-se de distrair forças do objectivo principal e essencial que, na primavera de 1941, galvanizava todas as energias alemãs: colocar a máquina russa em condições de não poder constituir mais uma ameaça na retaguarda da fortaleza alemã.

OS FINS EM VISTA

Este inconveniente manifesto foi, porém, dominado no espírito dos dirigentes do Reich por considerações de outra espécie que finalmente acabaram por

fortalecer. Precisamos não esquecer que a Alemanha fazia, em 1941, uma estratégia de tipo mundial que parecia justificada pela sua aliança com o Japão e pela sua decisão de enviar tropas para África.

Não era apenas o desejo de auxiliar o seu aliado italiano, desejo que por virtude das circunstâncias se transformara em necessidade, que explicava essa decisão. Os chefes militares alemães não pretendiam apenas evitar que as fraquezas evidentes do seu aliado degenerassem, rapidamente, num colapso que podia ser, nessa altura, de consequências muito delicadas. Não queriam, também, apenas constituir sobre o Mediterrâneo uma zona de segurança continental e, para além d'ele, um «glacis» protector que impedisse o retorno ofensivo dos seus adversários.

As suas aspirações eram mais elevadas e mais vastas. Para os chefes militares alemães existia, em estreita colaboração com os dirigentes de tipo mundial na qual a região crucial do Suez não podia deixar de estar abrangida e prolongada pelo Próximo Oriente. Os acontecimentos não fizeram senão justificar o fundamento desta concepção.

A questão estava em saber se o Reich dispunha das forças e dos recursos indispensáveis para a realização de uma tal concepção estratégica. As suas perdas em vidas, no teatro de operações europeu, haviam sido insignificantes. Nas campanhas da Polónia e da França, únicas em que a Wehrmacht tivera de defrontar uma resistência militar organizada, a luta havia sido conduzida quase exclusivamente por especializados sem intervenção de grandes massas de soldados. Podia dizer-se que, praticamente, o potencial humano do Reich se encontrava intacto à data em que foram gisados e postos em execução os planos que haviam de dar ao teatro de operações africano uma importância decisiva no quadro geral e mais vasto da guerra.

IMPORTÂNCIA DA ÁFRICA COMO CONTINENTE DE LIGAÇÃO

Era pela África e pela zona do Suez que se fazia a ligação intercontinental com a Europa e com a Ásia. Por isso é frequente ouvirmos chamar à região vital do Próximo Oriente o patamar de três continentes. É essa, efectivamente, a sua posição geográfica e tem sido essa simultaneamente a sua função estratégica.

Na outra guerra os alemães, embora com forças diminutas, nunca deixaram de guerrear em África. Mas, nessa altura, a sua posição para realizar os objectivos que tinham em vista parecia singularmente facilitada pelo auxílio activo dum aliado precioso, a Turquia. Foi assim que a Alemanha de Guilherme II pôde colocar em transe a segurança imperial britânica naquelas paragens.

Em 1914 a Alemanha de Guilherme II tinha os turcos como aliados mas faltava-lhe a aliança do Japão. O que quer dizer que o prolongamento da sua acção, para leste, não podia ter uma projecção mundial por falta dum aliado ao qual fosse possível dar a mão, no momento oportuno, isolando a coligação dos seus adversários. Em 1941 o Reich nacional socialista tinha os japoneses como aliados mas faltava-lhe a aliança da Turquia. Havia um plano de extensão e proporções mundiais, mas faltava, para a sua execução perfeita, um elo que era necessário forjar no patamar do Próximo Oriente. Não foi por acaso que, na primavera de 1941, os alemães fizeram simultaneamente a sua aparição em África e assinaram um pacto de amizade com a Turquia. A amizade deste país era-lhes indispensável, não apenas para poderem desencadear com as necessárias garantias de segurança a sua ofensiva contra a Rússia, mas também para que essa ofensiva se enquadrasse no plano de acção que se estendia ao Próximo Oriente e, para chegar a este, ao continente africano.

Rommel, com o general Navarini, concerta algum plano sobre a campanha do Norte de África



PLANOS DE ACÇÃO CONCERTADOS

Assim nós vemos depois, com o desenvolvimento das operações militares, revelar-se a coerência dos planos da coligação totalitária. No verão de 1941 os alemães penetram na imensidade russa e na imensidade africana para atingirem, por um lado a destruição da máquina militar soviética e isolarem por outro lado a Grã-Bretanha. No verão do ano seguinte, embora nenhum desses objectivos estivesse integralmente realizado, encontravam-se ambos suficientemente amadurecidos para, com a intervenção do terceiro factor de execução, o factor japonês, ser possível fazê-los entrar numa fase decisiva.

No verão de 1942 encontramos os alemães instalados no Cáucaso e nas proximidades de Alexandria. O patamar do Próximo Oriente estava aberto às suas iniciativas. O esforço final que seria necessário para a execução integral dos planos estabelecidos não pôde ser realizado. Não por falta de energia, mas por falta de elementos de execução em número e em força suficientes. Entre esses elementos de execução, o potencial humano ocupava o primeiro lugar.

Sem a diversão africana, talvez a operação ofensiva contra a Rússia tivesse resultado plenamente pela concentração total dos recursos da nação alemã contra um objectivo único. Pela mesma razão, sem a diversão do Cáucaso é possível que a investida contra Estalinegrado, cujo êxito representaria um golpe mortal para a economia soviética e portanto para o esforço de guerra da U. R. S. S., tivesse sido coroada de êxito. São hipóteses que admitem uma discussão prolongada mas cujo fundamento não oferece dúvidas. Assim encarada a estratégia alemã aparece viada por defeito fundamental que nega as regras de todos os seus mestres de Clausewitz a Ludendorff: a vitória só pode ser alcançada pela concentração total dos recursos nacionais contra um objectivo determinado.

Mas sem essa dispersão, o Reich nacional socialista, como a Alemanha Imperial, estava condenado a realizar uma estratégia puramente continental do tipo bismarquiano que colocaria os frutos das suas vitórias na Europa à mercê de futuras coligações extra-continentais que não deixariam de se formar perante o espectáculo da força alemã e da sua expansão.

EM AFRICA NA PRIMAVERA DE 1941

Recordemos o que se passava em África, na primavera de 1941, e procuremos relacionar os acontecimentos daquele continente com os acontecimentos que estavam a produzir-se no resto do mundo.

O Japão tomara as suas últimas disposições e fizera os seus últimos preparativos para entrar na guerra. Mobilizara os seus soldados e instalara-os na Indo-China e no Sião, de onde deviam partir à conquista de Singapura. O Senado norte americano acabava de votar a lei de Empréstimo e Arrendamento, depois duma discussão prolongada que terminou pela derrota do isolationismo. Os Estados Unidos punham em marcha a sua máquina de produção e decretavam o serviço militar obrigatório. Só os cegos não viam que a sua intervenção activa na luta era apenas uma questão de tempo.

O Reich ocupava, numa campanha relâmpago entremeadas de episódios políticos reveladores, a península balcânica. Instalava as suas forças em Creta e estabelecia o seu domínio no Egeu. A Turquia, aliada da Grã-Bretanha, aparecia automaticamente bloqueada. Com o aparecimento dos alemães nas ilhas do Egeu coincidia a sua aparição na Trácia vindos da Bulgária que se decidira a jogar abertamente a carta do Eixo. O governo turco decidiu-se finalmente pela assinatura do pacto de amizade com o Reich.

Simultaneamente a Wehrmacht fazia os seus últimos preparativos para iniciar a ofensiva da Rússia. Os atrasos trazidos pela resistência episódica dos países balcânicos podiam retardar um pouco esses preparativos mas não eram de molde a inutilizá-los. Ninguém ignorava nem a sua extensão nem a sua finalidade. Era com uma lógica perfeita, portanto, que a Wehrmacht dominava os Balcãs em Abril, que no mesmo mês o «Afrika Korps» aparecia em África que simultaneamente se faziam os preparativos derradeiros para desencadear uma ofensiva de grande estilo contra a Rússia e uma ofensiva diplomática contra a Turquia. A intervenção dos Estados Unidos e do Japão era anunciada por sinais percursores que não enganavam. A guerra europeia ia degenerar em conflagração mundial. A uma conflagração mundial correspondia, necessariamente, uma estratégia mundial. Os respectivos planos estavam elaborados. Foi preciso apenas adaptá-los às circunstâncias de espaço e de tempo. Entre esses planos figurava a ocupação da zona crucial do Suez, como prelúdio à marcha sobre o próximo Oriente. Foi essa a razão fundamental que explicou o aparecimento do então general Rommel, com o seu corpo de especializados, nas paragens da Líbia.

O AVANÇO ALEMÃO

Recordemos também, embora resumidamente, os factos que nessa altura se passaram no Norte de África. Em fins de Fevereiro de 1941 os ingleses tinham feito a sua entrada em Benghazi, sob as ordens de Wawell. Os primeiros aparelhos da Luftwaffe tinham pairado sobre Malta. O desembarque do «Afrika Korps» constituía ainda para os profanos um segredo que poucas semanas depois se revelaria em toda a sua significação.

Constituído por cerca de setenta mil homens adestrados intensivamente para a guerra no deserto, o «Afrika Korps» ia ampliar a experiência feita durante a campanha de Wawell. A guerra mecanizada, tal como se fizera na Europa, era perfeitamente adaptável ao terreno arenoso e às temperaturas elevadas. Aquilo que parecia, pouco tempo antes, uma verdadeira impossibilidade entrava assim nos domínios do real e do imediato.

A esta transformação iam os alemães fazer corresponder a sua capacidade técnica e a sua organização administrativa. O «Afrika Korps» aparecia como um corpo de elite altamente mecanizado, composto por efectivos reduzidos em número mas habilitados a fazer uma guerra de especialistas em que a qualidade dominava, de longe, a quantidade dos efectivos postos em campo para combater.

A inferioridade revelada pelos italianos e a insuficiência manifesta dos ingleses em material indicavam a possibilidade de esse corpo de especialistas dominar rapidamente a zona de guerra onde era chamado a intervir. Essa ameaça para a segurança britânica e para a segurança do grupo das Nações Unidas só desapareceu no dia em que, à quantidade do material e das tropas do «Afrika



Em 1941, os transportes motorizados nacional-socialistas foram uma revolução na campanha da Líbia

Korps», os ingleses puderam opor contingentes devidamente adestrados e um equipamento de guerra moderno e prático.

O GENERAL ROMMEL

O comandante do «Afrika Korps» foi a personalidade escolhida para a realização desse plano. O chefe tinha as qualidades e os defeitos dos seus subordinados. Por isso, a sua linguagem era perfeitamente entendida e as suas ordens adivinhadas e executadas com uma rapidez desconcertante. Durante a acção desenvolvida pelo general Rommel em África, o que mais impressionou foi a rapidez dos seus movimentos e a mobilidade das suas forças. Estas características eram uma consequência da estreita união e da perfeita compreensão que se estabelecera, desde o início, entre o comando e os seus subordinados.

Embora estivesse estado afastado das fileiras do exército durante alguns anos e tentasse a carreira política revelando-se um adepto entusiástico do nacional socialismo, Rommel que tomara parte na guerra de 1914-18, revelara-se sempre como um militar inteiramente devotado à carreira das armas. A eclosão do actual conflito foi a oportunidade que se ofereceu para que os seus serviços pudessem ser de novo utilizados.

Durante a campanha da Polónia foi-lhe confiado o comando duma divisão blindada. Rommel compreendia a importância de intervenção dos engenhos mecanizados na guerra moderna e a extensão das consequências que desse factor deviam resultar. Terminada a campanha da Polónia, tomou parte na campanha da França, distinguindo-se novamente e sendo, por isso, condecorado com a Cruz de Ferro. Foi a sua divisão que perfurou a linha Maginot, em Maubege, permitindo que os alemães atingissem rapidamente o litoral. A sua reputação subia em consequência dos feitos de guerra que praticara. A sua situação de filiado no partido dera-lhe ensejo para que, na primeira ocasião, lhe confiassem um comando da maior responsabilidade. A ocasião surgiu quando se tornou necessário conduzir os soldados alemães ao continente africano.

O AVANÇO DO «ÁFRIKA KORPS»

Nos primeiros dias de Abril, Rommel surgia na Líbia e com o «África Korps» desencadeava a sua primeira ofensiva contra os ingleses. Estes, como vimos, depois da ocupação de Benghazi tinham atingido El Agheila e Jedabia

(Continua na pág. 36)



O «Afrika Korps», do comando do general Rommel investia em massa e em surtidas imprevistas e incômodas para o inimigo

PELES

A primeira casa especializada do país.

Manolita

APRESENTA:

Preciosos modelos e peles para a primavera.

Os seus ateliers, onde se trabalha exclusivamente em peles, são dirigidos por técnicos estrangeiros especializados.

Apesar da categoria de CASA DE PRIMEIRA ORDEM vende a preços acessíveis.
RUA RODRIGUES SAMPAIO, 160
Telefone 40961

UM BRINDE DE PÁSCOA

UMA DAS MUITAS CAIXAS DE MÚSICA QUE ACABAM DE CHEGAR



*Modelos
com discos mudáveis*

Visite os Estabelecimentos
**VALENTIM
DE CARVALHO**

Rua Nova do Almada, 97

TOIROS

O acontecimento mais notável da época que começa: Leial...

Parceria António Maria Pereira

DA BARREIRA...

CRONICAS TAURINAS

POR SARAIVA LIMA



PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

GRAMOFONES

Chegou nova remessa

Modêlos com motor eléctrico de autêntica novidade

Visite os Estabelecimentos
Valentim de Carvalho
RUA NOVA DO ALMADA, 97

Enviarm grátis catálogo descritivos

HISTORIA DA GUERRA

(CONTINUAÇÃO DA PÁG. 33)

onde se detiveram. As suas linhas de comunicação tinham-se alongado excessivamente e tornara-se indispensável tirar parte dos seus efectivos e desviá-los para os Balcãs a fim de honrar os compromissos assumidos com a Grécia.

Em 2 de Abril, os alemães conquistaram Jedabia. A fraqueza dos seus adversários era patente. Rommel não se limitou, depois de ter estudado as condições da guerra no local, a assegurar eficazmente a defesa da Tripolitânia. A facilidade com que liquidou a resistência das forças que se encontravam em Jedabia foi um incentivo para mais vastos cometimentos a realizar imediatamente.

Successivamente tódas as posições de certa importância que Wawell havia conquistado aos italianos foram recuperadas pelos alemães de Rommel. O avanço pôde assim prosseguir sem oposição séria até Tobruk onde, pela primeira vez, Rommel defrontou uma defesa organizada que o levou a desistir dum ataque frontal contra aquela posição fortificada. Depois de a ter ultrapassado, o «Africa Korps» prosseguiu no seu caminho e atingiu a fronteira do Egipto, onde chegou em poucos dias. Ali se deteve o seu avanço. Nem o «Africa Korps» tinha forças e organização que lhe permitissem explorar completamente o êxito inicial, que fôra decisivo, e a mais elementar prudência indicava-lhes a vantagem de não ir mais além. Uma vez que a praça forte de Tobruk ficara no seu flanco como uma ameaça constante apoiada ao mar.

Era esta a situação, no fim de Abril, quando as operações noutros teatros da guerra iam intensificar-se e a Wehrmacht se preparava para concentrar a maior parte dos seus recursos na campanha de leste.

(Continua)

AMÁLIA RODRIGUES

(CONTINUAÇÃO DA PÁG. 13)

Esteve uns momentos por detrás das cortinas, até que prolongada ovação troux nos ares. Pela estreita abertura, saíram os guitarristas em fila indiana e, na cauda, a Amália, ela mesma!

O repórter, está-se mesmo a ver, saiu-lhe ao caminho. A Amália fez pequenina careta de enfado. Depois, sorriu. Que outra coisa podia ela fazer?... O repórter tratou logo de se lamentar e de a censurar.

— Oh, desculpe! — dizia ela. — Até faltel ao ensaio, veja lá...

Pois sim! Mas não pensasse que o repórter sala dali sem a entrevista, nem que fôssems duas palavras ao menos. A Amália ainda tentou adiar para outro dia:

— Estou tão cansada hoje!...

Fol para o camarim, e o repórter sempre atrás dela. Saliu a primeira pergunta:

— Quando parte para o Brasil?
Ela sentou-se numa cadeira, cabeça encostada à mão.

— Quando parte? — tornou o repórter.

Então, Amália Rodrigues olha-o muito seriamente e diz:

— Sabe, eu não gosto de dar entrevistas... Nunca sai bem aquilo que a gente disse... E quem sou eu para me pedirem uma entrevista? Apenas canto o fado... mais nada...

O repórter insiste, fala no público, enaltece o papel da Imprensa. Amália não se demove.

— Diga apenas quando parte?...

Amália levanta-se.

— Posso dizer-lhe duas ou três pequenas coisas, mas com a condição de as publicar como notícia e não como entrevista. Aceita?...

Para êstes casos há apenas uma solução: E fazer com a cabeça um sinal um pouco obliquo, que tanto pode dizer *sim* como *não*... e fica a consciência tranqüilla.

— Bem — continua Amália. — Parto no dia 15 d'êste mês.

— E para onde vai trabalhar?

— Para o Casino de Copacabana, no Rio de Janeiro.

— como foi contratado?

— O empresário português D. Manuel Atalala, actualmente em Lisboa, ouviu-me contar e gostou...

— Partem os dois juntos?

— Não. Ele parte primeiro.

— E o que vai fazer lá?

— Trabalhar.

— Em que género?

— No meu. Cantar o fado!

— E por quanto tempo será a demora?

— Dois meses.

Há uma pequena pausa. O repórter procura gravar tódas as respostas na memória, já que não pode servir-se do papel nem do lápis.

— Não ficará pelo Brasil, como a Beatriz?

Amália apressa-se a dizer que não.

— Voltarei dois meses depois, asseguro-lhe — e com ardor: — Aqui é que é a terra do fado! Além disso...

— Além disso...

— ...Tenho de vir filmar...

A notícia gra saborosa.

— Como se chama o filme?

Ela sorri:

— Ainda não posso dizer.

— E quem o vai realizar?

Outro sorriso:

— Segrêdo... Só lhe digo que é um filme de fados e de touros...

Vou interpretar o primeiro papel...

«Sentia-se» que a entrevistada estava no fim. O repórter fez a última pergunta:

— Projectos?...

— nenhuns... Quero apenas conservar o público que tenho... e essa é toda a minha felicidade... Não ambiciono mais do que isso. Sou portuguesa e quero ser fadista! Mais nada...

APÊNDICE

«Que ficava zangada com o repórter se ele publicasse a entrevista», disse Amália Rodrigues. E doloroso perder-se a amizade e a simpatia da grande artista, Idolo do nosso público. Todavia, se depois d'êste tão grande trabalho, o repórter nada dissesse aos seus leitores, era caso para se demitir e entregar a sua carteira ao sindicato.

Que a Amália desculpe a Inconfidência, Aliás, aquêle sinal obliquo com a cabeça nada queria dizer; nem *não*, nem *sim*. Isto é uma desculpa, naturalmente. E oxalá, Amália Rodrigues a aceite!... Vá, Amália, sorria!... REPÓRTER UM

CALÚNIA

(CONTINUAÇÃO DA PÁG. 40)

Deixou-se dos frascos de brilhantina, abandonou o emprêgo e começou a frequentar a taberna do João Galego onde se embebedava até cair, até o levarem para casa.

Tudo se passou de repente, como nas fitas do Loreto em sessões continuas.

Nos momentos mais lúcidos da sua existência, o senhor Madruga chorava. A desgraça não pede licença para entrar em casa. Ruminava nos seus pecados e lembrava-se então das suas forças. «Tanto boli na honra alheia que fui castigado.» Vinha então para a janela fazer comícios de Apóstolo, pregar a verdade das intenções e a moral dos costumes. «Perdão, ó gentes! Perdão! Perdão!» Era o seu estribilho.

A garotada vinha escutá-lo e rir-se d'êle. Coitado!

Pois foi numa dessas vezes que êle pôs a claro tudo o que se tinha passado entre êle e a Maria Afonso.

— Meti-a no automóvel dum rapaz meu amigo e levei-a para o Malpique. Beije-i-a à força mas ela resistiu sempre. Até que me fugiu. Não lhe toquei, o que eu disse, foi para me vingar.

Perdão, ó gentes! Perdão! Perdão!

Passado algum tempo, a Maria Afonso e o Fernando casaram. Hoje, são os benjamins da rua. Aconçegaram-se num lar modesto e simples e Deus, para os recompensar, deu-lhes dois anjos: um rapaz e uma rapariga.

Todos os dias os vejo a todos e ao lembrar-me desta história antiga, quasi esquecida por todos, menos por mim, nunca me esqueço daquêle preceito que vem na doutrina cristã: *bemaventurados os que padecem perseguição por amor da justiça porque d'êles é o reino do céu.*

Assim seja! Hoje e sempre.

NOTAS DE GUERRA



Londres voltou a sofrer terríveis bombardeamentos aéreos. Nesta foto, vemos um grupo de refugiados de Gibraltar que, uma vez mais, se vêem obrigados a procurar outro tecto, porque a sua casa de Londres ficou destruída.

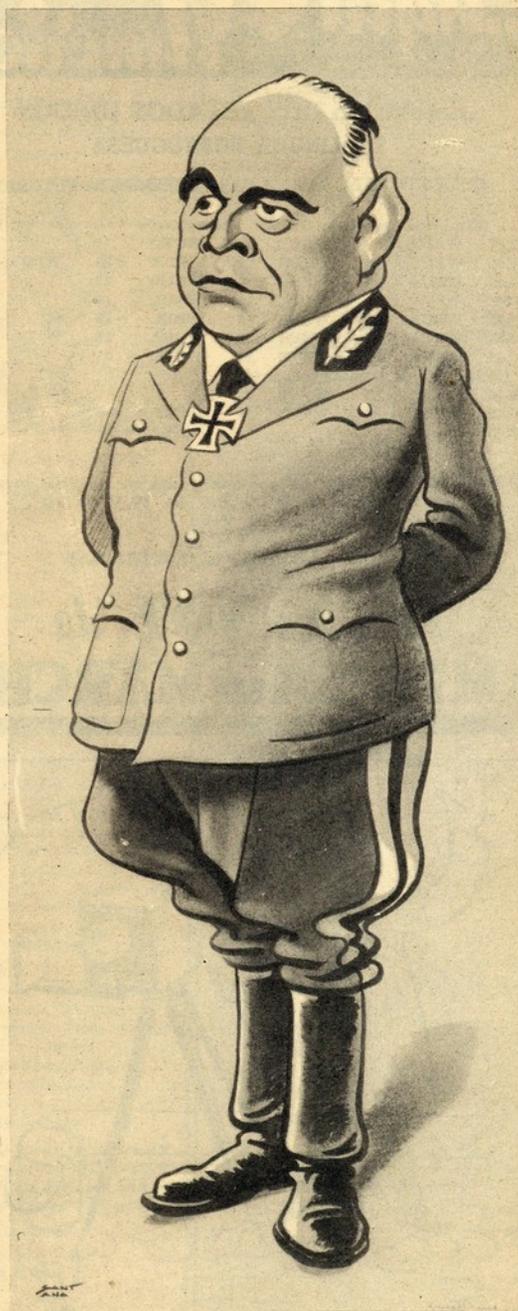


Hoje, a Itália esfacela-se, como ontem aconteceu à França, enquanto não pôde criar unidade de combate. Aqui vemos guerrilheiros italianos do partido de Badoglio, capturados pelas tropas alemãs.



Mas não é só Londres que sofre os bombardeamentos. Berlim recebe, dia e noite, a resposta londrina que lhe desorganiza a vida, durante dias inteiros. Eis uma cozinha ambulante que prepara e distribue os alimentos ao ar livre, pela população sinistrada.

FIGURA DA VIDA MUNDIAL



KESSELRING — A campanha de Itália veio de novo iluminar a estrela que parecia pouco a pouco empalidecer, depois que as dissidências com Rommel, na campanha de África, haviam competido para a Europa as forças aéreas comandadas pelo «bávaro sorridente», membro do Estado-Maior alemão, perito de assuntos de aviação e infantaria — para não dizer que é conhecedor de todas as técnicas de forças terrestres. Os seus 58 anos experimentados em duas guerras estão agora a ser postos à prova no supremo comando das forças de oposição à invasão aliada, em Itália. Faustoso, insinuante, o antigo representante militar do Reich em Roma que conseguia tomar parte nas reuniões do Conselho Fascista, foi um dos mais experimentados e pertinazes reorganizadores do exército alemão, depois do Tratado de Versaillles. As grandes destruições de Londres, em 1940, foram superiormente comandadas por ele, e Coventry — ele usa, nos actos da sua vida particular, o nome de Kesselring de Coventry — sentiu amargamente o pulso do seu poder. O inimigo Aliado sabe-o bem e não lhe regateia o reconhecimento do seu valor. A campanha actual da Itália assim o impõe.



**EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS
EM LINGUA PORTUGUESA**

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

Horas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas
12,45	WRUA	25	WRUS	19	WGEO	19		
13,45	WRUA	25	WRUS	19	WRUW	25	WBOS	19
14,45	WRUA	25	WRUS	10	WRUW	25		
17,45	WRUA	25	WRUS	19	WRUL	19		
18,45	WRUA	25	WRUS	19	WRUL	19		
19,45	WRUA	25	WRUS	19	WGEA	25	WCDA	26
20,45	WRUA	25	WRUS	19	WGEO	31		
(Meia hora de programa especial)								
21,45	WRUA	39	WRUS	31				
22,45	WRUA	39	WRUS	31	WKLJ	30		
23,45					WKLJ	30		

«A VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da «B. B. C.» das 19,45 às 20

EMISSÕES DIÁRIAS

**OIÇA a VOZ da
AMERICA em MARCHA**



‘ ‘ **MONTEGIL** ’ ’

Fixe bem V. Ex.^a este nome e esta marca! São super-produtos de beleza e de perfumaria nacionais de moderna técnica!



PEÇA-OS NAS CASAS ESPECIALIZADAS

P A P Y R U S

- PAPYRUS — O melhor papel para escrever
- PAPYRUS — O melhor papel para imprimir
- PAPYRUS — O melhor papel para Títulos de Crédito
- PAPYRUS — O melhor papel para Apólices, etc.
- PAPYRUS — Os melhores livros comerciais
- PAPYRUS — Os melhores sobrescritos
- PAPYRUS — O melhor papel para cartas



PAPYRUS
Extra Strong

A venda nas Papelarias e Tipografias

Depósito geral:
Amador A. Dominguez & C.^a (Filho)
Rua dos Correios, 70
LISBOA
End. telegráfico PAPIRO — Telefone 25854



As suas reproduções merecem um cuidado especial

não as confie portanto a qualquer, entregue-as a

BERTRAND (IRMAOS), L.^{DA}

e ficará inteiramente satisfeito
TRAV. DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

JAMES RAWES & Co.

AGENTES DE NAVEGAÇÃO E SEGUROS

Lloyd's Agents

AGENTES DE:
ROYAL MAIL LINES, LIMITED
(MALA REAL INGLÊSA)

NORWICH UNION FIRE INSURANCE SOCIETY, LTD.
BRITISH OVERSEAS AIRWAYS CORPORATION
etc., etc., etc.

RUA BERNARDINO COSTA, 47, 1.^o
Telefones: 23232-3-4 LISBOA

SALÃO DE CHA-RESTAURANTE E BAR

AGUIAR

A única casa que tem um salão privado para Casamentos, Banquetes etc.

Esmerado serviço de Lanches

17, Rua do Carmo, 19 — Telefone 24751

LISBOA

★ PASSATEMPO ★

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

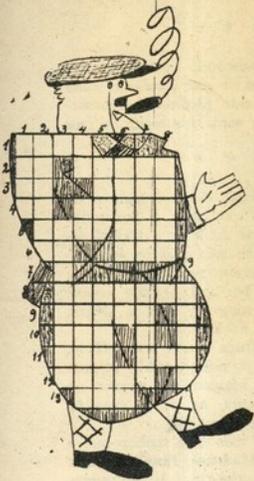
TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA Á R. MARQUEZ SÁ DA BANDEIRA, 108-3.º — LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS • DAMAS • XADREZ • CHARADAS

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 22

Por José Rodrigues Correia (Viseu)



ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1 — Serra port. 2 — Ainda; cobrir com lodo. 3 — Troça; mau dançador. 4 — Art. (pl.); ri sem ruído. 5 — Unlam. 6 — Letra grega; apêndice membranoso de alguns insectos e peixes. 8 — Rio do Estado de Pernambuco e alagoas, Brasil. 9 — Prep. e pron. demonstrativo. 10 — Petrôleo. 11 — Composição poética; elrô. 12 — Venda. 13 — Ecôa.

VERTICAIS: 1 — Estro poético. 2 — Dar sabor de anís. 3 — Nome porp. masculino. 4 — Nesse lugar;

igreja; chalaças. 5 — Perfume; limpeza. 6 — Ofereceria; consoantes; prep. e art. 7 — Penhor; antiga região da Ásia Menor. 8 — Reuma. 9 — Limpa.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 21

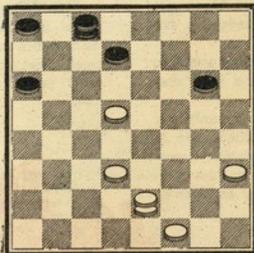
HORIZONTAIS: 1 — Branquearam. 2 — Ias; mirado. 3 — Si; as; calor. 4 — Ornam; mace. 5 — Adias; sal. 6 — Na; adros; lr. 7 — Snr; acres. 8 — Acib; avlar. 9 — Corem; as; os. 10 — Arenas; aço. 11 — Resurgiram.

VERTICAIS: 1 — Bis; ensacar. 2 — Ralo; ancure. 3 — As; rã; rires. 4 — Anda; bens. 5 — Sáfda; mau. 6 — Um; marcar, sr. 7 — Eic; sorva. 8 — Aram; seis. 9 — Ralas; Sa; ar. 10 — Adoçai; roça. 11 — Moreira; som.

DAMAS

PROBLEMA N.º 19 (Concurso)

Por Albino Pais (Nelas)



Jogam as brancas e ganham.

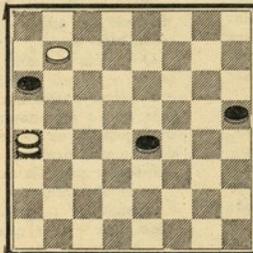
Colocação das peças:

B — Pedas em 2, 9, 11 e 19.
Dama em 6.

P — Pedras em 21, 24, 27 e 32.
Dama em 31.

FINAL DE JOGO

por Francisco Henriques (Almeirim)



Jogam as brancas e ganham.

PROBLEMA N.º 17

Solução

30-26	18-22	22-27	26-1
4-14	25-18	31-22	P

g.

PROBLEMA N.º 18

Solução

19-23	11-14	2-6	3-7
27-20	18-11	11-2	2-27

7-30
P g.

CAMPEONATO DE «DAMAS» DAS CALDAS DA RAINHA

Teve início no dia 15 de Março de 1944, na sede da Associação do Comércio do Concelho das Caldas da Rainha, o campeonato de «damas» desta linda e próspera cidade, a disputar numa só categoria, e para o qual se inscreveram os seguintes «damistas»:

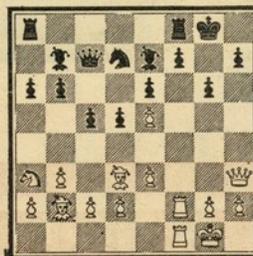
José Simões
Abel Ribeiro de Campos
António Augusto dos Santos
António Emanuel Pinto Garcia
António Diniz Padreca
António Rodrigues Botas
Armando Ferreira Louro
César Gomes
José Rodrigues Girão.

A finalidade deste campeonato é o apuramento de quatro ou cinco jogadores para um eventual encontro com os de Torres Vedras.

XADREZ

MOMENTO CRÍTICO N.º 7

Que jogaria nesta ocasião?



Jogam as brancas.

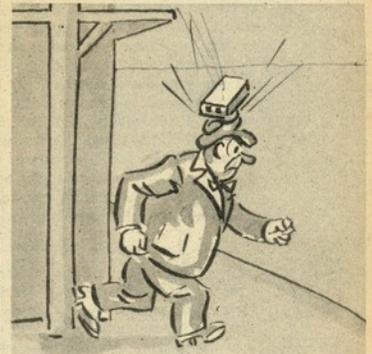
Solução do momento crítico n.º 6
Partida Ericson-Gösta: 1. C6A+! e deve ganhar.

Um homem para as curvas...

Por STUART



Hoje sinto-me capaz de tudo! Se alguém se mete comigo, racho-o!



Que é isto? Quem se atreve?...!



Eu só queria saber quem foi o bruto que me atirou com o teijôlo! Espera aí, que eu já lá vou!



— Que desejas o cavalheiro?
— Eu? Nada! Vinha trazer isto que o sr. deixou sair!

1.º Campeonato de «Damas», de Ovar



Grupo de alguns concorrentes e do organizador. Sentados, e da esquerda para a direita: Joaquim Belo Correia Dias, dr. José Augusto Carvalho da Silva, José Polónia Figueiredo, António Lopes e David Godinho. De pé, e pela mesma ordem: José de Oliveira Soares, José Flávio da Silva Ribeiro, António Laranjeira, António Carvalho de Moura, Engenheiro Fernando Moura, Manuel Silva e Manuel Antunes. Em frente à taça, o campeão José Polónia Figueiredo. Em pé, por detrás do campeão, o incansável organizador António Carvalho de Moura.

Calúnia

Conto Silva Bastos
por
desenho de Stuart

A Maria Afonso vivia na casa dos azulejos, ao pé do chafariz do Museu e o Fernando morava no outro lado da rua: lá em baixo, para os lados da Travessa Larga, num primeiro andar que tornejava para a Cova da Moura.

Quem conhecer a Rua do Olivall saberá como ela é grande — um pequeno país, quasi, com a capital arrumada nas vizinhança da farmácia do senhor Artur, junto à esquerda do quartel do 2, e com uma igreja que é um monumento nacional: a capela de S. Francisco de Paula. E, quem a conhecer melhor, há-de duvidar que haja outra rua assim: tão característica, tão evocativa, tão direitinha — duma ponta se vê a outra — e, sobretudo, tão amiga do Tejo. Cada janela seu miradouro.

Nem em Santa Catarina há mais que ver! E demais, segundo dizem os que lá moram, é um regalo, nos dias lindos em que o sol dá de chapa nas frontarias, uma pessoa estar em casa e ter mesmo em frente o cenário da Outra Banda, tão perto e tão aconchegado, que até dá vontade de estender a mão para acariciar aquilo tudo.

* * *

Mas, como ia dizendo, a Maria Afonso vivia numa ponta da rua e o Fernando vivia na outra ponta.

O rapaz era metalúrgico e ela andava na mestra, a aprender para costureira de calças.

Não direi que a Faria Afonso era uma destas caras lindas que espantam qualquer pessoa, mas, — que Diabo... — não sendo nenhuma beldade, sempre tinha certos encantos.

Ele eram os olhos, maliciosos e engraçados, ele era o cabelo, naturalmente ondulado, aberto ao meio, com uma pôpa atrevida do lado esquerdo, ele eram por fim — que sei eu?... — os seus dezanove anos, plenos da saúde que se expandia dos seus gestos, dos seus sorrisos e suas falas.

O Fernando adorava-a. Dizia-se lá no sítio que por causa «daquelas coisas» que se rosnavam aqui e além, o pobre tinha de andar constantemente de ouvido à escuta para acudir com os punhos quando a calúnia vinha ao de cima.

Eu já lhes conto tudo. E só não deve ler quem já sabe, que eu não vou acrescentar uma vírgula ao que foi acontecido, exemplo em que podem meditar, uma cópia da vida que às vezes se pode repetir.

* * *

A Maria Afonso, antes de ir para o trabalho dava sempre uma volta pelo Jardim da Rocha. Era jeito que lhe ficara de menina aquela paixão pelos canteiros floridos: aquêlê respirar matutino dos perfumes da terra, amorosamente regada pelo senhor José — jardineiro velho em seu ofício — já manco caduco, árvore carunchosa no Outono da vida.

A Maria Afonso raramente parava; era só torcer um nadinha: entrar por um lado e sair pelo outro.

O que ela não sabia — e como podia saber?... — é que tódas as manhãs estavam dois olhos, ansiosos e sequiosos à espera dela, que a espreitavam da casa vermelha da Repartição de Finanças, no enleio peador de que nenhuma rapariga, por mais honesta, se pode livrar.

Esses olhos eram os do senhor Madruga e dizendo-lhe o nome, digo tudo: para quem sabe e para quem não sabe. Basta-me acrescentar que se tratava dum sujeito quarentão, muito dado a nós de gravata, frascos de brilhantina e «Flores de River». Além destas, tinha a paixão das conquistas — coitado!... — e arranjara uma côrte de estúpidos onde pontificava, onde contava as romancesas e amorosas aldrabices que a sua fecunda imaginação conseguia architectar.

Pois com a Maria Afonso a coisa esteve para fiar mais fino, como soe dizer-se, e, se não aconteceu o que esteve para acontecer, tudo se deve à graça de Deus que interveio a tempo para dignidade dos homens.

O senhor Madruga tinha muito prestígio na rua e com essa arma foi-lhe fácil chegar à fala com a rapariga.

Umas manhãs por outras acompanhava-a à mestra, dando àquela intimidade um ar natural e simples. Mas certa manhã, a propósito não sei de quê — o Diabo tem sempre manhas... — meteu-a num automóvel.

Nêsse dia, a Maria Afonso chegou a casa tôda lavada em lágrimas e depois...

* * *

Depois é que o Fernando a conheceu e a namorou. A pouco e pouco, de ponta a ponta da rua, tôda a gente foi dizendo que o «pobre rapaz, andava mesmo cêguinho de todo». Não andava tal, como depois se viu.

— Maria Afonso, conta-me a verdade — perguntou-lhe êle, logo nos primeiros dias. — O que se passou contigo e com o senhor Madruga?

E ela, com a maior simplicidade, contou-lhe tudo.

* * *

Vem na velha sabedoria de Cícero: *não há nada mais veloz do que a calúnia, nada que se nos escape mais facilmente, que melhor se aceite, que mais se estenda na face da Terra.*

* * *

A honra da Maria Afonso andava de porta achinchada por tudo e por todos — senhoras vizinhas de levar e trazer, demónios que o Diabo não quis no Inferno.

O Fernando andava perdido — perdido por um, perdido por mil («mato aquêlê manlândro e... pronto!») mas a Maria Afonso acreditava no Destino.

O Senhor Madruga tinha uma filha; bela rapariga que já tinha servido de modelo àquêlê pintor húngaro que morava na Travessa da Amoreira, ao pé da casa da senhora D. Amélia Rey Colaço.

Pois foi mesmo com êsse senhor que a filha do senhor Madruga resolveu fugir para nunca mais aparecer e já lá vão quinze anos, bem contados pelos dedos.

O pobre homem envelheceu num dia.

(Continuação da pág. 36)



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA

REDACÇÃO E ADMINIST.: R. DA EMENDA, 69, 2.º — LISBOA — TEL. P. B. X. — 25844